

RevistaDigital

FÉ CRISTÃ

Edição 2

Rev. **Willian Steigenberger**

Qual é mais importante no plano de Deus? Ministério pastoral ou magistratura?
Um olhar bíblico sobre o assunto vai mostrar que a resposta não é tão óbvia quanto parece.

Conversando com:

Pr. **Jackson Jacques**

Uma entrevista brutal sobre comportamento polêmico e divergências teológicas.

INDESCULPÁVEIS

Em busca de algo digno de receber a devoção de nossa existência.

A idolatria política explicada a partir de Romanos 1

Revista FÉ CRISTÃ

FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta **CAPA:** Gabriel Ferreira **DESIGN INTERNO:** Marcos Motta **CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO:** Equipe de colaboradores **DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta **REVISÃO DE TEXTO:** Lorena Garrucho **TRANSCRIÇÕES:** Priscila Layanne **PUBLICIDADE/DIVULGAÇÃO/PROPAGANDA:** Equipe de colaboradores **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ, edição 2, ano 1, nº 2, maio de 2020, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

Conteúdo

- 7 Editorial
- 8 Devocional Fé Cristã
- 10 Piedade Masculina
- 12 Opinião
- 20 Psicologia e fé cristã
- 22 Fé cristã e política
- 32 Música na igreja
- 35 Apologia da fé cristã
- 38 Fé cristã e juventude
- 47 Plantação de igrejas
- 51 Ciência e fé cristã
- 55 Direito Religioso
- 59 Feminilidade bíblica
- 63 Filosofia e fé cristã
- 68 Ministério e ofícios
- 71 Sou pastor, quero ser político. E agora?
- 77 Coluna do Zágari



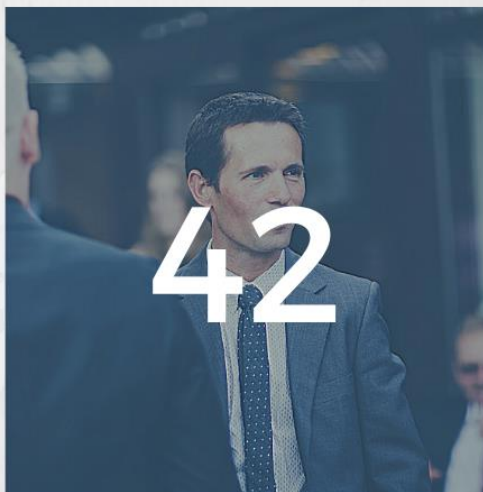
INDESCULPÁVEIS

O artigo do mês traz um esclarecimento sobre o que é a idolatria política, a partir de Romanos 1 e outras passagens bíblicas.



CONVERSANDO COM O... PR. JACK

Marcos Motta entrevista o pastor gaúcho famoso por suas pregações honestas e seus comentários polêmicos.



MINISTÉRIO PASTORAL E MAGISTRATURA

Qual é mais importante no pano de Deus? Rev. William Steigenberger responde.



FICAR SEM O CULTO SOLENE É PIOR DO QUE A MORTE

Como um bônus para nossos leitores, trouxemos para a edição de Maio o famoso artigo do Rev. Rodrigo Brotto que resultou em um livro homônimo.

O CREDO APOSTÓLICO

Creio em Deus Pai, Todo-poderoso, Criador do Céu e da terra. Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria; padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; ressurgiu dos mortos ao terceiro dia; subiu ao Céu; está sentado à direita de Deus Pai Todo-poderoso, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Universal; na comunhão dos santos; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo; e na vida eterna. Amém.

Carta do Leitor

Olá, querido leitor. Que a Graça e a paz do Senhor Jesus estejam com você. Para uma melhor experiência, gostaríamos de ressaltar que somos uma revista formada por servos de Deus de várias denominações e linhas teológicas. Por isso, OS TEXTOS DE CADA COLUNISTA E ARTICULISTA DIZEM RESPEITO TÃO SOMENTE ÀS OPINIÕES, INTERPRETAÇÕES E CONCLUSÕES DO PRÓPRIO AUTOR QUANTO AOS TEMAS ABORDADOS. Cremos que nós, das principais denominações cristãs e linhas teológicas, devemos estar unidos por nossas semelhanças, ao invés de separados por nossas diferenças. Em nossa revista, portanto, teremos colunistas de diversas linhas teológicas: pentecostais, calvinistas, arminianos, batistas, assembleianos, presbiterianos, enfim, somos uma equipe que integra membros de todas as grandes linhas do protestantismo. Vale lembrar que cada irmão da equipe faz um trabalho piedoso e santo, tanto nas redes sociais, quanto em sua igreja local. Todos os colaboradores, portanto, afirmam sem sombra de dúvidas todas as doutrinas centrais do cristianismo. TODAS. Nosso objetivo, com esse critério, é produzir um material cristão de qualidade, com conteúdo rico, teologicamente saudável, para que você possa ser abençoado, edificado e equipado em sua caminhada cristã – e sem ter que pagar por isso. Coloque-nos em suas orações e que Deus abençoe sua vida! Esta revista foi feita especialmente para você, para a glória de Deus. Desfrute do recheio. E até mês que vem.



**SÊ HUMILDE PARA
EVITAR O
ORGULHO, MAS
VOA ALTO PARA
ALCANÇAR A
SABEDORIA.**

Agostinho



Dando continuidade

por Marcos Motta
editor-chefe

Publicar o primeiro número de uma revista, que foi projetada em apenas um mês e meio, já é um feito e tanto. Confesso que deu aquele friozinho na barriga. Mas, eis que chegou o segundo mês, o mês da publicação número 2. E, por incrível que pareça, o friozinho continua aqui. Esta é a hora de alinhar o passo, este é o momento em que a empolgação inicial vai embora e o trabalho duro entra em cena. E é isto que estamos fazendo: estamos dando continuidade, solidificando o projeto.

Dar continuidade é exatamente isso, é nivelar as coisas, equilibrar. Para o caído, é levantar do chão, sacudir a poeira e continuar a jornada. Para o exultante, é voltar das nuvens, aterrissar no mundo e firmar os pés em terra firme, pois a vida não costuma perdoar quem vive fora da realidade. Nós nunca veremos um personagem importante da Bíblia que tenha sido dado a extremos. Por mais diferentes que fossem em suas personalidades ou por mais variadas que possam ter sido as experiências que viveram, os personagens bíblicos eram equilibrados - sem contar que quando estavam quase perdendo o equilíbrio, o próprio Deus dava um jeito de lhes equilibrar as coisas. A luta ou o refrigério vinham, a graça ou a disciplina, e eles tornavam à sobriedade.

O núcleo da Revista Fé Cristã deste mês está voltado para a idolatria política. Assim, você vai notar que algumas colunas, ao longo da revista, tratarão exatamente deste tema. É um tema necessário. Estamos vivendo em uma era na qual a política transcendeu o espaço geográfico dos prédios dos poderes e sua cadeira

cativa nos noticiários, indo parar não apenas na boca do povo, mas, em suas mentes e corações.

As redes sociais estão provando, dia após dia, que nós somos todos políticos. Não queremos admitir, mas é a realidade. Na verdade, o que desejamos é que o nosso político de estimação não seja o criminoso que muitos estão dizendo que ele é. Lutamos para que nossos conhecidos abandonem a “ignorância” e se unam a nós em nossas preferências político-partidárias. No fundo, no fundo, odiávamos quando nossos pais ligavam o rádio na hora do “A Voz do Brasil”, mas hoje somos irremediavelmente reflexos seus – o Facebook é um “A Voz do Brasil” em texto, foto e vídeo. A pergunta que surge é: por que isso acontece? A resposta é: porque temos dificuldade em dar continuidade às nossas vidas sem depositar nossas esperanças em algo ou alguém. Não somos apenas pessoas que estão opinando sobre política, somos um eleitorado extremamente preocupado em “quem será que vai garantir a nossa continuidade pelos próximos quatro anos?”.

Agora, uma coisa é quando você sente aquele friozinho na barriga, por que vai sair mais uma edição do seu tão esmerado projeto. Há, obviamente, o desejo de que o projeto tenha sequência. Outra coisa é o desespero de quem pensa que seus direitos e seu bem-estar podem ser assegurados por um mero político, um qualquer. É válido ressaltar que isso não acontece apenas na via política, antes, quando nosso anseio por continuidade está firmado em qualquer projeto, em qualquer área da vida, e não em Deus, tudo acaba em pizza mesmo, digo, em idolatria.

DE COVARDE A PREGADOR VALENTE.

“Aí ele começou a se amaldiçoar e a jurar: “Não conheço esse homem!” Imediatamente um galo cantou. Então Pedro se lembrou da palavra que Jesus tinha dito: Antes que o galo cante, você me negará três vezes. E, saindo dali, chorou amargamente.” (Mateus 26:74,75)

Recentemente, me perguntaram se seria normal um cristão sentir medo do coronavírus. Não poucas pessoas, têm me procurado assustados, com medo de serem contaminados e de não resistirem. Há muitos cristãos, nesse momento, sofrendo, tendo crises de ansiedade e de depressão; o medo foi a chave para desencadear todos esses problemas.

Olhando para história da Igreja, percebemos que isso demonstra sim, uma deficiência em nossa fé. Por exemplo, Henry Martyn, missionário na Índia e na Pérsia, escreveu em seu diário, em janeiro de 1812:

“Ao que parece, o presente ano será mais perigoso do que qualquer outro que eu tenha visto; mas, se eu viver para completar o Novo Testamento persa, minha vida depois disso será de menor importância. Mas, seja minha a vida ou a morte, que Cristo seja magnificado em mim! Se Ele tem um trabalho para eu fazer, não posso morrer.”

Olhando bem para disposição de Henry - que também foi num período de pestes semelhante ao nosso -, e olhando para nós, percebemos que nossa fé está muito aquém de como deveria estar.

Um outro testemunho que me impactou, foi o de Policarpo de Esmirna, Bispo da Igreja do século II. Quando teve sua fé ameaçada por causa do Evangelho, ele não recuou. Ao contrário disso, a história narra o seguinte:

“Mas Policarpo, com seu rosto muito sério, olhou para a multidão dos pagãos sem lei presentes na arena e fez-lhe um gesto com a mão. Depois, gemendo e olhando para o céu, disse:

— Fora com os ateus!

Mas, o procônsul insistiu, dizendo:

— Faça o juramento, e eu o libertarei. Amaldiçoe a Cristo.

Policarpo, por sua vez, disse:

— Durante oitenta e seis anos O tenho servido, e Ele nunca fez nada contra mim. Como posso blasfemar contra meu Rei que me salvou?”

Sim, Policarpo não temeu a morte. Crendo em Cristo, ele preferiu sofrer o martírio. Essas histórias e outras nos deixam humilhados.

Enquanto os nossos irmãos do passado estavam prontos a dar a vida, nós estamos assustados com o risco de sermos contaminados com o coronavírus. Mas, calma, pois, se há relatos que nos humilham, também há relatos através dos quais podemos nos encontrar e obtermos a esperança de que podemos mudar nossa realidade. E é aí que entra em cena o famoso Pedro.

O apóstolo de Cristo teve seu momento de covardia, assim como nós. Ele andou com Cristo, viu os milagres de Jesus, bem como ouviu os alertas sobre os perigos iminentes por causa do Evangelho, e também sobre a vida eterna. Cristo o assegurou que voltaria para buscá-lo – o próprio Deus confiou-lhe a revelação de que as portas do Inferno não prevaleceriam contra a sua Igreja. Sim, Pedro aprendeu sobre os atributos de Deus - escatologia, cristologia, pneumatologia e muitas outras doutrinas cristãs apreendidas diretamente das pregações do Mestre.

É óbvio que, ouvindo e vendo tudo isso, Pedro estava convicto de que jamais negaria a Jesus. Muitos de nós, odiando com razão os achincalhamentos à Noiva do Senhor, em atos extremos, pedimos perseguições para que a Igreja seja purificada através delas. Todavia, olhando para a situação em que se encontra a nossa fé constatamos que não estamos prontos para tal coisa.

Jesus alertou a Pedro que a fé dele ainda era frágil, e que se fosse tentado, haveria de negar a fé. Quando, finalmente, Pedro achou a oportunidade de demonstrar a firmeza de sua fé, uma pergunta o destronou: *“Tu também estavas com Jesus, o Galileu?”* Aquele que declarou “de boca cheia” que jamais abandonaria a Cristo, o negou por três vezes. Depois disso, Pedro se retirou humilhado, em prantos. Chorou amargamente!

Eu acredito que é esse o quadro de muitos cristãos. Estão humilhados por notarem o quanto está fraca a sua fé. Na internet, fingem que está tudo bem, mas a realidade é que o pavor anda tomando conta da mente. Como a corça anseia por águas, correm atrás de notícias boas, do tipo “encontramos a vacina”. Sim, muitos de nós estamos destruídos por dentro. Nossa falta de fé está estampada em nossos rostos! Todavia, graças a Deus, que a história de Pedro não termina assim - o desfecho não mostra um covarde em prantos.

Em Atos dos Apóstolos, no capítulo 2, um homem cheio do Espírito chama para si as atenções de indivíduos de diversas nações. Ele se põe de pé e começa a pregar o Evangelho. Denuncia os pecados de todos que ali estavam, inclusive, daquelas autoridades que ordenaram a morte de seu Mestre. Seu sermão resultou em quase três mil almas para Cristo. Sim, este homem valente, cheio do Espírito de Deus, que não temia às autoridades locais e nem o risco iminente de ser morto era Pedro – o mesmo Pedro que havia negado a Cristo! Deus transformou o covarde em valente. A fé de Pedro era fraca, mas o seu Salvador é forte!

Eu tenho esperança de que o que aconteceu com Pedro pode acontecer com aqueles que se viram assustados com a iminência da morte na propagação deste vírus. Sua fé pode ser e, na maioria do tempo, é fraca. Mas, o Salvador Jesus Cristo é forte!



Henrique Vidal, 26 anos, é membro na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Salvador – BA, onde é professor e coordenador da Escola Bíblica Dominical, e diretor de missões.

O HOMEM

é a glória de Deus!

*Se nós somos a glória de Deus,
isso quer dizer que fomos
escolhidos para, assim como
Jesus, sermos enviados ao
mundo para que o mundo creia
que Ele é o Filho de Deus!*

O texto bíblico diz: o homem é a glória de Deus! (1 Coríntios 11:7) Isto é um eco daquilo que antes fora dito no livro da Criação, a saber, que o homem é a imagem de Deus, ou, como no sentido etimológico desta palavra, o homem é a própria sombra

de Deus. Fazendo uma analogia com o significado destas afirmações, percebemos que, ainda que não possamos ver o rosto de Deus perfeitamente por meio de nossa masculinidade, podemos, mesmo que de forma imperfeita, manifestar ao mundo a glória de Deus!

Aqui é preciso pararmos um pouco, pois, muito se fala e muito ouvimos sobre manifestar a glória de Deus ou sobre viver para a glória de Deus, no entanto, é necessário sermos precisos e claros no entendimento do que exatamente nos está sendo dito quando é dito que o homem é a glória de Deus [e que o homem deve viver para Glória de Deus]. O significado mais pleno de tudo isso tem de ser tomado do melhor e maior exemplo que é Jesus, do qual a Escritura diz que é “a expressão exata do Ser Divino” (Hebreus 1:3), e que aquele que O vê, vê o Pai (João 14:9) e, outra vez, que podemos ver a glória de Deus na face de Cristo (2 Coríntios 4:6).

A “face” diz respeito à persona, ao caráter, a como Deus é revelado na forma como Cristo viveu, em sua missão e, caminhando diretamente ao ponto central do texto e de toda história da redenção, na morte e na ressurreição de Cristo, onde podemos ver mais perfeitamente a glória de Deus, o que significa que, quando a Bíblia fala sobre a glória de Deus, ela está nos falando daquilo que mais brilha, daquilo que é mais manifesto em meio a todos os atributos gloriosos de Deus, quais sejam, o Seu Amor Glorioso e a Sua Misericórdia Gloriosa, que o fizeram capaz de, primeiramente, se tornar um bebê que mama no seio de Maria, caminhar como um Cordeiro mudo ao Calvário para derramar Seu sangue em resgate de nossas almas e ressuscitar como um Leão, obtendo para nós toda a vitória contra o mundo, o diabo e a carne, bem como a vida eterna no Reino de nosso Deus e Pai!

Se o homem é a glória de Deus e deve viver para Glória de Deus, isso significa que, em nossas vidas, a forma mais divina da masculinidade, ou a expressão mais piedosa e santa de ser homem, se dá exatamente quando nós homens, assim como Jesus, doamos nossas vidas em amor a Deus e aos homens, em forma de servos para manifestar por meio de nós a mensagem do Evangelho. Mais que proclamar com palavras, é preciso encarnar a mensagem, é preciso sermos a mensagem. Se o Evangelho nos diz que o Emanuel é Deus conosco, precisamos nos tornar presentes na vida dos outros, entrar para ficar em suas vidas em todos os momentos, para servirmos ao nosso próximo.

Se a mensagem do Evangelho, se a Glória de Deus se manifestou mostrando a todos, em Jesus Cristo, que nosso Deus é um Deus que sofre com o que sofre e, mais do que isso, que dá até a sua última gota de sangue, que dá o próprio Filho para arrancar pessoas do inferno e da escravidão do pecado, é preciso que nós também estejamos nos doando ao máximo e de todas as formas para que muitas pessoas sejam trazidas do império das trevas para o Reino do Filho do Seu Amor.

Se o que o Evangelho nos mostra, se a glória radiante divina brilha, nos mostrando que agora Deus pode andar

com os homens e ser Seu Amigo, é imprescindível que também sejamos amigos de pecadores, amigos verdadeiros de outros, de famílias, de jovens, de idosos, enfim, que sejamos leais e verdadeiros servos para tornar a vida dos outros mais feliz.

A expressão máxima do amor de Deus é Cristo, é o Evangelho, e se nós somos a glória de Deus, isso quer dizer que fomos escolhidos para, assim como Jesus, sermos enviados ao mundo para que o mundo creia que Ele é o Filho de Deus! Como? Ora, isto acontecerá quando o mundo olhar para nós e ver a Cristo, não apenas em nossas bocas, mas em nossas vidas.

O mundo crerá que existe amizade, compaixão, perdão, graça, misericórdia, bondade, generosidade, salvação, santificação e pureza, somente quando, em nossas vidas, ainda que de forma imperfeita, o Deus presente com todos Seus presentes entrar na vida de outras pessoas, manifestando toda essa beleza gloriosa, transformando, curando e restaurando outros seres humanos à semelhança de Cristo!

O rio que flui do interior de todo aquele que crê precisa jorrar em direção aos muitos e muitos sedentos que caminham em meio ao deserto desta vida tão dura e árdua. Gostaria de desafiar você, homem, a viver de modo sacrificial, a fazer-se servo de todos, a entrar na vida de outras pessoas para ficar até o fim, e a dar tudo de si para manifestar a Glória de Deus por meio da Sua vida, e assim fazer jus àquilo que a Bíblia diz a seu respeito: “o homem é a glória de Deus!”



Rafael Ribas graduou-se em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana. Plantou a Igreja Batista da Graça, em Santa Maria – RS, onde foi pastor durante 5 anos. Hoje, faz parte do time de pastores da Igreja Ação Bíblica, de Faro, em Portugal, onde se dedica integralmente ao plantio de duas novas igrejas e a projetos com pessoas em estado de vulnerabilidade social por meio Associação BeAlive.



O DIVÓRCIO É EXATAMENTE O OPOSTO DO QUE O AMOR FAZ

Sempre que paro para refletir profundamente sobre algo, sou levado a uma dimensão imaginária, um lapso, em que, mesmo que eu tenha refletido por não mais que poucos segundos, a sensação é que aquele momento durou muitas horas. Dificilmente consigo sair desse estado de reflexão a não ser que algo ou alguém me chame de volta. Foi numa experiência como esta que pude entender algo que todos deveriam saber: “a grandeza de um homem não consiste naquilo que ele é, mas nas coisas que ele ama”. Você deve estar se perguntando: o que levou ele a refletir sobre isso? Pois bem, recentemente tive a notícia do divórcio de um comediante famoso. Nas redes sociais, ele chegou a dizer que, para que o amor permanecesse entre ele e sua agora ex-esposa, eles deveriam divorciar-se.

Ora, o divórcio é exatamente o oposto do que o amor faz.

Parece-me que, quanto mais o mundo gira, mais as pessoas ficam tontas e perdem completamente o senso de verdade. O mundo com frequência fica de ponta cabeça, e a inversão de valores predomina em nossa geração. Não importa quantos homens Deus tem levantado para pregarem sobre as coisas eternas, nas quais vale a pena colocarmos o coração, o homem sempre vai preferir se afogar nas águas do pecado do que entrar na arca da salvação. As Escrituras nos dizem que nos últimos dias as coisas serão como eram nos dias de Noé, dias em que as pessoas “*casavam e davam-se em casamento*” (Lucas 17:27). Ora, esse texto bíblico, entre outras coisas, me aponta para a atual insustentabilidade do matrimônio. O que parece é que, em nossos dias, casar e descasar-se seguidamente, tem sido algo cada vez mais comum, assim como era na época de Noé.

"PRECISAMOS MOSTRAR AOS HOMENS QUAL É A VERDADEIRA FONTE DO AMOR E ALERTÁ-LOS DE QUE TUDO AQUILO QUE O MUNDO CHAMA DE AMOR, AS ESCRITURAS CHAMAM DE IMUNDÍCIA."

A época na qual estamos vivendo é realmente assustadora. O amor é uma raridade, a felicidade está em extinção, o bom senso tem sido distorcido sempre mais, e o que é atemporal é odiado intensamente. É como se a civilização de nossa época estivesse em convulsão. A humanidade está naufragando. Um naufrágio não somente coloca os tripulantes do navio em desespero, como também faz com que sintam intenso enjoo durante todo o tempo em que, à deriva, permanecem enfrentando as ondas. Quem não sente enjoo deste mundo é por que já pertence a ele.

A família é a instituição que deveria ser o centro do universo, e a Igreja deveria ensinar a esta geração a importância do lar e qual a missão do homem no casamento. G. K. Chesterton dizia que “o casamento é um duelo mortal que nenhum homem honrado deve rejeitar”, todavia, o mundo moderno não sabe mais o que é lealdade e honra. Prefere escolher o divórcio antes mesmo de escolher o casamento.

Lutero também escreveu: “Não há na terra nenhum laço tão doce nem separação tão amarga como os que ocorrem em um bom casamento”. Mas, o grande problema é que esta geração tem dito que o casamento é cruel e amargo, enquanto o divórcio é doce e libertador. Homem e mulher abandonaram seus papéis e ambos sofrem a pena de suas deliberações. Diante disso, a restauração do lar é nossa missão. Preparar homens e mulheres para assumirem seus papéis na sociedade e no lar é um trabalho urgente que deve ser feito.

Se o homem cai no engano de amar as coisas temporais, logo, ele perde a percepção da importância de amar as coisas atemporais. Se o homem cai no engano de amar

as coisas passageiras, logo, ele perde a percepção da importância de amar as coisas eternas. Amar aquilo que é temporal e passageiro não nos coloca num lugar de honra, antes, caso deixe de amar as coisas eternas, a miséria do homem será tão eterna quanto.

Precisamos ensinar quais as coisas que realmente vale a pena que sejam amadas, precisamos mostrar aos homens qual é a verdadeira fonte do amor e alertá-los de que tudo aquilo que o mundo chama de amor, as Escrituras chamam de imundícia. O perigo que nós enfrentamos é este: temos sido levados a crer que um casamento pode ser desfeito para sustentar o amor, mas que não pode ser mantido. Qual homem pode ser considerado um homem de verdade se não consegue honrar o juramento eterno que fez no altar? Por fim, qual mulher pode ser considerada uma mulher de verdade se ela tem coragem de abrir mão do casamento e depois pertencer a outro homem? Ora, o mundo perdeu o juízo, e se nos deixarmos levar por essas influências, correremos o grande perigo de chamar o mal de bem e o bem de mal. O divórcio é um câncer na sociedade e precisamos combatê-lo.



Frankle Brunno é pastor reformado. Noivo de Karen Mendes, e bacharelado em teologia pela Faterge - Faculdade de Teologia Reformada de Genebra, é ex-vice diretor da Missão SAEM (Sociedade de Apoio Evangelístico e

Missionário), em Marizópolis/PB. Atualmente mora em São Paulo e serve como pastor na The Summit Church, igreja americana fundada na Flórida/EUA, que se uniu com o Ministério Apostólico Fé em Ação.

ARTIGO DO MÊS

INDEES CULPA VES

EM BUSCA DE ALGO DIGNO DE RECEBER A DEVOÇÃO DE NOSSA
EXISTÊNCIA



“Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis; porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças, mas os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis.” (Romanos 1:18-23).

A Carta de Paulo aos Romanos é uma verdadeira obra prima. Como bem se sabe nas mais diversas tradições cristãs, cada capítulo desta carta é um tratado teológico de valor incalculável. Mais precisamente a partir do versículo 18 do capítulo 1, quando Paulo começa a falar da ira de Deus sobre a humanidade, a profundidade e complexidade tomam conta do texto, de maneira que muitos chamados cristãos até consideram tal trecho como algo difícil de acreditar (ou aceitar). Isso porque, nossa tendência é ignorar a abrangência do problema

tratado pelo apóstolo.

Para começar, Paulo diz que a ira de Deus não está oculta e nem está inerte, mas está revelada, manifestada. Se, por um lado, a ira do Senhor está reservada para ser derramada na eternidade futura sobre aqueles que serão condenados, por outro, Ele já a tem manifestado a conta-gotas durante a história. Neste exato momento, por exemplo, a ira dEle está em ação “contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça” (Romanos 1:18). Diante dessa verdade, já não é mais tão difícil entender a razão de tantas calamidades, tragédias e sofrimentos – alguns dos quais pelas mãos de maus governos (cf. Deuteronômio 28:29; Isaías 3:4; Oséias 13:11) – que acontecem no mundo.

A Bíblia também deixa claro contra quem essa ira é direcionada: “[...] contra [...] homens que suprimem a verdade pela injustiça” (v. 18). Não é que a verdade não exista ou não possa ser conhecida; a questão é que ela é suprimida por homens que, no lugar dessa verdade, exaltam a injustiça. Eles conhecem a verdade, sabem de sua existência, ela é evidente em suas consciências, mas eles a sufocam. Aqui, essa supressão não diz respeito apenas às coisas ruins com as quais alguém pode se envolver, mas refere-se já à simples negação, por essa pessoa, da existência de Deus, ao viver como se Ele não existisse. Os homens suprimem a verdade quando ignoram ao Senhor, quando vivem como se não tivessem de prestar-Lhe contas de

seus atos. Suprimem a verdade quando inventam deuses e os adoram. Suprimem a verdade e amam a injustiça quando colocam estrelas sobre o trono onde apenas Deus é digno de brilhar. Não somos céleres em fazer isso com políticos? Não ficamos apavorados quando parece que nosso político de estimação vai ser deposto do seu cargo? Quando é acusado, justa ou injustamente de algum crime? Quando é condenado por alguma conduta duvidosa? Por que tão rapidamente alçamos as criaturas à condição de deuses?

Não é difícil ouvirmos alguém perguntar, vez ou outra: “por que Deus não aparece de uma vez por todas e não encerra todas as dúvidas que as pessoas têm sobre Ele?”. A Palavra de Deus nos ensina, no entanto, que “o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou” (v. 19). Aquilo acerca de Si mesmo que Deus reservou para manifestar aos homens, Ele o fez, Ele manifestou. Não fomos privados de pistas quanto ao sentido da vida. Não estamos desprovidos de informações quanto às questões sobre quem criou o mundo, se existe ou não um ser superior que domina e controla tudo o que existe, sobre se Deus mesmo existe e reina sobre tudo. O fato é que “desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas” (v. 20). A criação revela a glória de Deus. Olhamos para a complexidade das coisas criadas e sabemos que há um Criador. A



beleza do ser humano em toda a sua estrutura. O ajuste fino de tudo o que há no universo. Tudo ao seu redor denuncia e testemunha: Deus existe! Paulo diz que *“tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe renderam graças”* (v. 21). Eles O conheceram, mas não O glorificaram.

Glorificar, para nossos objetivos, envolve depositar esperança. Ao depositarmos nossa esperança em Deus, estamos glorificando-O. Perceba: não perdemos a esperança por falta de evidências de que nossa esperança, quando depositada em Deus, não é vã. Mas, o que o homem faz? Suprime essa verdade, em nome de seus

sob a cegueira do pecado. Bastaria que Deus iluminasse a Criação (e ele faz isso através de Seus atributos) e o homem O reconheceria nela, e adorá-Lo-ia com louvores e ações de graças. Todavia, veio a Queda, e o homem, que antes precisava apenas de iluminação, agora precisa de visão. Os teólogos reformados usam essa figura de que antes o homem era apenas insuficiente, pois tão somente necessitava de iluminação. Agora, no entanto, ele é insuficiente e deficiente. Sua natureza pecaminosa não mais permite que Ele enxergue, compreenda e aceite as evidências de que Deus existe e se relaciona com a humanidade.

Não precisamos mais apenas de

Diante disso, o homem é indesculpável. Suas ações sempre pecaminosas o fazem não reconhecer a Deus na natureza: *“[...] os seus pensamentos tornaram-se fúteis e o coração insensato deles obscureceu-se. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos”* (v. 21-22).

Porque o homem continua perpetuamente impossibilitado de ver a Deus na natureza e, porque, por isso, ele continua vivendo sua vida a violar a Lei desse Deus, Ele, o Pai, enviou a Seu Filho, Cristo. O Filho de Deus veio ao mundo para salvar pecadores de sua condição de pecado. Com isso, se a natureza já revela os atributos de Deus de maneira clara, Jesus Cristo revela a Deus de maneira inquestionável e perfeita – Hebreus nos diz que



falsos deuses. Nisso, os ídolos da cultura pop podem até ser escapismos alienantes, mas a idolatria política é bem mais perniciosa: ela representa uma suposta esperança. Ela nos faz crer em redenção por meio de ideários materialistas. Faz-nos depositar a confiança em uma redenção alcançada por mãos humanas. Os cristãos não estão imunes a este desvirtuamento. A pergunta é: por quê? A resposta é: por causa do pecado – o mesmo pecado que permeia toda a natureza humana.

Insuficientes e deficientes

Segundo escreveu Paulo, em Romanos, a natureza seria suficiente para o conhecimento de Deus caso o homem não estivesse

iluminação, mas necessitamos de ter nossa visão restaurada. Devemos ser trazidos à vida, da morte espiritual em que nos encontramos desde o nascimento. Do contrário, seremos cegos guiados por outros cegos que sinceramente creem ou maliciosamente vendem a ilusão de que as soluções para as agruras deste mundo estão nas coisas terrenas.

A Queda, portanto, trouxe ao homem a incapacidade de enxergar toda a verdade que está posta diante de seus olhos. Os pecados e decisões do homem o separam de Deus e o impedem de dedicar a Ele o tratamento adequado e que somente Ele é digno de receber.

Jesus é o resplendor da glória do Pai e a exata expressão do Seu Ser (Hebreus 1:3). Por meio de Cristo, então, e através da pregação do Seu Evangelho, a visão dos cegos espirituais é restaurada e aqueles que andavam em trevas são iluminados.

No Evangelho de João, aprendemos que, quando o Filho de Deus encarnou, *“estava chegando ao mundo a verdadeira luz, que ilumina todos os homens”* (João 1:9). Se a Criação nos fornece a revelação natural de Deus, Cristo é Sua revelação especial, e a verdade é que todo homem é atingido por essa iluminação. É importante esclarecermos, no entanto, que nem todo aquele que é iluminado

ARTIGO DO MÊS

tem sua visão restaurada a fim de compreender aquilo que foi revelado pela luz. Há pessoas que foram iluminadas, mas que não foram curadas da cegueira. Vale a pena citar João Calvino que diz que, nesse sentido, “a palavra de Deus é semelhante ao sol: ilumina a todos [...], mas não produz fruto entre os cegos”.^[1] Muitos são os iluminados, mas poucos são os que enxergam a fonte da luz. O Espírito Santo enche do conhecimento de Deus àqueles que foram restaurados da cegueira e ilumina aqueles que tateavam na escuridão, mas os cegos que foram iluminados o são para sua própria condenação (cf. 3:19,20; 2 Coríntios 2:16).

os que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e os poderes do mundo vindouro, [...] sejam outra vez renovados para arrependimento”. Deus não fará o trabalho de novo, assim como Jesus não voltará para a cruz outra vez. “Pois a terra que embebe a chuva, que cai muitas vezes sobre ela, e produz erva proveitosa para aqueles por quem é lavrada, recebe a bênção da parte de Deus; mas se produz espinhos e abrolhos, é rejeitada, e perto está da maldição; o seu fim é ser queimada”, (Hebreus 6:7-8). Tais homens são equipados com toda provisão de Deus para focarem unicamente n’Ele toda sua adoração e devoção. Deveriam

Senhor e da mesa dos demônios.” (1 Coríntios 10:21).

Já Pedro diz que, nesse caso, “teria sido melhor que não tivessem conhecido o caminho da justiça, do que, depois de o terem conhecido, voltarem as costas para o santo mandamento que lhes foi transmitido” (2 Pedro 2:21), pois eles, nas palavras de Paulo, “trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas [...]” (Romanos 1:23). A política, a qual deveria ser vista, no máximo, como uma causa secundária pela qual Deus abençoa ou julga um povo (cf. Jó 34:30), quando acolhida de modo pervertido no seio da Igreja, promove, em território espiritualmente separado, a mesma confusão diagnosticada pelos apóstolos. Deus fica de lado,



Cristãos nominais

Há cristãos nominais que são exatamente como esses homens retratados acima. Eles foram iluminados, mas ainda estão cegos e continuam confiando em guias igualmente cegos. Receberam tudo de Deus que era necessário para arrependerem-se, foram conduzidos por todo o caminho para o arrependimento, mas ainda não lhes caíram as escamas dos olhos. Vivem pelas coisas que lhes dominam, e, sendo idólatras, veneram ao homem que se sobressai, bajulando-o e buscando tirar proveito de sua fama. Deus concedeu a eles tudo aquilo que, em outros casos, já teria feito as pessoas se arrependerem. Hebreus 6:4-6 diz que “... é impossível que

abandonar a idolatria das imagens – tanto das inanimadas, quanto das animadas –, que anunciam a si mesmas como paladinos das causas sociais mais diversas. Deveriam se voltar de sua adoração à criatura, para adorarem Àquele que é digno eternamente; todavia, não o fazem. Não há neles arrependimento. Continuam promovendo, mesmo em meio ao Corpo de Cristo, a mesma cultura e hábitos idólatras. Com uma mão, servem-se da mesa da comunhão dos Santos, enquanto, com a outra, oferecem sacrifícios aos ídolos. Quanto a isso, Paulo diz: “*Não podeis beber do cálice do Senhor e do cálice dos demônios. Não podeis participar da mesa do*

enquanto mãos se levantam em louvor ao homem.

Sim, fazemos isso com políticos. Com postulados ideológicos. Com o Estado e suas instituições. Há provas. Não à toa, vivemos em um mundo politicamente polarizado.

Aquilo que esperamos dos políticos, apenas Deus pode fazer

Em nenhum dos polos opostos da política (nem entre eles) há indivíduos, partidos ou ideologias que representem na integralidade o cristianismo, embora algumas correntes possam receber mais ou menos influência dos valores cristãos. Alguém pode indagar se isto já não seria o bastante. Talvez, se fôssemos todos cômicos dessa

ARTIGO DO MÊS

limitação e não alçássemos políticos, partidos ou correntes ideológicas à condição de redutores últimos de todas as mazelas sociais, materiais e morais de uma nação, afinal é Deus quem “(...) *faz justiça ao oprimido, o que dá pão aos famintos. O SENHOR solta os encarcerados. O SENHOR abre olhos aos cegos; o SENHOR levanta os abatidos; o SENHOR ama os justos; o SENHOR guarda os estrangeiros; sustém o órfão e a viúva, mas transtorna o caminho dos ímpios. O SENHOR reinará eternamente; o teu Deus, ó Sião, de geração em geração. Louvai ao SENHOR.*” (Salmo 146:7-10).

Como diria Rushdoony, “[...] no Estado moderno, a opção habitual do eleitor cristão é entre o menor de dois males estatistas. A antropologia da esquerda e da direita são anticristãs. Os conservadores, menos impulsivos e sistematizados, representam o mal estatal na forma mais branda: sua posição permanece sem fundamentação teológica, com exceção de raros casos.” [1]

É bem verdade que os entes políticos podem ser – e com frequência são –, instrumentos de Deus. Mas, qual cristão sincero e verdadeiramente temente a Deus ousaria dividir a glória devida unicamente a seu Senhor com suas criaturas? Pela boca do profeta Isaías, já dizia o Senhor: “(...) *a minha glória não darei a outrem.*” (Isaías 48:11). O Deus que usa governantes e autoridades como instrumentos de bênção e juízo a povos e nações é o mesmo que declarou a todo homem, quando disse ao então recém-caído representante federal de todo o gênero humano: “(...) *és pó e em pó te tornarás.*” (Gênesis 3:19).

Os atores políticos não têm sido apenas nossos representantes legais na esfera administrativo-governamental ou as instituições

nas quais possamos encontrar alguma gota de justiça e ordem. Para muitos de nós, são nossos deuses. Com exceção de um Gabigol, centroavante do time do Flamengo, ou de um Everton, atacante do Grêmio, os jogadores de futebol já perderam a vez há muito tempo, no Brasil. Nossos altares estão ocupados agora por entes como o Estado agigantado, Bolsonaro, Lula, Moro, Ciro, ministros, juízes, partidos e por aí vai. Os bezerros de ouro do brasileiro do século XXI. É impressionante como tão facilmente esquecemos que o salmista, inspirado por Deus, já entoava: “*Não confieis em príncipes, nem em filho de homem, em quem não há salvação. Sai-lhe o espírito, volta para a terra; naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos.*” (Salmo 146:3,4).

Cisternas que não retém a água

Em todos os períodos da história cristã, encontramos evidências do esfriamento dos crentes e relatos de que pequenos homens, se sentindo incomodados com isso, buscaram a Deus até Ele descer com poder sobre eles. Em períodos de escuridão, o Senhor sempre levantou verdadeiras tochas humanas que impulsionariam o verdadeiro avivamento através da oração e da pregação fiel à Palavra. Quando os crentes de determinada época tiravam os olhos da cruz, os verdadeiros homens de Deus investiam suas energias no trabalho de fazê-los relembrar aquilo que era realmente digno de receber a devoção de sua existência.

É fato comprovado que o povo simples de Deus tem a tendência de se afastar de Deus de tempos em tempos, e isso acontece, na maioria das vezes, quando o relacionamento entre o povo e Deus vira rotina. Verdades bíblicas caem em desuso, e realidades espirituais viram lendas e mitos. É

verdade também que, quando entra nessa situação, o povo cristão passa a buscar algo que substitua essa relação, algo em que a sua devoção e entrega possam ser aplicadas. Em tempos de sequeidão, os sedentos buscam água – todavia, a tendência é que busquemos água nas fontes erradas.

Certa vez, Deus fez uma severa acusação contra Seu povo. Disse Deus: “*Houve alguma nação que trocasse os seus deuses, ainda que não fossem deuses? Todavia o meu povo trocou a sua glória por aquilo que é de nenhum proveito. Porque o meu povo fez duas maldades: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm águas*”, (Jeremias 2:11,13). A questão colocada por Deus é grave. Todas as nações da terra tinham seus deuses inventados, inanimados, deuses falsos. Ainda assim, essas nações jamais abandonaram esses ídolos. Eles nem deveriam ser chamados de deuses, mas, mesmo assim, tinham seguidores fieis. Em contraste com isso, a nação de Israel que tinha por seu deus o Vivo e Único Deus, abandonou-O para buscar satisfação e contentamento nos prazeres carnis e na idolatria aos falsos deuses das nações vizinhas.

Quando ouvimos da glória de uma nação, nos é ensinado que esta glória e grandeza consiste em suas conquistas em guerras, ou em suas riquezas, mas, nessa passagem, Deus diz que Ele mesmo era a glória da nação de Israel, “*todavia, o meu povo trocou a sua glória por aquilo que é de nenhum proveito*” (v. 11). O povo de Israel trocou a única coisa que o tornava um povo excepcional, que era ter Deus como o seu Senhor, por coisas sem nenhum valor. “*A mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm águas*” (v. 13). Pense em pessoas cavando buracos a fim de encontrar água. Israel abandonou aquele que

podia saciar não apenas sua sede física de água, mas sua sede interna, psicológica e espiritual, para cavar buracos que de maneira nenhuma seguravam a água de que eles tanto necessitavam.

Somos como Israel.

Cavamos buracos que não retém água. Buscamos dedicar nossa existência a coisas, pessoas e ideários que não são capazes de nos satisfazer, justamente por que não foram criados para nos satisfazer. Tanto estas pessoas, quanto você e eu fomos criados para glorificarmos a Deus e satisfazermos-nos Nele. É por isso que John Piper sempre diz que “Deus é mais glorificado em nós quando estamos mais satisfeitos n’Ele”.

É raro um cristão genuíno abandonar a sua igreja para ir à busca dos deuses das outras religiões e nações. O problema, no entanto, é muito mais sutil e profundo do que parece. Temos trocado a Deus por outras coisas a partir das quatro paredes da própria igreja. Trocamos a busca de Deus em Sua Palavra e em oração, para correremos atrás do vento, insinuando e esboçando que somos simpáticos a este ou àquele lado do espectro ideológico, que apoiamos, incondicionalmente, este ou aquele político, não obstante os erros – e em muitos casos, crimes –, que tenha cometido, que somos adeptos deste ou daquele sistema econômico ou teoria sociológica, não importa quais sejam seus resultados práticos. Por fim, acabamos por apresentar ao mundo um Jesus que se encaixa perfeitamente em nossa visão ideológica, mas não na Bíblia.

Não menos lamentável é idealizar o próprio Estado ou a política em si como um deus provedor imanente. Nas palavras de P. Andrew Sandlin, “a política ocupa o papel da providência ocupada por Deus no impulso do adorador do Criador. Os intervencionistas* perderam a fé em Deus, ou, pelo menos no Deus ativo e cuidadoso em relação ao mundo. Portanto, eles colocam sua esperança e sonhos na justiça econômica do Estado”. [2]

Procuramos movimentos para fazermos parte; esquecemos da Igreja da qual já fazemos parte. Procuramos o mover que Deus irá fazer na nação através de um presidente empossado, ou ministro, ou outro cargo político, ou algum regime de governo; deixamos de lado o mover que Deus já está fazendo há dois mil anos, no seio da Igreja. Procuramos mudança da sociedade por meio do governo, e esquecemos que a sociedade que temos é reflexo da Igreja que temos sido. Esquecemos que é o Senhor quem alimenta as Suas ovelhas, elas não se alimentam sozinhas – nem são alimentadas por outro (Mateus 6:25-34. Cf. João 15:5; Salmo 146). Russell Kirk já observava que “todas as ideologias, incluindo a ideologia da *vox populi*, *vox Dei*, são hostis à permanência da ordem, da liberdade e da justiça. A ideologia é a política da irracionalidade apaixonada.” [3]

Neste mês de maio, devido aos acontecimentos políticos cada vez mais imprevisíveis e às reações animosas do povo, fomos movidos a escrever sobre a idolatria política

e, mais do que isso, sobre a insuficiência e a incapacidade dos atores deste jogo de cumprirem e realizarem aquilo que apenas Deus pode. O ídolo promete coisas que não é capaz de cumprir, e aceita, do seguidor, condições que jamais satisfará (cf. Isaías 44:9; Habacuque 2:19).

Quando empregamos nossas energias em busca de um movimento meramente secular, ou de algum ideário materialista que julguemos ser digno da devoção de nossa existência, promovemos a idolatria em nosso meio – e em nós mesmos. Há sempre alguém disposto a guiar os cegos de cada geração. O problema se dá quando os guias também não enxergam. Se quisermos combater a idolatria, precisamos parar de depositar nossas esperanças de redenção social ou civilizacional neste deus imanente que se tornou a política. Ela não merece nossa esperança, antes necessita de nossa influência. Precisa que sejamos luz (Mateus 5:16).



Frederico Bragança é professor de Língua Inglesa na rede privada e bacharel em Relações Internacionais, pela Universidade Potiguar. Serve a Deus como professor na Escola Bíblica da Congregação Presbiteriana do Alto da Candelária, em Natal/ RN. Casado com Rebeca.



Marcos Motta é editor-chefe da Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Lajeado/RS, é músico, escritor e pregador do Evangelho. Está se preparando para iniciar a graduação em Gestão de Recursos Humanos.

NOTAS:

[1] CALVINO, João. A Instituição da Religião Cristã – Tomo 2. 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 59.

[2] RUSHDOONY, Rousas John. Cristianismo e Estado. 2ª Ed. Brasília: Editora Monergismo, 2018, p. 50.

[3] SANDLIN, P. Andrew. A Desgraça do Ateísmo na Economia. 1ª Ed. Brasília: Editora Monergismo, 2018, p. 29.

[4] KIRK, Russell. A Política da Prudência. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 98.

* Por “intervencionistas” Sandlin quis dizer “estatistas”, por estes acreditarem que o estado deve intervir fortemente na economia. Ele não se refere a movimentos ou indivíduos que defendem uma intervenção militar como no Brasil, uma perspectiva que sequer existe na realidade americana.



A oração e seus efeitos

A oração é uma das principais marcas da vida de um verdadeiro cristão. Em obediência ao que está escrito em 1 Tessalonicenses 5:7, “*Orai sem cessar*”, oramos, e devemos fazê-lo todo o tempo. Não quer dizer que sempre vamos orar por horas e horas, mas que, independentemente da situação, de nossos sentimentos, do lugar em que nos encontramos, podemos e iremos falar com nosso Deus. Pelo menos, é isso que Ele espera de nós, que alegres ou tristes, pela manhã, antes de dormir, pela madrugada ou em qualquer outro momento do dia, enquanto caminhamos ou quando dobramos os nossos joelhos no silêncio do nosso quarto, em voz alta, em sussurros ou em pensamentos, clamemos a Ele. Smith Wigglesworth, pregador inglês do século passado, quando questionado sobre sua vida de oração, respondeu: “Eu nunca oro mais do que cinco minutos, e eu nunca fico mais do que dez minutos sem orar”. A verdade é que não há uma imposição bíblica acerca do tempo de duração da oração. Jesus, quando solicitado pelos discípulos para que lhes ensinasse a forma correta de orar, ensina a oração do Pai Nosso, que, se feita hoje por qualquer um de nós, não dura mais que dois minutos. Contudo, a Bíblia lista alguns requisitos para que sejamos ouvidos e respondidos, como, por exemplo, que tenhamos fé, que sejamos verdadeiros e sinceros, que não caiamos em vãs repetições e, que oremos com um coração humilde e quebrantado. Pensar que, mesmo indignos, mediante nossa confissão de fé em Jesus Cristo somos justificados por Ele e podemos falar com o Deus único, Rei eterno, imortal, Criador de todas as coisas, sendo por Ele ouvidos e respondidos, é no mínimo maravilhoso. E é por isso que oramos, porque cremos que há um Deus, que vive e reina para sempre e que ouve cada palavra dirigida a Ele. “*Então, me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei.*” (Jeremias 29:12)

“

são tantos os efeitos espirituais da oração nas nossas vidas que não damos conta de explicá-los e entendê-los, dadas as nossas limitações humanas, ainda que busquemos o conhecimento e a compreensão através do estudo teológico.

Através da oração, nos aproximamos de Deus, adoramos o Seu nome e Sua grandeza, agradecemos pelo que já foi feito a nós (não merecedores), desfrutamos da ação do poder de Deus em resposta às petições feitas com fé - *“E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis.”* (Mateus 21:22); somos fortalecidos para resistirmos os dias maus e as tentações - *“Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.”* (Mateus 26:41); vivenciamos a cura interior e exterior, sobre a qual Tiago, quando em seu livro, escreve, tratando da confissão das culpas e da oração. Ele completa dizendo que quando fizermos isso, seremos curados, e aqui ele está se referindo tanto à cura física, quanto à cura interior e da mente.

Ouso dizer que são tantos os efeitos espirituais da oração nas nossas vidas que não damos conta de explicá-los e entendê-los, dadas as nossas limitações humanas, ainda que busquemos o conhecimento e a compreensão através do estudo teológico. Mas, outro fato é que, além de tudo isso, os poderes da oração (e n'Aquele que a ouve e responde) atuam em nossos corpos e mentes, fato que a maioria de nós desconhece. Ela é um forte agente atuante na prevenção das desordens psíquicas, depressões e ansiedades.

Lisa Miller, professora, pesquisadora e psicóloga clínica dos Estados Unidos, descobriu, através de estudos e da utilização de ressonância magnética, que as pessoas que têm o hábito de orar tendem a ter um córtex cerebral mais espesso, o que é associado a um menor risco de depressão e ansiedade. Sim, a oração causa mudanças fisiológicas, chegando realmente a reprogramar e reconstruir o cérebro daqueles que a praticam regularmente. Além disso, através dela, alcançamos algumas das melhores sensações físicas, como por exemplo, felicidade e tranquilidade.

“O ato da oração tem aumentado a produção de muitos neurotransmissores bem úteis, como a dopamina, que ajuda a promover um estado de relaxamento, foco, motivação e bem-estar”, afirmou o médico americano Dr. Don Colbert, que é cristão e escritor pentecostal, além de ser um dos maiores pesquisadores dos efeitos da fé e da oração sobre a saúde humana. As Escrituras nos revelam isso quando o salmista Davi, angustiado, clama a Deus e sente o alívio que, sem dúvidas, veio através da sua oração. *“Invoquei o Senhor na angústia; o Senhor me ouviu e me pôs em um lugar largo.”* (Salmos 118:5).

Quando paramos e nos envolvemos em oração, reduzimos a nossa reatividade a eventos traumáticos e negativos, isso porque paramos de pensar apenas em nós mesmos e focamos nossos pensamentos para além de nossas preocupações, anseios e etc. Somos levados ao quebrantamento através da ação do Espírito Santo em nós, o qual nos mostra nossa real condição - quem realmente somos -, e, então, voltamos-nos novamente a

Deus e a quem Ele é. A oração nos fortalece, transforma e nos dá as necessárias condições para continuarmos a caminhada. Jesus, momentos antes de sua entrega para o processo de crucificação, sentiu, enquanto Homem, uma tristeza profunda, e então se retirou para orar no lugar chamado Getsêmani. Imerso em dor, Ele disse ao Pai: *“Seja feita a tua vontade”*. Ao invés de desistir, Ele orou e prosseguiu no Plano.

Não devemos encarar e entender tais fatores citados como algo “natural”, mesmo que aqui pareçam como simples reações físicas e psicológicas, pois são, na verdade, para elucidar mais uma vez, a ação maravilhosa do poder de Deus. Visto que nosso organismo responde de tal forma graças a Ele que assim o projetou, quando nos criou. Tudo é obra de Suas mãos.

Com tantos motivos mencionados, e tantos outros que não foram alcançados aqui, ore cada vez mais. Creia nos poderes imensuráveis da oração. Creia na ação gloriosa de Deus em nossas vidas através dela. Se você se vê sem recursos, sem saída, aflito, angustiado, lembre-se que a oração está ao seu alcance, independentemente de todo o resto. Nestes dias de pandemia, ore. Nos dias de festas, ore. Lembre-se também, que não precisamos tentar persuadir Deus através do tom de voz, palavras bonitas, boa oratória e repetições exaustivas. Ele não rejeita um coração sincero.

Um conselho: não se conforme em “orar pouco”. Vá além! Queira viver tudo o que nos foi disponibilizado por Deus por meio desse ato. Que possamos, agora mais convictos, orar em todo o tempo! Paz!



Kamila Maciel Del Rio é formada em Marketing, pela UNOPAR, e graduanda em Psicologia, pela Univates, de Lajeado – RS. Faz parte da Superintendência da Juventude da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, na mesma cidade.

Com revisão e contribuição de



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil.

Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela Univates, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado/RS. Casado com Gabrielle.

O SAL DA TERRA,

a luz do mundo e a política



A noção que o evangélico brasileiro tem do que é participação política e ocupação de espaços na vida pública ainda é de veras imatura. É comum testemunharmos irmãos reagindo com pueril entusiasmo ao verem um servo do Senhor assumindo algum cargo político de relevância, como se os valores cristãos pudessem magicamente ser transmitidos de cima para baixo, através de canetadas estatais. Ironicamente, isto é perverter de tal modo a lógica do renascimento do homem interior, que a máquina estatal acaba ganhando status de agente transformador, quando, na verdade, deveria ser um objeto de transformação.

Esta perspectiva distorcida tem raízes no pouco conhecimento que se tem de como uma sociedade é transformada pelo cristianismo. É ingenuidade alimentar esperanças de que um cristão genuíno, mesmo que empossado em alguma posição relevante dentro da estrutura pública, consiga implementar políticas ou propor leis que reflitam o caráter cristão em meio a um sistema e a um povo que simplesmente odeia a mensagem da cruz e todas as suas implicações éticas e sociais. Em última análise, esta concepção míope reflete o pouco entendimento que temos acerca do estado de total depravação do homem natural, cujos desígnios do coração são todos continuamente maus (Gênesis 6:5).

Ignorar esta basilar doutrina bíblica ao ocuparmos espaços na política equivale a crer que podemos redimir a torre de Babel sem antes transformar as motivações ímpias de seus construtores (cf. Gênesis 11:4).

Autores cristãos de diferentes épocas do protestantismo histórico, ao formularem seus pensamentos políticos, divergiram amplamente acerca dos métodos através dos quais os cristãos deveriam influenciar a vida pública. Contudo, é possível afirmar que a maioria deles possui em comum a convicção de que o problema não está no uso do poder temporal, e nem mesmo na incipiente ocupação de espaços, mas na dificuldade de replicar na esfera pública algo que seja demanda e prática de uma sociedade. Para que uma determinada instância política passe a se comportar de acordo com a ética dos seguidores de Cristo, para que proponha e aprove leis de caráter bíblico ou adote medidas virtuosas, é necessário que a sociedade não aceite nada menos que isso, e que seus representantes sejam reflexo direto desse anseio. C.S. Lewis expõe esta verdade de modo cristalino: “Uma sociedade cristã não despontará enquanto a maioria de nós não a desejar realmente, e não vamos desejá-la enquanto não nos tornarmos cristãos de verdade.” [1]

Para que tal perspectiva seja minimamente razoável, é preciso compreender que a vida pública não se decide e nem se constrói somente nos corredores e salões do poder. O mesmo Lewis já dizia que “[...] o dentista que pode estancar uma dor de dente merece mais da humanidade que todos os homens que julgam ter um plano para produzir uma raça perfeita.” [2] Isso implica dizer que, antes de esperarmos que o cristianismo simplesmente tome a esfera política – ou seja imposto pelos esforços de solitários guerreiros dentro dela – deveríamos ser exemplares cristãos em cada aspecto de nossa vida cotidiana. A sociedade precisa vivenciar o Evangelho de tal modo que dela se ergam lideranças idôneas em escala abundante. As autoridades tementes à Deus têm de ser a regra, e não isoladas e pontuais exceções. A mentalidade de que o Estado é apenas uma das esferas sob a soberania de Deus tem que ser prevalente tanto na sociedade quanto nos círculos de poder. Deste modo, podemos colocar o Estado e a própria política em seu devido lugar, sem fazer deles redentores imanescentes, ao passo em que vivemos a ética evangélica nas outras esferas, a saber, a família, a

Não é plausível esperar ou cobrar de nossos magistrados ímpios que eles cumpram a função que lhes foi outorgada por Deus – louvar o bem e punir o mal (Romanos 13:1-4) –, enquanto o padrão predominante não for de homens que se recusem a fazer o mal por temor a Ele (cf. Neemias 5:15). Teoricamente, podemos e devemos cobrar que nossos governantes sejam honestos e sensíveis às demandas da população. Mas, como teremos o respaldo moral para fazê-lo se a sociedade da qual nossos líderes emergem acalenta alegremente a cultura da trapaça, do egoísmo, do desrespeito, da futilidade, do hedonismo? Certamente, não foi com esse espírito carnal que o profeta Daniel pôde, com toda legitimidade, dizer ao rei mais poderoso de seu tempo, o pagão Nabucodonosor: *“Portanto, ó rei, aceita o meu conselho, e põe fim aos teus pecados, praticando a justiça, e às tuas iniquidades, usando de misericórdia para com os pobres, pois talvez se prolongue a tua tranquilidade.”* (Daniel 4:26)

Johannes Althusius, postulou que “os direitos de soberania e suas fontes [...] residem no reino, ou na comunidade, ou no povo. [...] esses direitos de soberania, assim chamados, são apropriados ao reino em tal grau que pertencem só a ele, e que são o espírito vital, a alma, o coração e a vida com os quais, quando os direitos são sólidos, a comunidade existe, e que sem eles a comunidade desintegra-se, morre e é considerada indigna de nome. [...] Esses direitos foram estabelecidos pelo povo, ou pelos membros do reino ou comunidade. Eles tiveram origem por meio dos membros, e não podem existir exceto neles, nem ser mantidos exceto por eles.” [4] A nossa classe política é tão deletéria porque é constituída, em sua quase totalidade, por gente que não pertence ao reino de Deus. A maioria até O professa, mas nega-O com suas ações (Tiago 2:19-20; cf. Mateus 15:8; Marcos 7:6). É fácil nos indignarmos contra eles. Difícil é reconhecer que eles surgem do meio de nós.

**“ É preciso
compreender
que a vida pública
não se decide e
nem se constrói
somente nos
corredores e
salões do poder.**

escola, as artes, a igreja (comunidade local) e o trabalho. Nas palavras de Abraham Kuyper, “na extensão total da vida humana não há nenhum centímetro quadrado acerca do qual Cristo, que é o único soberano, não declare: Isto é meu!” [3].



De acordo com Roger Kimball, “culturalmente, moralmente, o mundo em que habitamos é um mundo-lixo: viciados em sensação, [...] saturados com pornografia, escravos do mínimo denominador comum em tudo referente ao gosto, modos ou sensibilidade intelectual.” [5] O interessante é que tal excerto parece apenas ecoar as palavras de Paulo acerca do homem natural em Romanos 1:18-32 e 3:9-20, ou, ainda, as de Moisés, a respeito da sociedade sodomita em Gênesis. A verdade é que a justiça perfeita que este mundo caído merece só será consumada com o retorno do nosso Senhor e salvador, Jesus Cristo (cf. Apocalipse 21:8). Até lá, lembremo-nos do que Ele disse: “*Vós sois o sal da terra; [...] Vós sois a luz do mundo; [...] Assim, resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.*” (Mateus 5:13,14,16). A boa política só é possível em decorrência de uma boa vivência cristã.



Frederico Bragança é professor de Língua Inglesa na rede privada e bacharel em Relações Internacionais, pela Universidade Potiguar. Serve a Deus como professor na Escola Bíblica da Congregação Presbiteriana do Alto da Candelária, em Natal/ RN. Casado com Rebeca.

NOTAS:

[1] LEWIS, Clive Staples. Cristianismo Puro e Simples. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 126.

[2] LEWIS, Clive Staples. O Peso de Glória. 1ª Ed. São Paulo: Editora Vida, 2011, p. 80.

[3] KUYPER Abraham, “Sphere Sovereignty”, in: BRATT, James D. Abraham Kuyper: A Centennial Reader. Grand Rapids: Eerdmans, 1998, p. 488.

[4] ALTHUSIUS, Johannes. Política. Rio de Janeiro: TopBooks, 2003, p. 92-3.

[5] KIMBALL, Roger. The Long March: How the Cultural Revolution of the 1960s Changed America. New York: Encounter Books, 2001, p. 261.



CONVERSANDO COM O

Pastor Jack

BÍBLIA
SAGRADA

Na tarde de sexta-feira, 1 de maio de 2020, nosso editor, Marcos Motta, entrevistou o Pr. Jackson Jacques via aplicativo *WhatsApp*. Jackson, conhecido nas redes sociais como Pastor Jack, no auge dos seus trinta e tantos anos, é líder da Igreja Vintage180, em Porto Alegre, capital gaúcha. O pastor, sem estrelismos e extremismos, atendeu ao nosso convite ainda durante o mês de abril e, semelhantemente, respondeu às nossas perguntas, de maneira simples, sóbria e descontraída, como convém a um ministro do Senhor.

Conhecido por sua pregação um tanto quanto ácida e sua hibridez que mescla pentecostalismo e teologia reformada, o pastor desnudou, neste bate-papo, um pouco mais de sua visão sobre alguns assuntos. Nosso desejo é que você possa ser abençoado por este registro.

MOTTA - PASTOR JACK, COMO SURTIU A VINTAGE 180? COMO FOI O PROCESSO DE PLANEJAMENTO E DE *START* DA IGREJA?

PR. JACK – Como surgiu a Vintage180? A Vintage180 surgiu no final de 2012, em umas reuniões que eu pregava em um salão de festas de uns amigos nossos. Eles estavam desiludidos com a igreja, estavam desanimados, porque congregavam em uma igreja em que o pastor havia cometido pecados graves, havia abandonado a igreja, abandonado a esposa - cometeu coisas que são até crimes. Eles estavam desiludidos e nós começamos a nos reunir nas segundas-feiras. Eu levava uma pregação, e pregava, e a gente cantava, e assim surgiu a Vintage. O processo de planejamento se deu quando nós vimos que as nossas reuniões já não comportavam mais as pessoas - era um salão de festas de um condomínio (na verdade, as reuniões religiosas eram até proibidas em salões de festas, a gente se reunia de forma clandestina), foi assim que surgiu a Vintage180.

MOTTA - QUANDO VOCÊ PERCEBEU QUE HAVIA SIDO

CHAMADO POR DEUS PARA UM “MINISTÉRIO BRUTAL” - ESSE MINISTÉRIO QUE NÃO TEM PAPAS NA LÍNGUA, QUE CHAMA O PROBLEMA PELO NOME?

PR. JACK – Bom, então, eu notei que Deus tinha me chamado para isso, de forma honesta... [pode parecer pedante, cara, pode parecer orgulhoso, mas não é] Eu acredito na Bíblia, eu acredito no que Jesus falou, eu acredito que Jesus é Deus. Ele veio, Ele morreu, Ele ressuscitou ao terceiro dia e Ele comissionou apóstolos para pregar. Eu acredito na palavra que os profetas pregaram, que os apóstolos pregaram e, para mim, a Bíblia (ela) é o livro mais honesto que já foi escrito. O problema é que os pregadores não são honestos, entendeu?! E eu procuro ser um pregador honesto com o povo. Na verdade, eu não me acho assim uma coisa tão ofensiva, né, que não tenha papas na língua - eu acho que a Bíblia é assim. Eu procuro ser fiel à Bíblia, entendeu, então essa é a visão que eu tenho.

MOTTA – PASTOR, SENDO TAMBÉM UM PASTOR INTERNAUTA, QUE OCUPA AS MÍDIAS COM VIGOR, QUAL É A SUA VISÃO SOBRE A INTERNET COMO MEIO DE PREGAÇÃO DO EVANGELHO E DE APOLOGIA À FÉ CRISTÃ?

PR. JACK – Então, eu vejo a internet como uma providência divina para a nossa época, muito semelhante com a que os reformadores tiveram contato por intermédio da prensa, no século XVI. Eu acho que, sempre que Deus quer fazer alguma coisa na história, Ele coloca ferramentas nas mãos da Igreja. A gente vê isso no primeiro século, com a *Pax Romana* dando ferramentas para que as cartas pudessem transitar por intermédio do Império Romano. E isso fez toda diferença na compilação do Novo Testamento, na edificação das comunidades lá do primeiro século - isso deu corpo né, deu unidade à Igreja. O corpo de escritos, o Novo Testamento, unificou a fé e isso tudo se deu por



causa dá divina providência na *Pax Romana*, que construiu estradas em todo o Império. A primeira vez que isso ocorreu na história depois do século XVI, foi com a prensa, com o trabalho de Gutenberg, e, agora, eu acredito que Deus está fazendo um novo ato histórico que nós não temos como mensurar porque estamos dentro dele, mas, daqui há alguns anos, [e quando eu digo alguns, eu estou querendo dizer daqui há 100, 200, 300 anos] as pessoas vão olhar para trás e vão ver que Deus estava fazendo algo nesse momento. Então eu vejo a internet como essa propagação do Evangelho, como fruto de uma providência divina. Os homens acham que as estradas do primeiro século eram para levar a glória dos reis - não era, era para levar a glória do Evangelho. Eu tenho certeza que a razão pela qual a internet foi feita é que Deus queria que o Nome d'Ele fosse glorificado em mais lugares.

MOTTA - É POSSÍVEL DEFENDER UM CRISTIANISMO



ORTODOXO (E O VERDADEIRO EVANGELHO), NA INTERNET, SEM SE ENVOLVER EM POLÊMICAS?

PR. JACK – Eu creio que não, mas é possível que as polêmicas sejam minimizadas quando a pessoa que está ouvindo ela ver, naquele que se propõe a ensinar, um compromisso com aquele ensino e uma intenção em não levantar polêmicas. Não sei se ficou bem claro, mas quando o ouvinte nota que aquele que ensina não está ali para levantar polêmicas, está ali comprometido com a edificação, e que a polêmica é uma consequência e não aquilo que o cara está buscando a todo custo, eu creio que essas polêmicas (elas) tendem a ser diminuídas, e diminuídas consideravelmente. Eu tenho experimentado isso no meu ministério.

MOTTA – QUAIS SÃO OS BENEFÍCIOS DA POLÊMICA NA INTERNET, E/OU DO COMPORTAMENTO POLEMISTA? TAL COMPORTAMENTO PODE SER EMPREGADO PROPOSITADAMENTE A FIM DE SE ALCANÇAR ALGUM OBJETIVO BENÉFICO À CAUSA DO SENHOR?

PR. JACK - Eu acredito que a polêmica na internet (ela) acaba gerando palco, mas eu, como um cara que provei isso, [e quando me envolvi com polêmica, na verdade, no primeiro momento, nem sabia o que estava fazendo - eu estava apenas indignado com a atual situação das coisas e tinha uma câmera na minha frente, e eu falei né, mas, depois] com o tempo a pessoa acaba sabendo como levantar uma audiência. Só que isso, eu acho que traz muitos malefícios para o Evangelho (também), a não ser que a causa seja algo muito sério, né. Agora, apenas construir um nome, levantar um público que te segue por polêmica, na verdade, (isso) é a maior bobagem do mundo para se envolver. Então, traz alguns benefícios,

mas, traz muitos malefícios junto, (então) eu acho isso bem complicado, bem complicado mesmo. Só que assim, nós temos que tocar em temas polêmicos - é inevitável que isso ocorra, é inevitável. A gente tem que tocar em temas polêmicos, assim, o ensino, o vídeo, se os textos, se os livros não forem [produzidos apenas] pela polêmica, e o alvo não for a polêmica, eu acho válido, entendeu?

MOTTA – 1 CORÍNTIOS 1:10 NOS DIZ: “Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo pensamento e em um mesmo parecer.” QUAL SERIA A APLICAÇÃO PRÁTICA, PRINCIPALMENTE DA PARTE B,

DESTE VERSÍCULO, NO CONTEXTO ATUAL, EM QUE TEMOS A DISPONIBILIZAÇÃO DE MUITO CONTEÚDO TEOLÓGICO E A MANIFESTAÇÃO DIVERSA DE OPINIÕES, BEM COMO O ACESSO SIMULTÂNEO A MATERIAIS DE DIVERSAS LINHAS TEOLÓGICAS DIFERENTES?

PR. JACK - Eu acredito que a aplicação prática de 1 Coríntios 1:10 [precisa levar em conta], em primeiro lugar, [que] quem está falando ali é um apóstolo. Ele tem uma autoridade que nós não temos, então, a autoridade de Paulo (ela) é igual ao seu escrito. Seu escrito tem autoridade igual à dele. Então, acredito que aquilo ali, a Igreja ainda vive aquilo ali nos temas essenciais do Evangelho. Os temas essenciais do Evangelho [nós já tivemos, aí, dois mil anos de cristianismo] já foram bem definidos e eu acredito que nós temos o mesmo modo de pensar, [nós] a Igreja. Eu



não acho que ela tem tantas linhas teológicas diferentes, assim, tantas diversas opiniões - eu acho que não tem. A Igreja pensa de forma bem unida, bem unificada, essas diversas opiniões que existem são em temas não centrais. Nos temas centrais, são pouquíssimas pessoas e, na verdade, as pessoas que pensam diferente [nisso] (elas) não tem nem voz no meio cristão. Então, o meu olhar para esse texto é um olhar bem positivo: eu acho que a gente vive isso.

MOTTA - ENTÃO, OS TEMAS NÃO ESSENCIAIS ESTARIAM SENDO SUPERVALORIZADOS, CHEGANDO A FORMAR GRUPOS IDENTITÁRIOS E A ESBOÇAR

DIVISÕES? ISSO SERIA RESULTADO DE UMA SUPERVALORIZAÇÃO?

PR. JACK - Eu diria que os temas não essenciais... eu acredito que os temas não essenciais crescem no solo do não compromisso. Quando eu estou comprometido com uma igreja, quando a teologia está nascendo no solo da igreja, então, eu acredito que a gente não tem espaço para isso. A gente tem espaço até para uma certa pluralidade, e isso é benéfico. Na igreja que eu pastoreio, eu tenho uma visão escatológica e nós temos pastores com outra visão escatológica, e nós convivemos juntos de forma harmoniosa, e isso ressalta ainda mais aquilo que é essencial. Precisa haver discordância nas questões não essenciais, agora, se essas questões não essenciais nos dividem, então elas nunca foram não essenciais, sempre foram essenciais em nossas vidas - apenas no discurso elas foram não essenciais. Mas, volto a dizer: quando a gente tá no chão da fábrica, no dia a dia, trabalhando e equipando, cuidando, ajudando, nutrindo as pessoas, não sobra muito tempo para isso não, para essa bobagem aí de divisão por picuinha.

MOTTA - DE QUE MANEIRA OS GRUPOS TEOLÓGICAMENTE OPOSTOS PODEM LUTAR UNIDOS CONTRA OS DIVERSOS MOVIMENTOS E IDEOLOGIAS ANTICRISTÃOS QUE CONSTANTEMENTE TENTAM INVADIR E DESTRUIR A IGREJA E A CAUSA DE CRISTO?

PR. JACK - Bom, primeiro de tudo, para nós lutarmos unidos, nós precisamos, de forma desesperada, ver o que nós temos em comum. Eu acho que nós nos apegamos, muitas vezes, até a pergunta anterior vai nessa linha, nós nos focamos muito naquilo que nós somos diferentes, mas existem muito mais coisas que nos remetem a uma unidade dentro da Igreja. Então, os nossos credos, a forma como se faz uma catequese, a própria Escritura é um elemento unificador né... imagina: nós temos a Escritura - um elemento extremamente unificador, então, eu acredito que a melhor forma de nós lutarmos unidos contra esses movimentos, contra essas ideologias, é ressaltando aquilo que nos dá unidade, aquilo que mostra que somos um. [Então] se eu pudesse resumir tudo isso, eu resumiria no que Paulo resumiu, como a fé, a esperança e o amor, tá. Mas, a gente pode expandir isso para a Escritura, para os nossos credos, os credos ecumênicos, enfim, acho que o cristianismo (ele) é bem consistente nisso.

MOTTA - QUÃO LONGE ESTAMOS DA IGREJA CRISTÃ HISTÓRICA, POSITIVAMENTE E NEGATIVAMENTE? (EM QUAIS ASPECTOS OU ÁREAS A IGREJA

"Eu acredito que os temas não essenciais crescem no solo do não compromisso. Quando eu estou comprometido com uma igreja, quando a teologia está nascendo no solo da igreja, então, eu acredito que a gente não tem espaço para isso."



CONTEMPORÂNEA EVOLUIU E TORNOU-SE MELHOR DO QUE AS IGREJAS DO PASSADO, E EM QUAIS ASPECTOS OU ÁREAS A IGREJA DE HOJE REGREDIU E DESCARACTERIZOU O CRISTIANISMO HISTÓRICO?)

PR. JACK - Eu acredito que nós não estamos longe da igreja histórica. A minha visão (ela) é bem positiva. Nós começamos com doze caras complicados, sendo que, dos doze, tinha um que o próprio Senhor disse que ele era o Diabo. Então, a minha visão da Igreja (ela) é bem positiva. Nós temos problemas? Temos. Mas, eu não acho que esses problemas evoluíram, né. Descaracterizou? Eu não acho que existe uma descaracterização do cristianismo histórico - eu não acredito nisso. O cristianismo histórico (ele) é marcado por virtudes e por loucura, então, nós olhamos o Novo Testamento e, basicamente, a razão pela qual o Novo Testamento foi escrito é para corrigir problemas. A Igreja, desde do seu nascer, (ela) já teve problemas. Na verdade, nós nunca tivemos uma época de ouro - a nossa época de ouro é antes do Éden, é lá no Éden, na verdade, é antes da Queda. Antes de Gênesis 3 foi nossa época de ouro e, depois disto, nossa época de ouro [será novamente] só na Igreja de Apocalipse, e nem é nos primeiros capítulos: só a Igreja, no final (lá) de Apocalipse. Esse é o nosso alvo. É complicado falar isso, mas o nosso alvo não é nem a Igreja de Atos - nosso alvo é a Igreja (lá) de Apocalipse, então, eu penso que a gente continua reproduzindo as limitações, os problemas que a Igreja sempre produziu. Na verdade, a grande diferença da Igreja é o pastor da Igreja, e o Nome dele é Jesus. Ele é o mantenedor da Igreja, Ele é quem

sustenta todas as coisas pela palavra do Seu poder - eu acho que isso faz toda diferença!

MOTTA - O MUNDO ESTÁ PIORANDO OU ESTÁ MELHORANDO? ERA MELHOR SE TIVÉSSEMOS NASCIDO EM OUTRA ÉPOCA?

PR. JACK - O mundo, de certa forma, (ele) está piorando e, de certa forma, ele está melhorando. Vamos tentar descompactar isso. O mundo piora na medida em que existe aquilo que o apóstolo Paulo fala em Romanos 1. O ser humano (ele) não apenas pratica o mal, ele inventa o mal - então, ele está piorando nisso. O mundo está melhorando na medida em que o Reino de Deus vem (vindo) e a Igreja está avançando. Hoje, nós temos acesso a um conteúdo bíblico muito maior do que há 500 anos. Willian Tyndale foi morto por traduzir a Bíblia para o inglês. Hoje, ainda que exista perseguição em alguns locais, o cristianismo tem avançado, tá. Eu não acredito que era melhor que nós tivéssemos nascido em uma outra época, porque Salomão disse que não é sábio dizer que os tempos antigos eram melhores, [então] eu não acredito nisso, eu acredito que o melhor está por vir, o melhor de Deus está por vir. Alguém vai dizer: "ah, o melhor de Deus é Jesus"... claro que é Jesus! "Então, Ele já veio"... Óbvio que já veio! Mas, Ele vai voltar, então, o melhor de Deus está por vir. O reino de Deus, a Nova Jerusalém, o futuro é maravilhoso, o futuro é fenomenal.

MOTTA - OLHANDO PARA OS FATOS, APELANDO PARA A "ESCATOLOGIA DE JORNAL", QUÃO PRÓXIMOS ESTAMOS DO RETORNO DO REI?

PR. JACK - Eu não gosto de “escatologia de jornal” (risos). Mas, se eu fosse usar “escatologia de jornal”, eu ia ler um jornal cristão e eu ia pensar em quantas pessoas foram batizadas, quantas pessoas foram alcançadas, quantas pessoas foram perdoadas. Eu tenho visto o pior da raça humana, né, eu tenho visto pessoas abandonarem a cruz, eu tenho visto pessoas abandonando Jesus, e isso poderia trazer um desespero para mim, mas, simultaneamente, eu tenho visto pessoas abandonando seus pecados, eu tenho visto pessoas seguindo Jesus, eu tenho visto pessoas abrindo mãos de direitos [que, anteriormente, não abriam] por causa da Palavra de Deus, por causa do Reino de Deus, então, eu acredito que o retorno do Rei está mais próximo do que imaginamos, mas, não por causa de algo caótico, tá bom, não por causa de algo caótico... Eu acredito que nós teremos, sim, uma grande apostasia nos últimos dias, só que as Escrituras não [informam a] duração dessa grande apostasia, então, acredito que a Igreja vai avançar, avançar, avançar, e nós teremos uma grande apostasia em um curto espaço de tempo, e Jesus volta.

MOTTA - NA SUA PERSPECTIVA, QUAL É O FUTURO VISLUMBRADO PARA A IGREJA BRASILEIRA? (PERGUNTAMOS, ANTERIORMENTE, SE GRUPOS TEOLOGICAMENTE OPOSTOS PODEM LUTAR UNIDOS EM PROL DA FÉ CRISTÃ E DE QUE MANEIRA ISSO SERIA POSSÍVEL, ENTÃO, TALVEZ TENHAMOS A RECEITA DO QUE FAZER, QUE FOI O QUE BUSCAMOS NAQUELA OUTRA PERGUNTA, MAS, ISSO TEM CHANCES DE ACONTECER? HÁ VIABILIDADE PARA TAL MOVIMENTO?)

PR. JACK - Uma vez, eu ouvi o presidente do Grêmio (*equipe gaúcha de futebol*) falando que ele gostaria de viver 100, 200 anos, para ver o Grêmio daqui há 100, 200 anos. Ele amava tanto o Grêmio, que queria ver o Grêmio daqui até muito tempo. Eu amo tanto a Igreja que eu penso a mesma coisa que ele, [só que em relação à] Igreja. Eu [gostaria de] ver a Igreja daqui há 100, 200 anos. Eu acredito que a época que nós estamos vivendo vai ser marcada como a época [em que viveram] John Piper e D A Carson, talvez, Tim Keller - nós temos homens de Deus na nossa época. Eu acredito que movimentos, como o negócio do Coalition (*The Gospel Coalition*), como outros movimentos similares, como o Atos 29, têm ressaltado que o futuro da Igreja não depende das suas definições, mas, sim, daquilo que ela é [em sua] estrutura como Igreja de Jesus. Eu acredito que, na prática, não é que a Igreja vai se unir no futuro - isso já está ocorrendo debaixo do nosso nariz, debaixo dos nossos olhos, debaixo (assim) das nossas barbas. Eu tive uma experiência fenomenal no Rio de Janeiro, na ordenação de um amigo meu, o pastor Rafael Ribas

(colunista da Revista Fé Cristã). Quando ele [foi ordenado], na época um pastor batista, nós tínhamos batistas, pentecostais, presbiterianos, todos reunidos na ordenação dele e, no momento em que ele foi ordenado, todos estavam estendendo as mãos, (estão) ali, impondo as mãos e ordenando ele. Então, de certa forma, está tendo uma unidade e eu acredito que isso vai aumentar. A Igreja tem crescido em maturidade em muitos lugares - a internet tem sido canal de um bom ensino, eu acredito que Aquele que começou a boa obra vai completar.

MOTTA - O QUE DIZER PARA OS CRISTÃOS [JOVENS E VELHOS] DE NOSSA ÉPOCA, QUE ESTÃO SE DEPARANDO COM UM BOM CONTEÚDO CRISTÃO, EM LIVROS E NA INTERNET, E TÊM TIDO DIFICULDADES PARA APLICAR ISSO À VIDA PRÁTICA, NA IGREJA, EM CASA E EM SUA VIDA PESSOAL - E NA PRÓPRIA INTERNET?

PR. JACK - Eu diria para eles focarem no essencial. Eu diria para eles fugirem de tudo daquilo que é mera especulação, tudo aquilo que não os habilita às boas obras. Como a própria Bíblia diz, em 2 Timóteo 3:16: *“Toda escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a educação na justiça afim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra.”* Para mim, todo ensino que não habilita para toda boa obra, tudo aquilo que não ecoa na vida prática, eu acredito que nós temos que abrir mão [disso]. A pessoa está tendo dificuldade de colocar isso em prática porque o ensino não é prática. Então, eu diria para abrir mão - acredito que não vai fazer diferença alguma. Se aquilo não te deixa mais santo, mais piedoso, esse ensino, essa leitura esse vídeo pode esperar.

MOTTA - QUAL O SEU CONSELHO PARA AQUELAS PESSOAS NO SEIO DA COMUNIDADE CRISTÃ, QUE ESTÃO SE DEBATENDO ENTRE DOCTRINA E PRÁTICA, NÃO APENAS PELA DIFICULDADE PESSOAL, MAS POR CAUSA DAS CIRCUNSTÂNCIAS QUE AS RODEIAM?

PR. JACK - As pessoas que estão debatendo sobre doutrina e prática, na minha opinião, são pessoas que não entenderam o que é doutrina e não entenderam o que é prática, porque, na verdade, a doutrina bíblica (ela) é extremamente prática. Eu estou estudando, agora, o livro de Provérbios e fica claro ali que a lei, para o povo da aliança, (ela) é algo prático, que acontece no dia a dia, e é no dia a dia [não apenas] que a lei ocorre, mas, é onde o ensino acontece, conforme Deuteronômio 6, quando Moisés manda o homem andar no caminho, ensinando seu filho no dia a dia, com as coisas que ocorrem no dia a dia. Eu diria para essas

peçoas procurarem consumir, ler, aprender aquilo que vai ter uma aplicação prática nas suas vidas e isso é bíblico. O problema, volto a dizer, são as especulações. Normalmente, as especulações nascem de uma mente preguiçosa, de uma mente sem compromisso, porque, quando você está comprometido com a edificação de algo, não tem como ficar especulando. Eu não tenho como especular se determinado alimento vai fazer bem ou não à minha filha, eu vou dar a ela os alimentos que eu sei que vão fazer bem para ela, que o médico dela, o pediatra dela, disse que vai fazer bem para ela - eu não vou dar a ela um outro tipo de alimento - eu não vou especular. É engraçado que com a Escritura nós fazemos diferente, isso não deveria ser assim.

MOTTA - OLHANDO UM POUCO PARA O TEMA CENTRAL DESTA EDIÇÃO DA REVISTA FÉ CRISTÃ, O QUE DIZER SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A IGREJA BRASILEIRA E A POLÍTICA?

PR. JACK – O tema da política é um tema que (ele) causa muito, muito calor, mas pouquíssima luz. Eu diria que esse tema deveria ser tratado aos pés de Jesus, através da ótica do Apocalipse. Acredito que o Apocalipse é uma boa forma de olharmos o mundo, olharmos o futuro, olharmos o tempo presente, no qual nós estamos inseridos. O Apocalipse é uma ótima cosmovisão. Olhamos pelo prisma da eternidade, d'Aquele que reina e está assentando em um trono, e que tem um Dragão à solta tentando destruir o povo de Deus. Então, eu diria a todos que se sentem vocacionados para serem políticos, [para] trabalharem nesse meio, que se revistam da armadura de Deus que está em Efésios 6. Estudem, cuidem o vosso coração, cuidem para não se tornarem cínicos nesta caminhada e vão em nome de Jesus. Eu diria para os palpiteiros de plantão: mais silêncio, mais oração, menos fervor político, menos palavras de ordem, e eu diria a todos aqueles que estão envolvidos em discussões políticas para estudarem a teologia da adoração, para sondarem os [seus] corações, [para ver] se não estão cometendo idolatria política.

MOTTA – UMA ÚLTIMA PALAVRA?

PR. JACK - Eu ficaria com o centro da Escritura, que está em Filipenses, capítulo 2: *“Jesus Cristo tem um Nome acima de todo Nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, no céu, na terra e debaixo da terra. E toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para a glória de Deus Pai”*, ou seja, nós temos que viver o dia de hoje para a fama do Senhor, para a fama do Nome de Jesus. Se não estamos fazendo isso, nós estamos sendo inúteis e aquilo que é eternamente inútil não tem utilidade para o dia de hoje, também. Que isso possa

estar diante dos nossos olhos e que nós venhamos a ter uma obsessão, [uma obsessão!] e essa obsessão seja a fama do Nome de Jesus. Nós não temos como ter mais de uma obsessão, não existe [como]. Então, eu diria isso a todos no dia de hoje. Um abraço!



Marcos Motta é editor-chefe da Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Lajeado/RS, é músico, escritor e pregador do Evangelho. Está se preparando para iniciar a graduação em Gestão de Recursos Humanos.



Transcrição de **Priscila Layanne**, que é estudante de Arquitetura e Urbanismo na FSM - Faculdade Santa Maria, e membro da Igreja Metodista Livre, em Cajazeiras/PB.

A DOCTRINA DO

SOLA SCRIPTURA

É INSUFICIENTE EPISTEMOLOGICAMENTE?

A expressão “*sola scriptura*” vem do latim: “*sola*” tem a ideia de “somente”, “chão”, “base”, e o termo “*scriptura*” significa “escritos” – em referência às Escrituras. *Sola scriptura*, portanto, faz menção à crença de que somente as Escrituras são a autoridade de fé e prática do cristão. Em outras palavras, este é o princípio segundo o qual a Bíblia tem absoluta primazia ante a tradição cristã de qualquer época ou lugar, quando, os princípios doutrinários entre esta e aquela forem conflitantes. A Bíblia é completa, dotada de autoridade e verdadeira. Muitos cristãos jamais ouviram falar de *sola scriptura* e, mesmo assim, creem naquilo que é ensinado e defendido através deste *sola*. Outros tantos, afirmam ser cristãos, no entanto, não creem e não defendem este princípio elementar e basilar do cristianismo.

Uma objeção que surge contra o *Sola Scriptura* é que, segundo os críticos, é um lema epistemologicamente insuficiente. Ou seja, o *Sola Scriptura* não possibilita uma confiança real e infalível a respeito do que é correto ou não teologicamente, dado o fato de que existem diversas interpretações nos movimentos protestantes. É uma observação constatada, na realidade, porque protestantes, por exemplo, que possuem uma soteriologia calvinista discordam dos que possuem uma soteriologia arminiana. Sobre o batismo, existem os

credobatistas e os pedobatistas. Sobre a Ceia, há um debate entre realistas e memorialistas. E, também, existem os cessacionistas, os continuístas e muitas outras divergências. Afirma-se, então, pelos apologistas católicos que “ir para a Bíblia” não tem sido suficiente, pois, caso fosse, os movimentos protestantes seriam tão unos quanto a Igreja de Roma. Eis aqui o diferencial de Roma, apontado pelos apologistas: a credibilidade, infalibilidade e suficiência do Magistério.

Como o objetivo deste artigo não é demonstrar as divergências internas do catolicismo romano, e nem demonstrar que as divergências do movimento protestante não transformam os discordantes protestantes em menos cristãos ou em hereges, vamos focar na questão epistemológica desta vez.

Mas, antes é importante explicar o que é epistemologia, para aqueles que não conhecem o termo. Podemos chamá-la também de “teoria do conhecimento”. *Epistem* – vem do grego e significa conhecimento, e *logia* – estudo. Assim, a epistemologia é o estudo do conhecimento, suas fontes e como ocorre sua aquisição. Entenda isso, também, como o estudo dos meios pelos quais você conhece e sabe algo, e percebe elementos da natureza e da mente. Resumindo: como você sabe o que sabe.

Primeiro, é importante entender que a crítica, apesar de sincera, refuta a si mesma, e isso é um grande problema para a apologética anti-protestante, porque se ela for verdadeira, a regra de fé católica também é colocada em questão. É uma acusação tão tola quanto a frase “não existe verdade absoluta”, que pode ser refutada com um simples “tem certeza?”.

A argumentação geralmente é desenvolvida assim: “as Sagradas Escrituras são de fato a Palavra Divina, entretanto, é necessário decifrá-la infalivelmente para que tenhamos certeza que estamos entendendo-a corretamente e definitivamente alimentando-nos de algo divino”. Ou seja, o argumento é que precisamos do Magistério (obviamente, o de Roma) para que tenhamos certeza de alguma coisa e possamos ficar em paz. Entretanto, esta apologia falha, já que é necessário primeiramente estabelecer (1) que há um magistério infalível, e após isso, (2) qual dos candidatos é infalível. Como isso é possível apenas através de um julgamento falível de nossa parte? O pressuposto desmonta. Dependem, então, os cristãos protestantes, ortodoxos orientais e católicos romanos da fé na obra do Espírito Santo durante a história da Igreja, mais do que na confiança de suas percepções pessoais.

Dizer: “creio na Bíblia porque a Igreja me diz infalivelmente para crer”, chama outra pergunta: “como

você sabe que a sua Igreja é infalível?”. Isso não é um problema real para a vida da Igreja, mas os que realizam a crítica contra o *Sola Scriptura* estão proibidos eticamente de responder “porque a minha Igreja diz que é infalível”, já que, hipocritamente, defenderão o argumento circular que tanto repudiam. O Magistério de Roma também é epistemologicamente insuficiente para o católico romano leigo.

Se, uma vez que não é infalível, é impossível para o cristão protestante possuir certeza de sua interpretação da Escritura, semelhantemente é impossível para o cristão católico possuir certeza de que sua Igreja é infalível, porque ele também não é infalível.

O que é ignorado nesta apologia é que toda informação, pronunciada ou escrita, precisa necessariamente ser interpretada pela nossa mente, com o uso de referências conciliares que não estão contidas na informação original. Isso é verdadeiro para tudo: uma conversa, um julgamento em uma corte, a Bíblia ou os documentos do Magistério de Roma. O texto bíblico infalível e o texto romano infalível precisam ser interpretados pelos leigos falíveis. A frase “estou indo ali” pressupõe o conhecimento adicional do local referido como “ali”. Por estes mesmos motivos é que a Escritura Sagrada não pode andar desacompanhada da tradição da Igreja, mesmo que apenas a Escritura seja realmente infalível.

Quando João se refere a Cristo como o “*Verbo*” (João 1:1), em uma interpretação correta, é necessário compreender o significado da palavra para o autor, para os destinatários e o seu contexto cultural. É impossível compreender o texto sem o contexto. Então, dizer que o *Sola Scriptura* é insuficiente é besteira, mas, realmente a interpretação não é infalível.

Afirmo então, que é anti-cristão e irresponsável tentar compreender a Bíblia sem a ajuda da Igreja, porque isso revela uma tremenda falta de respeito pelo trabalho do Espírito Santo no passado. Se crianças vão para escola para aprender a ler através de um professor que sabe ler, a leitura da Escritura deve ser realizada no mesmo espírito de humildade.

“Mas, quando vier aquele Espírito da Verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir”, (João 16:13).

Devemos nos lembrar, também, que possuímos a promessa do paráclito – o Espírito da Verdade, que é o Espírito Santo. Este termo aparece três vezes no Novo Testamento, duas vezes referindo-se ao Espírito Santo (João 14:16-26; 16:7), e uma vez a Cristo (1 João 2:1). Significa “advogado”, especificamente “aquele que vem guiar, aconselhar e defender um indivíduo”. Há um verbo semelhante no grego, *parakaléo*, que significa “consolador”. O paráclito, enquanto espírito da verdade, opõe-se ao espírito do erro (1 João 4:1-6). Logo, o Espírito da Verdade é a própria Verdade e também transmite a Verdade. Como, dentre os destinatários das obras joaninas, estavam incluídos judeus e gentios, para a mentalidade do primeiro grupo, a Verdade é uma palavra ligada à existência e à estrutura humana, vida prática, mudança de comportamento, e para o segundo grupo, conhecimento intelectual. O paráclito é então, ambas as coisas.

É certo afirmar que o Espírito Santo nos guia para a Verdade como guiou os apóstolos (João 16:13), porque foi Cristo que prometeu a plenitude da Verdade. Esta promessa feita aos nossos santos pais e apóstolos é também para nós, assim como a promessa da habitação do Espírito Santo não é restringida às testemunhas oculares do Dia de Pentecostes. Mas, isso significa que a Igreja, sendo beneficiária da promessa, receberá o carisma da infalibilidade? Não.

Exegeticamente, não é possível extrair de qualquer texto da Escritura esta conclusão, já que dentro da promessa explícita de orientação do Espírito Santo não há implicitamente carisma infalível à Igreja. Se a orientação do Espírito Santo não impede que a Igreja caia em pecado, então, porque a Igreja estaria preservada do erro baseada na mesma promessa? A infalibilidade conferida a Igreja não está no texto da Escritura, antes a nossa confiança está na infalível obra do Espírito Santo, defendendo a Igreja das portas do inferno.

Mas, e as divergências protestantes? Todas as verdades fundamentais do Evangelho são defendidas por protestantes consistentemente, de maneira que as divergências e dificuldades surgem por questões secundárias. Entretanto, como o objetivo deste pequeno artigo era apenas refutar a objeção da apologética anti-protestante, é conveniente que deixemos o assunto sobre a infalibilidade da Igreja, ou as divergências do protestantismo, para outra edição da revista.

Resumindo o que vimos aqui:

- (1) Se o *Sola Scriptura* é insuficiente, porque não temos um julgamento infalível, o Magistério de Roma também é, porque o leigo não possui um julgamento infalível para confirmar que a Igreja Romana não erra.
- (2) Nossa confiança deve estar duplamente no Espírito Santo, crendo que Ele nos guia e orienta e que fez o mesmo com os autores dos trabalhos mais elaborados e consistentes da tradição da Igreja. Isso é mais do que o suficiente.



desde 2010.

Gabriel Lopes é bacharel em Ciência da Computação, pela Universidade Veiga de Almeida, no Rio de Janeiro/RJ. Criador do portal *Dragão na Garagem*, é um dos diretores teológicos do Instituto *Verbum*, e estudioso de teologia



JOVEM,

*você só pode ser um representante do bem se você seguir
a Jesus*

“E eis que, aproximando-se dele um jovem, disse-lhe: Bom Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna? E Ele disse-lhe: Por que me chamas bom? Não há bom se não um só, que é Deus.” (Mateus 19:16,17).

É fato que o jovem está no auge do vigor e da energia. Os seus depósitos de hormônios estão cheios, e o sistema endócrino que os fabrica trabalha a todo vapor. Não é sem razão que João escreve sobre eles: “*sois fortes*”, (1 João 2:14). O jovem, pela facilidade que tem de se apaixonar, por sua intensidade na luta para conquistar o que deseja, e por ser capaz de se dedicar inteiramente à tudo aquilo que o fascina, é

visto por João como um agente forte no duelo contra o Maligno. Não por menos, os jovens não se contentam com uma vida pacata, com uma condição secundária. Antes, querem mudar o mundo, querem marcar a existência, querem gravar seus nomes nas páginas da história.

Isso explica a facilidade com que os jovens se associam a movimentos. Quer sejam eles revolucionários ou reacionários, rebeldes ou inovadores, liberais ou conservadores. O mundo, na mente do jovem [e não apenas nela], precisa e pode ser melhorado. Existe, numa visão jovem de mundo, coisas que estão erradas e que precisam ser combatidas, erradicadas. Segue-se que

"A facilidade que os jovens têm de se venderem para políticos e discursos ideológicos é seu desejo de representar o bem."

a mudança de mundo almejada pelo espírito jovem, não é mera mudança de condição ou de situação, mas uma mudança para melhor - o novo precisa cooperar para o bem. O jovem, assim, deseja ser parte do bem que transforma a situação para melhor - quer ser lembrado com glórias e honras, com louvor.



Certa vez, conforme Mateus nos relata, um jovem aproximou-se de Jesus. Jesus era alguém que fazia o bem. Ele estava transformando a sociedade ao seu redor, e isso acabaria por transformar o mundo. Por um lado, Jesus jamais foi um mero revolucionário, como afirmam os esquerdistas. Por outro, no entanto, é inegável que uma revolução teve início em Jesus – uma revolução espiritual e social. Aquele jovem quis fazer parte disso. Ele tinha dinheiro, e tinha religião, mas sentia que isso não era suficiente. O que lhe faltava mais? Ora, fazer algo relevante, participar de algo digno de lembrança, algo digno de receber a devoção de sua existência. Ele queria a eternidade. Queria entrar nela de acordo com seus esforços, com base nas boas obras que havia realizado. Ele era um jovem normal, um jovem comum, um jovem como qualquer outro – um jovem como você.

- Bom Mestre, o que devo fazer para conseguir a vida eterna? Em que luta devo empregar minhas forças, minha energia, meus hormônios, minha paixão, minha intensidade, minha dedicação? Vamos ser parceiros, Jesus. Se tu sabes a resposta, me diga e eu o farei.

O que o jovem ainda não sabia é que, antes de transformar o mundo, deveria ele mesmo ser transformado. Antes de marcar o mundo, deveria ele mesmo ser marcado. Antes de gravar seu nome na história, ele deveria ter um nome gravado em si mesmo. Jesus começa a ensinar-lhe estas coisas dizendo que nem mesmo Ele, Jesus, era bom. É claro que, conhecendo o contexto, sabemos que Jesus era bom, mas, como nos ensina Paulo, escrevendo aos Filipenses, Jesus, *“sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se de si mesmo”*, (Filipenses 2:6,7) - Ele deixou de olhar para Si mesmo como alguém que era bom como Deus.

Feche os olhos e vislumbre Jesus ensinando:

- Jovem, você não pode ser representante do bem a não ser que você siga o meu exemplo, a não ser que você ME siga: Vá, venda tudo o que você tem e dê aos pobres... e venha, e me siga.

Isso não é o que Jesus fez no evento físico e cósmico da encarnação? Jesus não “vendeu” tudo o que tinha para dar aos pobres, pecadores e condenados, que somos nós? Mas, o ensino não para por aí – há muito mais coisas a serem consideradas:



- Você vem e me chama de bom, porque você pensa que você é bom, e por isso, pensa que é digno de participar de um movimento que promove o bem - acredita que, com isso, pode dar sentido à sua existência, mas, cá



entre nós, em honra ao Pai, nem eu me considero Bom, somente Ele, o Pai, é bom.

Romanos 3 nos informa que *“não há ninguém que faça o bem”*, (Romanos 3:12). Aquele jovem não podia ser alguém que faz o bem, porque ele estava apartado de Jesus. Nem eu e você podemos, a menos que estejamos unidos ao Senhor. Jesus é representante do bem, porque, humanamente falando, Ele realiza toda a vontade do Pai. Seu propósito, seu sentido, sua direção, o que movia Jesus, enquanto cidadão deste mundo, sempre foi a vontade do Pai. De que maneira, então, o jovem de Mateus 19 poderia se tornar um representante do bem? Somente imitando a Jesus, seguindo a Jesus. Você só pode ser um representante do bem se você seguir a Jesus. E você só pode seguir a Jesus se arrepender-se dos seus pecados e crer n'Ele. É quando você nega a si mesmo e toma a sua cruz que pode seguir a Jesus.

A facilidade que os jovens têm de se venderem para políticos e discursos ideológicos é seu desejo de representar o bem. É sua vontade de ser como Jesus e de fazer as coisas que Jesus faz, sem antes serem transformados, sem que a vontade do Pai seja seu prazer e sentido da vida, como era para Jesus, e sem que a vontade de Jesus seja transformada em sua vontade.

Por que jovens vestem a camisa de partidos políticos, na maioria das vezes, cegamente? Por que defendem intensa e insanamente seus políticos preferidos, militando lobotomizados? O registro de Mateus é que, diante da incapacidade de realizar a vontade de Deus, por meio do cumprimento daquilo que Jesus ensinou, o jovem *“retirou-se triste”*, (Mateus 19:22). O problema está na tristeza gerada por se amar mais ao pecado do que a Deus. O amor ao mundo é concorrente do amor a Deus. Diante disso, os jovens de todas as épocas procuram algo que possa lhes proporcionar a sensação

de pertencimento, buscam um messianismo sem o Messias. Endeusam a causa, e se autoproclamam apóstolos do bem. Não apóstolos de Jesus. Não seguidores do Bom Mestre. Mas, jovens tristes tentando se realizar fazendo um bem vazio de sentido.

As ideologias políticas, por sua vez, são tão facilmente abraçadas pelos menos desavisados, por que, em seus discursos, seus adeptos se colocam como representantes absolutos das pautas morais que fazem a crítica social – o que proporciona com que a autoimagem destes frenéticos jovens seja de alguém que vai realizar a justiça social no mundo ou, em outras palavras, fazer o bem supremo. O problema é que, para além do discurso, é fato que as mais famosas ideologias políticas jamais lutaram essencialmente pelo bem das massas, mas cooperaram para o assassinato, ruína e miséria de bilhões de pessoas. O problema é que as ideologias políticas não são Jesus e não são a Sua Igreja. A prática da política na história é uma prática de egoísmo, de jogos de poder, de massacres, em nome daquilo que seus membros julgavam ser o bem, isso é história. Os movimentos políticos, hoje, desejam salvar o mundo, mas não são capazes sequer de salvarem a si mesmos e a seus adeptos.

Jovem, siga a Jesus. Jesus é suficiente para o bem de todo o mundo. Faça política, olhe a política, entenda a política, seguindo e adorando a Jesus. Não tente fazer a obra de Jesus, olhar para Jesus, entender a Jesus seguindo e adorando à política.

O sábio Salomão escreveu em Provérbios: *“Filho meu, se os pecadores procuram te atrair com agrados, não aceites. [...] não te ponhas a caminho com eles, desvia o teu pé das suas veredas; porque os seus pés correm para o mal, e se apressam a derramar sangue.”*, (Provérbios 1:10,14-16).

Os jovens, enganando-se a si mesmos, procuram movimentos e grupos identitários que, no discurso, dizem ter em suas mãos o projeto de transformação social do mundo, e que representam os fracos e oprimidos. Ao aderirem à política, às ideologias políticas, ao político, eles sentem, então, que finalmente são pessoas do bem. É como se eles se olhassem no espelho e vissem no reflexo o próprio Jesus. Já que não podem e não querem a Jesus, então tentam substituí-lo por si mesmos. Substituem o Evangelho que transforma, pela causa que tenta transformar. Veja que a razão por que jovens lutam por política é por que isso produz, neles, uma autopercepção orgulhosa de que eles são e estão do lado do bem. É estranho constatar, no entanto,

que na Bíblia, todo aquele que orgulhosamente se acha do bem, é do mal.

Ser do bem, discursar em favor do bem, assenhorear-se de um discurso político e declará-lo aos quatro cantos, também faz com que o jovem passe a ser parte de uma *networking*, e nesta *networking*, ele terá amigos, fará parte de um grupo, terá apoio, terá uma causa em favor da qual passará a lutar, terá um objetivo escatológico, uma utopia social que é buscada pelo movimento, a qual todos do grupo sonham em alcançar – há aqui uma substituição da Igreja. É fazendo parte desta rede de pessoas, desta malha de contatos e amigos, desta *networking*, que o jovem, por fim, recebe e encontra poder. Ele acredita estar lutando para alcançar e adentrar à vida eterna ao ser eternizado na história, mas, ao fazer isso tão somente por seus próprios mandamentos e sem precisar vender tudo o que tem [e entregar-se por completo] em benefício do e em amor ao próximo, engana-se a si mesmo. A ideia é que um mundo perfeito é possível e eles julgam que podem construir esse mundo perfeito. Essa adesão ao movimento é a evidência de um caráter corrupto que, mesmo em alguém que está dentro da igreja, mostra a rejeição à Jesus e ao Seu Evangelho.

Jovem, você pode usar a política para fazer aquilo que Jesus diz que você deve fazer através da política. Mas,

você não pode, não deve e nem conseguirá usar a política para fazer aquilo que Jesus diz que você deve fazer através d'Ele mesmo e de Seu Evangelho. A política é um instrumento, um meio - a política não é Jesus, e o mundo será redimido somente por Jesus.

Mesmo que a política tivesse o poder de fazer aquilo que apenas Jesus pode fazer, ainda resta a Palavra, que nos diz: “*Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?*” (Mateus 16:26). Em outra passagem, lemos que “*ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro.*” (Mateus 6:24). Entre a política e Jesus, Jesus é incomparavelmente melhor.



Marcos Motta é editor-chefe da Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Lajeado/RS, é músico, escritor e pregador do Evangelho. Está se preparando para iniciar a graduação em Gestão de Recursos Humanos.

MINISTÉRIO PASTORAL E MAGISTRATURA

QUAL É MAIS IMPORTANTE NO PLANO DE
DEUS?



A dicotomia entre sagrado e secular tem influenciado o mundo evangélico nos nossos dias. Bandas gospel são formadas como imitações santas de bandas seculares. A igreja e o monte de oração são lugares mais poderosos do que uma casa e um quarto.

Essa dicotomia se esparrama por toda a realidade, atingindo também a esfera das vocações. Alguns, entendem que ser pastor é a única vocação na qual se pode servir a Deus. Por outro lado, como a corrupção é sinônimo de política, a magistratura é vista como algo profano e satânico.

Diante desse pensamento, pode-se questionar: será que o ministério pastoral é mais importante que a magistratura para Deus?

Na busca por uma resposta bíblica e teologicamente saudável, será analisado a origem das vocações nos mandados criacionais, a Queda e seus efeitos sobre elas, os ofícios de Cristo que são representados por elas e a relação entre o ministério pastoral e a magistratura.

1. Ministério pastoral e magistratura foram estabelecidos por Deus

Diante desse interessante questionamento sobre a importância do ministério pastoral e da magistratura, precisamos analisar a origem de cada uma dessas vocações. Essa análise contribuirá para entendermos os propósitos do estabelecimento delas para o plano de Deus.

O ministério pastoral é estabelecido formalmente no período da institucionalização da igreja no Antigo Testamento, quando Deus separa a tribo de Levi para ser a tribo sacerdotal. Contudo, essa formalização institucional é uma manifestação de algo que foi estabelecido no Éden. Adão era o cabeça espiritual de Eva (1 Coríntios 11:3). Ou seja, ele era o líder espiritual dela, tendo que conduzi-la espiritualmente diante de Deus.

Adão, diante do mandado espiritual, devia cuidar pastoralmente dos seus. Essa responsabilidade pastoral é vista no Éden na tarefa de guardar o jardim. Deus coloca Adão no jardim do Éden para guardá-lo da usurpação de Satanás. [1] O verbo hebraico traduzido como “guardar” é “Hr”. Ele é usado para os deveres sacerdotais correspondentes a cumprir fielmente as instruções divinas (Levítico 8:35) e cuidar do tabernáculo (Neemias 1:53). [2] Logo, Adão pode ser considerado o primeiro sacerdote deste mundo.

A magistratura também foi estabelecida formalmente no período da monarquia israelita. Entretanto, essa formalização institucional é uma manifestação de algo que foi estabelecido na criação. Adão foi colocado no



Éden para cultivar o jardim (Gênesis 2:15). Ou seja, o governo foi uma ordenança da criação, fazendo parte do mandado social.

Greg Johnson, contrariando Abraham Kuyper, [3] defende que o governo civil está embasado na ordem para subjugar e dominar a terra. Ele diz:

“Assim como Deus estabeleceu o casamento e o estruturou, revestindo o marido com autoridade para liderar, também constituiu o governo civil. [...] Tenho para mim que o governo é, igualmente, uma parte do desígnio divino original, como autoridade civil embasada no mandado para subjugar a terra e dominá-la (Gênesis 1:28).” [4]

Johnson diz também que não era necessário a presença do pecado para se instituir a autoridade civil. Ele não nega que as autoridades são ministros de Deus que carregam a espada para punir e conter o mal. Todavia, defende também que elas eram necessárias antes do pecado para construir estradas e estabelecer padrões de pesos e medidas. [5] Sendo assim, Adão pode ser considerado a primeira autoridade civil deste mundo.

Portanto, vê-se que tanto o ministério pastoral quanto a autoridade do magistrado civil foram estabelecidos nos mandados criacionais no Éden.

2. Ministério pastoral e magistratura têm funções específicas após a Queda

A história da humanidade não permanece no jardim do Éden. Adão e Eva foram expulsos dele por causa da Queda. Isso fez com que as funções do ministério pastoral e da magistratura fossem mais claramente evidenciadas e separadas.

Após a Queda, o ministério pastoral teve sua função vista nos sacerdotes do povo de Deus no Antigo Testamento. Vimos que Adão manifestava sua função sacerdotal ao se aplicar fielmente no cumprimento de Deus e no cuidado do jardim, sendo uma representação do templo de Deus. Com o progresso da revelação, evidencia-se a função de conduzir o povo a Deus através dos sacrifícios e da leitura da Lei. O sacerdote tinha a função de representar o povo diante de Deus, recebia seu sustento dos sacrifícios e ofertas que eram trazidas ao altar (Levítico 18:1) e era um dos três poderes do Estado de Israel, juntamente com a monarquia e o ofício profético.

No Novo Testamento, o ministério pastoral tem configurações diferentes no novo Israel de Deus. Os pastores do Novo Testamento não oferecem mais sacrifícios pelo povo diante de Deus e nem têm poder estatal. Eles continuam conduzindo o povo a Deus, dedicando-se e afadigando-se no estudo da Palavra (Atos 6:2). Continuam tendo o direito de receber seu sustento da Igreja (1 Timóteo 5:17), pois se dedicam às coisas do Evangelho (1 Coríntios 9:14).

Logo, a função do ministério pastoral é da esfera eclesiástica, separada da esfera do Estado. O pastor deve pregar o Evangelho, cuidar da santidade do povo de Deus através da disciplina e ensino da Palavra de Deus, e administrar as coisas da Igreja. Ele é um ministro de Deus na esfera da Igreja.

Na magistratura, vemos algumas funções sendo acrescentadas após a Queda. O magistrado continua tendo a função de organizar a sociedade, proporcionando tranquilidade e oportunidades a todos (1 Timóteo 2:2). Mike Warren, falando sobre isso, disse:

“Entre as funções primordiais do governo, têm-se: [...] que a paz pública não seja perturbada; que as propriedades de cada pessoa sejam preservadas em segurança; que os homens possam exercer tranquilamente o comércio uns com os outros; que seja incentivada a honestidade e a modéstia”. [6]

A outra função do magistrado civil é portar a espada, julgando os maus e beneficiando os que praticam o bem

(Romanos 13:4). Ou seja, o propósito dele é manter a ordem e proteger o bem do caos, da violência e do mal. [7] Consequentemente, o magistrado civil tem como objetivo lidar com a coisa pública, preocupando-se com as coisas do povo da sua nação, independentemente de sua religião.

Por isso, os magistrados têm o direito de receber seu sustento dos tributos do seu povo (Romanos 13:6). A consciência demonstrada no pagamento dos tributos é que os magistrados são ministros de Deus para manifestar a justiça, a ira e a manutenção divina no cosmos afetado pela Queda através das leis dos homens; além de mostrar honra a eles.

Logo, a função do magistrado civil é na esfera pública, separada da esfera da igreja. Ele deve cuidar da organização da sociedade, estabelecendo leis justas que regulamentem as relações sociais, trazendo punição para os maus, protegendo os que praticam o bem e preservando a ordem pública. Ele é um ministro de Deus na esfera do Estado.

Portanto, no plano eterno de Deus, vê-se uma separação nas funções do ministério pastoral e do magistrado civil. Aquele foi designado por Deus para cuidar das coisas da Igreja, proclamando o Evangelho, disciplinando o povo de Deus baseado na Palavra d’Ele e zelando para o crescimento deste povo em fé e santidade. Já o magistrado civil é alguém que foi designado por Deus para cuidar das coisas do Estado, organizando a sociedade, promovendo a paz, julgando os maus segundo as leis dos homens e zelando por oportunidades iguais e justas para cada indivíduo da sociedade.

3. O ministério pastoral e a magistratura são representações dos ofícios de cristo

O ministério pastoral e a magistratura têm algo em comum, trazendo uma importância especial para cada vocação no plano eterno de Deus. Essa importância se encontra no fato que elas são representações dos ofícios de Cristo.

O ministério pastoral é uma representação do caráter pastoral de Deus. Davi diz que o SENHOR é o pastor que o sustenta em todos os momentos (Salmos 23:1). Ezequiel diz que o SENHOR apascenta Suas ovelhas, trazendo descanso, cura e fortalecimento para elas (Ezequiel 34:11-16). O nome divino usado nesses textos é “YHWH”, que lembra a aliança pactual feita com Moisés para libertar Seu povo no Egito. Deus diz a ele para anunciar a Faraó que o “EU SOU” tinha o enviado para libertar o povo de suas mãos. Essa expressão, “EU

SOU”, vem do nome divino “YHWH”, mostrando esse aspecto pactual entre Deus e o Seu povo.

Por isso, no Novo Testamento, Jesus usou a expressão “*EU SOU*” sete vezes, no Evangelho de João, demonstrando, deste modo, que era o Deus encarnado que veio cumprir a Sua promessa de pastorear o seu rebanho. Para demonstrar isso, Jesus disse que é o bom pastor que dá sua própria vida pelas suas ovelhas (João 10:11). Ele é o Supremo Pastor que os demais pastores devem imitar, seguir e evidenciar em seus ministérios (1 Pedro 5:4). Ele é o Pastor das nossas almas, manifestando o seu cuidado sacerdotal para nos levar a Deus (1 Pedro 2:25). Logo, Cristo é o Pastor e o sacerdote perfeito que os pastores devem manifestar.

O magistrado civil é uma representação do governo de Deus no mundo. O salmista declara que o SENHOR é o altíssimo para todo o sempre (Salmos 92:8). A expressão “*altíssimo*” significa que Deus está acima de tudo e todos. Não há nada e nem ninguém que tenha o domínio e poder para governar como o Senhor. Ou seja, Deus é altíssimo porque Ele governa soberana e incomparavelmente sobre todas as coisas que existem.

Esse governo divino é visto com mais clareza na pessoa de Cristo, porque Ele foi constituído o Rei que governaria com seu cetro de ferro a todas as nações (Salmos 2:6-9). Ele recebeu todo o domínio, pois está assentado à destra de Deus (Atos 2:32-35). Sentar-se à destra de Deus não é o local para o qual Cristo foi. Mas, representa autoridade, poder e governo eterno sobre tudo. Por isso, Ele é considerado o Rei dos reis e Senhor dos senhores (Apocalipse 19:16). Assim, Cristo é o dominador poderoso, justo e perfeito que os magistrados devem imitar.

Portanto, o ministério pastoral e a magistratura são demonstrações dos ofícios de Cristo. Essas vocações foram instituídas por Deus para lembrar-nos de que Cristo pastoreia o Seu povo e governa essa realidade criada de forma perfeita, de modo que tanto o pastor quanto o magistrado civil devem levar à sério suas vocações, porque são representantes de Deus nesse mundo.

4. Qual é a relação entre o ministério pastoral e a magistratura?

Apesar de atuar em esferas separadas, o ministério pastoral e a magistratura têm uma relação no plano eterno de Deus. Esse entendimento é visto na teoria de Abraham Kuyper chamada “Esferas de soberania”. Kuyper defende que essas esferas não são intangíveis entre si e sem relação umas com as outras. Pelo

contrário, elas se relacionam e se comunicam entre si, tendo Deus como soberano sobre elas.

A relação entre o ministério pastoral e o magistrado civil se dá em duas vias. A primeira via, o ministério pastoral serve como consciência para o magistrado civil. A segunda via, o magistrado civil é servo do bem, do que é justo e verdadeiro, protegendo valores fundamentais baseados na consciência cristã.

Na primeira via, o ministério pastoral se relaciona diretamente com o magistrado civil. A Igreja tem como função orientar e ensinar as perspectivas divinas sobre a magistratura aos vocacionados para tal ofício. Assim, a Igreja tem um importante papel no ensino sobre a magistratura civil e no despertar da sua vocação. Quando a Igreja falha nesse aspecto, o governo civil é assumido por pessoas que não têm interesse em zelar pelo bem, pelo justo e proteger os valores fundamentais de uma sociedade.

Na segunda via, o magistrado civil se relaciona de forma indireta com a Igreja. Ele não deve ser um servo da Igreja. Ele é um servo de Deus que respeita a liberdade religiosa, a liberdade de expressão e que proporciona um ambiente pacífico para uma vida em sociedade. Quando o magistrado civil falha em sua função, a sociedade como um todo se deteriora, consequentemente a Igreja sofre também. Mas, não é um relacionamento direto, porque a Igreja pode resistir aos assédios maléficos do Estado.

Portanto, na relação das esferas, o ministério pastoral pode influenciar diretamente na mentalidade do magistrado civil. Ensinar e despertar a vocação de magistrados é uma reponsabilidade importante na função da Igreja. Enquanto que o magistrado civil não influencia e nem tem ingerência sobre a Igreja diretamente, porque ela tem liberdade de atuação em sua esfera.

Conclusão

Diante do que foi visto, o presente artigo conclui que as vocações de ministério pastoral e magistratura são importantes no plano de Deus, porque:

- Elas foram estabelecidas no Éden, quando os mandados criacionais foram dados ao homem.
- Elas receberam funções específicas após a Queda, sendo de proclamação, disciplina e zelo na esfera da Igreja e de organizar, promover e julgar os homens na esfera do Estado.

- Elas são representações dos ofícios de Cristo e representantes de Deus na terra.


Mesmo assim, existe um aspecto que diferencia as duas vocações. Essa diferença é vista no poder de influência do ministério pastoral em relação ao magistrado civil. Enquanto que a magistratura é limitada em suas ações diante da Igreja.



Rev. William Steigenberger de Souza é teólogo, pastor e Matemático. Bacharel em Matemática, pela UEL, em Londrina/PR. Bacharel em Teologia, pelo Seminário Presbiteriano JMC, em São Paulo/SP. Licenciando, pela

Faculdade São Luís de Jaboticabal. Pastor da 2ª Igreja Presbiteriana de Jaboticabal/SP. Casado com Ariani Cristiani Graciani Steigenberger.

A NECESSIDADE DE PLANTAÇÃO E PLANTADORES DE IGREJAS - PARTE 2




A plantação de igreja deve ser relacionada com o impacto evangélico que as igrejas existentes estão causando. Se não estão penetrando as trevas, ou novas igrejas precisam ser plantadas, ou as igrejas existentes precisam de reforma. Ambas as obras exigem oração.

Preocupações Geográficas

Às vezes, condições geográficas demandam novas igrejas. As comunidades mudam; pessoas deixam certo lugar, enquanto outras vão para lá. Algumas igrejas são capazes de adaptar-se a mudanças; outras não. Quando elas não se adaptam, não devemos evitar a plantação de igrejas novas onde existem antigas. Onde as igrejas abandonaram o Evangelho cristão, não devemos nos envergonhar de estabelecer novas igrejas, centradas no Evangelho.

É óbvio que o foco, primordialmente, é plantar novas igrejas onde geograficamente, não há nenhuma presença de igreja que possa ser o refúgio para os novos convertidos.

No entanto, nem todas as igrejas proclamam fielmente o Evangelho de Cristo, ou expõem com regularidade as Escrituras, ou disciplinam seus membros, ou fazem uso correto das ordenanças, ou praticam o governo bíblico da Igreja, ou mantêm um ministério focalizado no Evangelho. Desta forma, a plantação de igreja deve ser relacionada com o impacto



Muitas igrejas não evidenciam a obra santificadora de Cristo. Será que elas não são apenas organizações eclesiais que possuem nomes cristãos?


evangélico que as Igrejas existentes estão causando. Se não estão penetrando as trevas, ou novas igrejas precisam ser plantadas, ou as igrejas existentes precisam de reforma. Ambas as obras exigem oração. Ambas demandam liderança com virtudes específicas: uma liderança que tenha paciência e habilidade de nutrir, para plantar uma nova igreja; outra liderança que tenha paciência e habilidade de diplomacia, para lançar os alicerces da reforma bíblica.

Numa região onde há muitos prédios de igrejas que têm congregações doentes, manquejando com impulsos de adoração cristã, sem um verdadeiro ministério do Evangelho, sem paixão pelos perdidos, sem espírito missionário, sem pessoas dispostas a envolver a cultura com o Evangelho, este é o momento de plantar uma igreja. No entanto, o alvo primordial não é menosprezar as igrejas existentes. Talvez, pela misericórdia de Deus, as igrejas letárgicas existentes sejam revigoradas por uma nova igreja estabelecida nos arredores. A nova igreja se focalizará em alcançar os incrédulos que as igrejas existentes não estão alcançando. E se tornará um refúgio para os crentes famintos do Evangelho que lutam em meio à sua membresia em igrejas evangélicas fracas.

Considerações doxológicas

Acompanhando as razões bíblicas, teológicas e geográficas para a implantação de novas igrejas, há o desejo de ver a Cristo magnificado e honrado por meio de igrejas que são corajosamente norteadas pelo Evangelho. As novas igrejas focalizadas no Evangelho não se dedicam às últimas tendências ou a artifícios que atraem pessoas desinteressadas; antes, essas igrejas procuram manifestar em seus relacionamentos, adoração, pregação e ministério a centralidade da glória de Cristo na Igreja. Infelizmente, muitas das igrejas já existentes estão destituídas da glória de Cristo. Elas têm organização, programas, muitos atrativos e dinheiro, mas não têm o aroma de Cristo e de seu Evangelho. Podem apresentar números e reivindicar convertidos, mas falta-lhes as marcas distintivas de uma igreja bíblica. Uma situação assim é uma ocasião para plantar uma nova igreja, isto é, por causa da glória de Cristo.

O Novo Testamento apresenta muitas imagens para descrever a Igreja: o templo de Deus (1 Coríntios 3:16), o corpo de Cristo (1 Coríntios 12:27), a família de Deus (Efésios 2:19), a habitação de Deus em Espírito (Efésios 2:22), a coluna e baluarte da verdade (1 Timóteo 3:15) e a esposa de Cristo (Efésios 5:25-32; Apocalipse 19:7-9). Esta última figura da Igreja - a esposa de Cristo - nos lembra o alvo permanente que deve motivar a organização e o ministério de nossa igreja. Em vez de



ser moldada pelas técnicas de marketing do mundo, a Igreja tem que se preparar para o casamento eterno com Cristo. Ele se deu a Si mesmo por Sua Igreja, para santificá-la e purificá-la, *“por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito”* (Efésios 5:25-27). Entretanto, muitas igrejas não evidenciam a obra santificadora de Cristo. Será que elas não são apenas organizações eclesiais que possuem nomes cristãos? Novas igrejas precisam ser plantadas - igrejas que vivam com a paixão de fazer para a glória de Cristo tudo o que fazem.

Quando não plantar igrejas?

Algo que me preocupa é quais têm sido as razões fundamentais para plantarmos igrejas. Às vezes, a razão para fazermos isso não é bastante sensata para nos arriscarmos ao processo. Desejo oferecer algumas razões que nos mostram quando não devemos plantar Igrejas:

Primeiramente, não estabeleça uma igreja somente para escapar dos problemas do pastorado. Isso mesmo. Não resolveremos nossos problemas simplesmente saindo da igreja (em que estamos) e plantando uma nova igreja. Temos apenas de carregar os nossos próprios fardos! Outros lidam com o problema da membresia da igreja, com a redução do seu rol de membros ou com o exercício da disciplina sobre os membros que erram. Essas são questões monumentais! Quem pode culpar os outros de fugirem delas, a menos que ele, de fato, seja chamado por Deus para pastorear o rebanho?

Escapar das dificuldades através da implantação de uma nova igreja apenas nos garantirá que teremos outros tipos de dificuldade. Achar que deixamos para trás muitos dos problemas típicos enfrentados no ministério: liderança despreparada, organização medíocre, estruturas de autoridade, brigas por espaço nos ministérios da igreja, assembleias vergonhosas, citando apenas alguns dos problemas. Deixar para trás essas coisas, mas herdar outras dificuldades que são comuns ao início de novas igrejas, problemas tais como estruturas de autoridade (parece familiar), conflitos de relacionamento, problemas relacionados ao prédio, ao local, questões de liderança, nenhuma organização, solidão, etc.

Você não pode escapar. Os problemas surgem com a expansão. As pessoas trazem os problemas. Mas, essa é a razão porque Deus nos chamou à obra - levarmos a Igreja a Cristo e à Sua glória em todas as coisas; sermos exemplo de piedade em tempos difíceis; alimentarmos o rebanho com a Palavra de Deus, fortalecendo-o e admoestando-o a seguir a Cristo, e aplicarmos o Evangelho a cada área da vida e do ministério.

Em segundo lugar, não plante uma igreja motivado por impulso. Não há qualquer estratégia envolvida, nem mesmo uma preocupação crescente produzida pelo Espírito, mas somente uma desordem que clama por solução imediata. Começar uma nova igreja parece o único caminho a seguir. Divisões em igrejas produzem muitas igrejas novas! Os problemas fermentam, os conflitos explodem, os membros escolhem a sua posição, e pronto! Uma nova igreja é formada!

Apresso-me em ressaltar que muitas igrejas boas começaram como resultado de divisões! Essas igrejas têm razões legítimas para o seu começo somente se, com base na Verdade, esgotam-se todos os meios de promover a reconciliação. Se a divisão ocorre por causa de discordância sobre a cor do tapete, ou o horário de começar a Escola Dominical, ou dar um aumento aos empregados da igreja, a humildade e o arrependimento têm de prevalecer sobre o impulso de sair abruptamente para começar uma nova igreja. No entanto, se ocorre uma divisão por causa do que é o Evangelho, ou das doutrinas essenciais da fé, ou da liderança eclesial bíblica, ou de manter uma membresia de pessoas regeneradas, ou de exercer a disciplina eclesial bíblica, então, uma nova igreja talvez seja necessária. Eu disse *talvez*, porque as questões doutrinárias podem ser resolvidas com ensino paciente e humilde. Nunca se precipite a plantar uma igreja num momento de impulsividade. Procure demonstrar o espírito de Cristo em todas as coisas. Quando problemas sérios relacionados à doutrina e ao Evangelho não podem ser resolvidos, deve haver divisão, por causa da glória de Cristo na comunidade. E nessas condições, a nova igreja nunca deve comportar-se com o orgulho de ser a verdadeira igreja. Problemas também podem surgir à nova igreja; portanto, tenha cuidado em começar com humildade uma nova Igreja.

Terceiro: não estabeleça uma igreja como um remédio para solucionar problemas. Esse idealismo exalta o homem, e não o Senhor da Igreja. Os pecadores sempre fazem trapalhadas, incluindo os que plantam igrejas! Novas igrejas têm os seus próprios problemas. Muitas igrejas apresentam crenças estranhas e não ortodoxas, conflitos de personalidade, problemas de liderança, dificuldades financeiras e muitas outras questões. Começar uma nova igreja não elimina os problemas, a menos que eliminemos as pessoas; e esse não é o objetivo de uma nova igreja!

Finalmente, não plante uma igreja necessariamente, porque isso parece ser a única opção para exercer o pastorado. Tenho me deparado com homens que não foram capazes de conquistar sequer o pastorado auxiliar em igrejas já organizadas ou em pequenas congregações já existentes. Por isso, resolveram plantar uma nova igreja como sendo este o único meio de ter o seu próprio

púlpito. Ora, isso suscita um problema importante: o fato de que há mais candidatos ao pastorado do que igrejas abertas é uma indicação clara de que alguns dos que esperam por um pastorado precisam plantar igrejas. Mas, não todos eles. Alguns precisam ser amadurecidos antes de se lançarem à plantação de uma nova igreja. Não precisamos começar igrejas para acomodar homens, e sim para glorificar e exaltar a Cristo. Alguns homens não têm os dons e a vocação para pastorear; apesar disso, eles acham que devem ter uma igreja. Outros são ásperos e inflamadores, tendo causado divisões por meio de sua personalidade fraca. Por isso, tentam plantar uma igreja em que todos cooperarão com eles e ignorarão sua personalidade não santificada. Começar uma igreja para acomodar esse tipo de pessoa é totalmente inapropriado.

O plantador da igreja

Quando alguém me pergunta sobre o perfil de um plantador de igrejas, comumente investigo os seus motivos. Por que deseja plantar uma nova igreja? Por que começar do nada, sem história ou tradição, sem estrutura de liderança ou organização educacional, sem apoio ou recursos financeiros, sem ministério de crianças ou de jovens, sem prédio ou lugar conveniente? Por quê? Eu condensaria os motivos corretos em dois.

Primeiro: você percebe a necessidade de uma nova igreja, não para escapar de problemas, e sim, para estabelecer um ministério bíblico que alcance pessoas, por causa do Reino de Deus. A necessidade não é a sua carência de um ministério, e sim o amor à glória de Cristo entre as pessoas, para que o nome Dele seja honrado.

Segundo: você sente uma chamada de Deus em sua vida, para realizar esta obra. Examina os seus motivos e considera as exigências envolvidas, se nada do que foi avaliado o impede de plantar uma nova igreja. Você avalia o seu senso de chamada com a sua esposa e os seus mentores espirituais. Eles reconhecem a preparação de Deus em sua vida e as habilidades especiais que lhe foram outorgadas para essa obra. Você está disposto a arriscar tudo por causa do estabelecimento de uma nova igreja, para a glória de Cristo? Somente depois de fazer essa avaliação, você estará pronto a mover-se a plantação da Igreja.

Talvez você ache que estou procurando desanimar o plantador em seu papel de plantar igrejas. Não, de maneira alguma. Estou interessado em que esse plantador entenda as exigências de Cristo, enquanto pensa sobre a plantação da igreja. Antes de tudo, jamais pode ser neófito na fé ou despreparado. O plantador

exercerá funções diferentes: pregador, pastor, organizador, educador, conselheiro, motivador, planejador, líder de grupos, tutor, nutridor, treinador, zelador, etc. Deve estar disposto a trabalhar com dedicação, por longas horas, e, às vezes, assumir outro trabalho para atender às necessidades da família. Deve estar disposto a confiar nos outros que se achegarão a ele, compartilhando o fardo, distribuindo sabiamente as responsabilidades, treinando líderes, investindo em pessoas e cultivando ensinadores.

Tem de ser responsável aos outros nos aspectos: espiritual, financeiro, moral, ético e eclesiástico. Precisa ser comprometido com as pessoas entre as quais procura estabelecer a nova igreja, fazendo parte da vida delas, compartilhando suas alegrias e tristezas, conhecendo suas inquietações e aflições. Deve ser ensinável, um incansável estudioso das Escrituras, compreendendo que, como plantador de igreja, deverá estar sempre disposto a “arregaçar as mangas”, pois, muitas vezes, o plantador será sempre o “primeiro” que terá de iniciar esse tipo de trabalho. O plantador deve ser alguém consciente que cometerá erros e terá de admiti-los com humildade. De vez em quando, precisará corrigir o rumo, quando os seus “melhores planos” não derem certo. Na providência de Deus, isso redireciona a caminhada da nova igreja. Deverá ser flexível nos planos e na organização, mas inflexível na doutrina, na seriedade e no compromisso com o genuíno Evangelho. Deverá ser um servo do Eterno Deus, disponível em suas Santas mãos, de joelhos calejados em constante e fervente oração, pronto para ouvir – inclusive as críticas.

Conclusão

Devemos todos nos envolver na plantação de novas igrejas. E sempre trazer no coração a motivação pelo Evangelho de Cristo, buscando tão somente com a honra d’Ele, nunca buscando nossos próprios interesses, avançando corajosa e humildemente, desejando ver a glória de Jesus Cristo resplandecendo por meio do trabalho abnegado e fiel, na plantação de novas igrejas.

“Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão.”
(Salmos 126:5)



Rev. Magno Vinícius Paterline é pastor na Primeira Igreja Presbiteriana de Barretos/SP. Professor de Sociologia e Atualidades no Colégio Liceu, em Barretos, casado com Fabiana Feliciano e pai de Manassés e Rebeca.

SIC MUNDUS CREATUS EST

A TEORIA DA TERRA ANTIGA

Apaz, meus queridos! Tudo bem? Como prometido, hoje vamos tratar da segunda parte, da nossa sequência, de “*Assim foi criado o mundo*” (SIC MUNDUS CREATUS EST, como já havia dito antes).

Para isso, vamos continuar usando como base principal o livro “*A Origem*”, da Editora Thomas Nelson. Não leu o artigo anterior?! Ora, mas isso é uma pena. A revista ainda se encontra disponível - sugiro que leiam, pois além de ser um artigo introdutório, ele tem a explicação breve sobre a terra jovem - crida pela maioria dos nossos irmãos em Cristo, praticamente. Há vários conceitos no artigo anterior que poderão ser citados. Por isso, a leitura do primeiro, assim como a leitura deste será importante para o terceiro e, todos os três para o quarto. Resumindo, não percam a sequência!

Sem muito mais a introduzir, vamos para o tema desse mês: **Criacionismo da Terra Antiga**.

Basicamente, esta é a teoria que defende a ideia de que a terra é, dentro de seus termos, tão antiga quanto aparenta. Já adianto que tal teoria não apenas possui uma carga teológica, mas, também, conceitos químicos, bacteriológicos, geológicos, entre outros. Então tenhamos paciência e atenção. Além disso, mais uma vez, resalto a importância da leitura do livro utilizado, bem como, no mínimo, dar atenção às aulas do colegial, caso você ainda o esteja cursando, afinal, o ensino fundamental e médio transmitem ao aluno a base da ciência. Como professor, não poderia deixar de tocar nesse ponto: estudem ciência, não só por ser importante, não só por notas, mas, mais do que tudo isso, para não ser levado pelos argumentos neo-ateus, pseudocientíficos, e acima de tudo, para não envergonhar o Evangelho, o reduzindo a um complexo

de dogmas separados da razão, cridos por tolos, por homens e mulheres de mente limitada.

Não poderemos usar o mesmo modelo, de ponto a ponto, que usamos para abordar o criacionismo da terra jovem, pois cada ponto da terra antiga possui considerações internas que devem ser ponderadas de forma diferente. Precisamos entender que a terra antiga possui múltiplas interpretações de Gênesis, embora iremos nos ater a uma só, de maneira que se faz necessário que tenhamos muita atenção. Veja as múltiplas interpretações de Gênesis aceitas pela teoria da terra antiga:

- ➔ Dias da criação como dias de revelação;
- ➔ Dias da criação como 24 horas separadas por longas eras;
- ➔ Dias de criação como estrutura literária;
- ➔ Dias de criação de 24 horas após um intervalo de tempo entre Gênesis 1:1 e 1:3 (ou seja, 24 horas só após a criação da luz);
- ➔ Dias de criação analógicos (comparativos, análogos) ou temporalmente relativos (sem contagem literal ou importância do mesmo por Moisés);
- ➔ Dias de criação considerados como eras, ou longos períodos de tempo;
- ➔ Qualquer combinação acima (sim, essas opções podem ser mescladas para explicar sobre a mesma questão).

Como podem ver, há nessa teoria, na mesma teoria, sete formas de interpretação sobre o processo de Criação, e isso é natural, tão natural quanto as várias interpretações de Apocalipse. Afinal, assim como a mensagem do Apocalipse é “*perseverar até o fim, pois o Rei voltará e nos salvará*”, e qualquer interpretação de como e

quando, não é de grande ajuda, a mensagem de Gênesis é “o Criador fez todas as coisas” - como e em quanto tempo é secundário e pode ser interpretativo, desde que não tire Cristo do centro e não tire o valor real do texto. Tendo isso em mente, vamos utilizar apenas a base para *Dia-Era* (dias sendo como eras). Por meio dela, consegue-se explicar as demais, isso, quando o próprio nome dado à interpretação não é explicativo.

Dias como grandes eras, deriva da própria variação literária de “Yom”, palavra hebraica para dia, que pode significar:

- ➔ PARTE das horas do dia,
- ➔ TODAS as horas do dia,
- ➔ ciclo de NOITE a NOITE,
- ➔ ou MANHÃ e MANHÃ (rotação da terra),
- ➔ ou, ainda, um LONGO, mas FINITO, período de tempo.

A teoria da terra antiga utiliza três interpretações literárias diferentes de *Yom*, sendo elas:

Dia 1: Noite e dia, segunda definição;

Dia 4: Contrasta estações, dias e anos, terceira definição;

Gênesis 2-4: Todo o período da criação, quarta definição;

Basicamente, **seis períodos de tempos sequenciais, e não sobrepostos.**

A *Visão Dia-Era*, não nega a doutrina do *Sola Scriptura*, mas se utiliza também da revelação natural, para explicar questões naturais. Reconhece, portanto, que os escritores bem como o Espírito Santo, se utilizam



de figurações, ilustrações, metáforas e parábolas para transmitir conceitos. Afinal de contas, Salmos 91:4 nos fala das asas do Senhor, mas sabemos que ele é Espírito e não possui corpo, muito menos plumas. Sabemos que o abismo, descrito na parábola de Lucas 16:19-31, retrata um abismo espiritual, não físico. Símbolos para compreender verdades concretas são usados por Deus, assim como ensinamos fábulas para que nossos filhos aprendam a verdade da vida (para mais detalhes desse tema sobre língua figurada, leiam *Árvore e Folha*, de J.R.R. Tolkien, não é nosso objetivo aqui tratar desse assunto).

Ainda em defesa da *teoria da terra antiga*, vale pontuar que seus defensores acreditam na intervenção sobrenatural divina, no entanto, classificando-a de maneira sistemática, para compreendê-la, separando a intervenção sobrenatural divina em três tipos de milagres:

Milagres Transcendentes: São aqueles eventos que vão contra as leis da física e dimensões espaços-temporais do universo. Dentro desses milagres, está a criação do Espírito, do céu, do inferno e o próprio estabelecimento do universo. Basicamente, aqui estão categorizados os milagres da criação inexplicáveis e que estão fora do poder humano, que foram jogados na aleatoriedade pela física quântica e certa parte da ciência pós-moderna;

Milagres Transformacionais: São aqueles eventos que mostram Deus intervindo em algo já criado, o que seria impossível e demoraria bilhões de anos para estruturação e ainda cairia em probabilidade microscópica de ocorrer o planejado, Deus intervém com Sua mão poderosa (mais uma vez, uma metáfora como dito acima, pois Deus é Espírito) para criar oceanos e continentes, a fim de proporcionar as condições para a existência da vida (lá vai mais sugestões de leitura: *Teoria da deriva continental*, elaborada por Alfred Wegener, em 1913, *O Ajuste Fino do Universo*, livro pela editora Ultimato, escrito pelo gigante da apologética, e um dos meus escritores favoritos, Alister McGrath, e o próprio livro *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, que é uma excelente leitura para o tema).

Milagres Sustentadores: São a própria sustentação das leis, em um mundo que tende ao caos e à desordem, e estou falando de cálculos físicos e regras estabelecidas, não falsa teoria de conspiração (sugiro estudarem

também fundamentos da termodinâmica, por Van Wylen). A própria existência do universo é um grande milagre, fora, claro, a intervenção e salvação por meio de Cristo, como está escrito em Colossenses 1:17: “*E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.*”

O “grau de ocorrência” desses milagres está disposto acima em ordem decrescente, ou seja, milagres transcendentais estão raríssimos, mais ocorrentes na Criação. Já os transformacionais ocorrem em momentos específicos conforme a necessidade estabelecida por Deus. Já os sustentadores, estão ativos a todo o momento, praticamente.

Estamos caminhando para o final do artigo, mas ainda estamos longe do final. Isso foi um grande paradoxo. Existem, ainda, alguns conceitos importantes sobre a *teoria da terra antiga* que precisam ser ditos:

As leis físicas são consideradas uma constante imutável por Deus, exceto, salvaguardo, um milagre transformacional. Desde antes do pecado de Adão, a segunda lei da termodinâmica já estava ativa. Além deste parâmetro, é bom citar que a teoria da terra antiga, aborda, no modelo *Dia-Era*, uma base de integração construtiva, que é o que eu disse no começo da nossa sequência de artigos: buscamos integrar os milagres da Bíblia, e explicá-los na medida do possível, pelas leis criadas pelo próprio Deus. Não apenas o milagre, mas a estrutura da Criação. A ideia da *teoria da terra antiga* é facilitadora: utilizar ciência para que possamos confiar no Senhor, e reconhecê-Lo em sua grande Criação. Isso pode soar um tanto quanto “*Tomé*”, algo como “ver para crer”. Porém, posso dizer que nem mesmo nós, que temos o Espírito Santo todos os dias, temos um décimo da fé de Tomé, que buscou morrer por Cristo. Porém, isso é outro assunto.

A posição de integração construtivista não nega que haverá conflitos entre fé e ciência, mas sim, busca minimizar os mesmos, e quando não houver conciliação, aponta para a fé.

Agora, irei citar nove bases bíblicas para a *teoria da terra antiga*:

- 1- **Eventos do Sexto dia:** nesse dia, Adão teve tempo de enumerar e nomear cada um dos animais, bem como cuidar do jardim, se alimentar, entre outras funções, logo, levaria anos para tal trabalho, no mínimo;
- 2- **Continuação do Sétimo dia:** diferente dos outros seis, Moisés não retrata que teve dia e manhã no sétimo dia. Em Salmos 95, João 5 e

Hebreus 4, vemos que o dia de descanso permanece até hoje, logo, isso nos leva a crer que o dia sétimo, bem como os demais, podem ser considerados como eras, não dias. Se o sétimo dia se estende por milhares de anos, mas também é finito, subentende-se que os demais dias, seguem mesma lógica;

- 3- **Diferenças referenciais de tempo:** o tempo de Deus não é o nosso - Ele é atemporal. Salmo 90:4 torna de conhecimento público que mil anos, para Deus, são como um dia;
- 4- **A eternidade de Deus comparada:** mais uma vez, se apoiando na questão figurativa e metafórica, há a diferença de linguagem entre Moisés e Deus;
- 5- **Afirmações sobre a antiguidade da terra:** tanto Habacuque quanto Pedro declaram que a terra é antiga, existente há muito tempo. Esse não é um bom argumento, definitivamente, afinal, muito tempo não significa exatamente o tempo citado pelo tempo da teoria;
- 6- **Dias numerados, não 24 horas:** mais uma vez, retornamos à argumentação dos vários sentidos de *Yom*, retornando para a interpretação de que *Yom* pode significar longos períodos também;
- 7- **Analogias do Shabbat e do descanso de Deus:** um argumento um tanto repetitivo, afinal, a continuação do sétimo dia já está no segundo argumento;
- 8- **Derramamento de sangue para expiação:** esse argumento vem para se contrapor à questão da imortalidade antes da Queda, dizendo que a morte já ocorria nos animais, pois, em longos períodos, a morte é inevitável para manutenção da vida. Se só o sangue de Cristo é a expiação - o cenário da purificação por sangue não pede que animais também sejam imortais, mas sim, que Cristo veio para salvar o homem;
- 9- **Declarações de tarde e manhã são transições:** voltamos para múltiplo e metafórico significado de dia e manhã, que podem significar períodos mais longos, assim como os dias.

Outros últimos pontos importantes para a teoria da terra antiga, é que ela não rejeita a evidência dos fósseis, antes, reforça que Gênesis 1-2 trata-se da introdução de diversas espécies, por eras, que foram modificando-se até o período humano. Por quê? Bom, preparação das eras, estrutura do solo, formação de habitat natural, tudo entra no quesito dos milagres sustentadores. Além disso tudo, a *teoria da terra antiga* também aborda temas como extinção em massa, depósito de minerais feitos

por microorganismos durante milhões de anos, tudo com extrema maestria e conhecimento. A teoria também aceita dilúvio de Noé como uma realidade palpável e contabiliza questões físicas que dão base para sua existência. Para mais detalhes, sugiro não só a leitura do livro base de nossas referências, como também o livro “*Questão de Dias*”, do autor Hugh Ross. Para mais informações sobre esses temas, dedicação e estudo são fundamentais. Estamos aqui, apenas como facilitadores, oferecendo os primeiros passos nessas teorias.

Podemos observar uma base científica muito mais sólida nessa teoria, porém, há ainda outras ainda mais profundas nesse quesito a serem analisadas. Também pudemos observar que essa teoria é mais uma que não sai do escopo teológico, antes o reforça. Que Deus, Criador dos céus e da Terra, seu Filho, nosso advogado Fiel e Cordeiro de Deus, justo e compassivo, e seu Espírito Santo, nosso conselheiro e amigo fiel, que tem ciúmes de nós, nos guiem em nossos estudos e fortaleçam nossos corações na sua verdade. Amém!



Sthaner Mendes de Sousa, 26 anos,
*é membro da Primeira Igreja
Presbiteriana de Barretos-SP,
licenciado em Ciências Biológicas,
pelo IFSP – campus Barretos-SP.*

LIBERDADE DE CULTO X

DECRETOS DO PODER EXECUTIVO

**Quais os limites de
intervenção do Estado
na esfera do culto
público?**



Vivemos um momento atípico. A atual pandemia do coronavírus pode muito bem ser descrita como um Cisne Negro [1], evento totalmente imprevisível, relativamente raro e com um potencial enorme de impacto na forma como vivemos.

Diante do enorme potencial de contágio desse vírus, inúmeras medidas foram tomadas ao redor do mundo, tais como: uso de máscaras, isolamento social, isolamento vertical, quarentena, etc. Essas medidas, em maior ou menor grau, têm uma série de impactos no âmbito dos direitos fundamentais.

No campo da liberdade religiosa, objeto de minha análise neste texto, proliferaram-se decretos de toda ordem, muitos dos quais abusivos, inconstitucionais e desproporcionais. Como veremos, em alguns municípios, chegou-se ao absurdo de até mesmo cultos transmitidos on-line serem interrompidos por agentes públicos.

O objetivo desse texto, à luz do cenário atual, é situar irmãos de todo Brasil sobre algumas medidas governamentais e avaliar até que ponto a liberdade religiosa pode ser restringida. A partir dessas considerações, o presente artigo irá tecer recomendações de caráter geral às igrejas no cenário atual.

Alguns exemplos de abusos contra a liberdade religiosa

No dia 02/04/2020, em Forquilha/SC, uma guarnição policial, com fundamento no Decreto nº 515/2020, orientou a interrupção de um culto doméstico realizado por cinco pessoas da mesma família. Esse caso absurdo tomou proporção nacional, fazendo com que o Governador de Santa Catarina revisse suas posições.

Já, no dia 24/03/2020, na cidade de Poços de Caldas/MG, agentes públicos interromperam o culto de uma igreja anglicana. [2] Na ocasião, apenas cinco pessoas estavam presentes no interior da igreja, que estava de portas fechadas. A atuação dos agentes públicos foi fundamentada no Decreto Municipal de nº 13.286/2020, que foi modificado pelo Decreto nº 13.288/2020, para vedar, por prazo indeterminado, a abertura e o funcionamento de todo e qualquer estabelecimento, inclusive de natureza religiosa (art. 7º, § 2º, Decreto nº 13.286/2020).

Um último caso, para exemplificar a proliferação de decretos abusivos e a consequente atuação abusiva de agentes públicos, ocorreu na cidade de João Monlevade/MG. No dia 26 de março de 2020, os

pastores Jésus Junio Silveira Reis e Nathalia Batista Napoleão, líderes da Igreja Servindo a Cidade, estavam no interior do templo, com a filha do casal e com um voluntário da instituição, quando fiscais do Município e, posteriormente, policiais militares chegaram, determinando o fechamento do local. [3] Os agentes públicos justificaram a determinação com base no Decreto Municipal de nº 031/2020, que estabeleceu a suspensão das atividades religiosas, enquanto perdurar a situação de emergência causada pelo coronavírus (art. 6º).

Esses são apenas alguns exemplos de violação à liberdade religiosa que se proliferaram por todo o país. Diante disso, o que igrejas, líderes e membros precisam saber? É isso que será abordado a seguir.

Considerações jurídicas

Em primeiro lugar, o direito à liberdade religiosa é resguardado em nossa Constituição no art. 5º, inciso VI, conforme segue:

“é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

Assim, trata-se de um direito constitucionalmente protegido, o qual, não pode ser abolido nem mesmo através de Emenda à Constituição, nos termos do art. 60, §4º, inciso IV, da Constituição da República.

Além disso, é importante observar que os direitos elencados como fundamentais, também chamados de princípios, não estão sujeitos a uma hierarquia prévia, ou seja, da perspectiva puramente constitucional, todos eles possuem o mesmo peso e grau de importância. Assim, saúde e liberdade religiosa, dois direitos



fundamentais em debate no contexto do coronavírus, têm igual valor dentro do status constitucional em tese.

Dito isso, cabe ressaltar que nenhum direito é absoluto, nem mesmo aqueles que estão elencados no rol de direitos fundamentais. Direitos fundamentais podem ser restringidos num caso concreto, sempre que entrarem em colisão com outro direito fundamental.

Assim, tendo em vista o estágio da pandemia do coronavírus (direito à saúde), é constitucionalmente defensável restrições ao direito à liberdade religiosa. Todavia, qualquer restrição dessa monta deve preservar o núcleo essencial do direito fundamental restringido.

Aliás, a própria Constituição prevê dois casos de restrições dessa natureza, como se vê: estado de defesa (art. 136, especialmente o inciso I, alínea “a”, do §1º) e o estado de sítio (arts. 137 ao 139, especialmente art. 139, inciso IV). Assim, a própria Carta Magna já dispõe sobre situações excepcionais, que justificam restrições ao direito da igreja se reunir.

Além disso, o Pacto Internacional sobre Direitos Civil e Políticos, do qual o Brasil é signatário, e que possui força supralegal (acima da lei), dispõe no art. 18, número 3, o seguinte: “*A liberdade de manifestar a própria religião ou crença estará sujeita apenas à limitações previstas em lei e que se façam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral públicas ou os direitos e liberdades das demais pessoas.*”

Perceba que as limitações à liberdade de manifestar a religião devem obedecer os seguintes requisitos: a) estar previstas na lei e b) ser necessárias à proteção da segurança, ordem e saúde públicas ou da moral e das liberdades e direitos fundamentais de outrem. Com isso, mesmo diante das emergências públicas mais graves, os Estados que interfiram com a liberdade da pessoa de expressar suas crenças e convicções têm de justificar as suas ações, com o fito de atender aos requisitos acima especificados.

Esse diploma internacional vai ao encontro da Constituição da República Federativa do Brasil, que afirma no art. 5º, inciso II, que “*ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei*”. Assim, fora o estado de defesa e de sítio, ambos com previsão constitucional, qualquer restrição ao direito fundamental em comento deve ter previsão legal.

Diante disso, posso ouvir o questionamento de muitos, mais ou menos nos seguintes termos:

– “Até aqui eu entendi que é possível restringir o direito da igreja se reunir no templo. Mas, Isaac, um decreto puro e simplesmente pode determinar a suspensão dos cultos?”.

Eis a minha resposta: **NÃO, NUNCA, JAMAIS!**

Apenas a lei ordinária, aprovada pelo Poder Legislativo, pode restringir temporariamente esse direito. Decretos decorrem do Poder Regulamentar e, com exceção do Decreto previsto no art. 84 da Constituição Federal, não inovam na ordem jurídica. O Regulamento, expedido por meio de Decreto do chefe do Poder Executivo, orienta a fiel execução da lei, mas não extrapola seus limites, como regra.

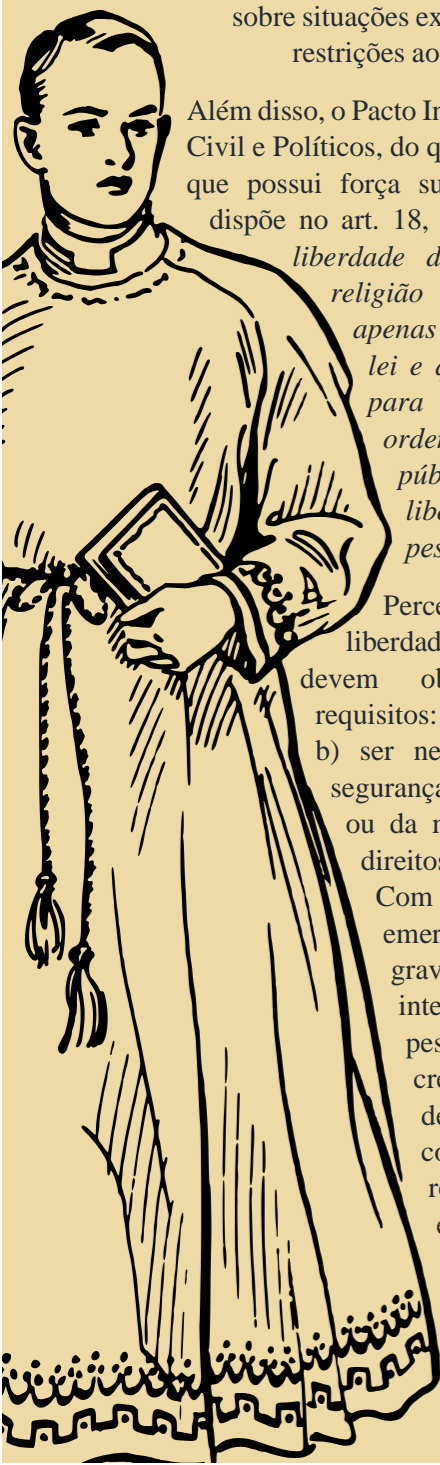
Assim, prefeitos e governadores podem expedir seus decretos, desde que estejam atuando dentro do âmbito de uma lei ordinária aprovada anteriormente em suas respectivas casas legislativas. Jamais um decreto deve extrapolar os limites dados pela lei.

Considerações finais e conclusão

Como vimos, **o Direito permite limitações à liberdade de culto, mas tais limitações precisam ser mínimas, justificadas, previstas em lei, necessárias para proteger a saúde pública, não arbitrárias, transparentes, não discriminatórias e temporárias.** Também vimos que essa limitação não pode atingir o núcleo essencial do direito restringido.

Nesse cenário, a proibição de realização de cultos é inconstitucional, já que fere o direito à liberdade de culto em sua essência. Todavia, entendo ser justificável a restrição desse direito na forma de transmissão on-line ou de limitação do número de participantes a fim de se evitar maiores aglomerações, visando proteger a saúde pública.

Orientamos as igrejas, onde quer que seja proibida a realização de cultos, o aconselhamento pessoal ou o desenvolvimento da atividade social da igreja, a impetrarem mandado de segurança contra medidas



abusivas de autoridades públicas. Cabe lembrar que, historicamente, o Estado é o maior violador de direitos fundamentais, e que em momentos de crise ele acaba se agigantando e, muitas vezes, restringindo paulatinamente as liberdades individuais e coletivas, como bem observou o professor americano Robert Higgs. [4]

Por fim, onde quer que o direito ao culto tenha sido preservado, ainda que de forma restrita (desde que justificável), creio que seja necessária a obediência aos decretos do poder público, mesmo aqueles não amparados em lei, por amor à preservação da vida.

Penso que, ao cuidar da nossa saúde e da saúde da coletividade, estamos cumprindo o sexto mandamento e, com isso, glorificando o nosso Deus.

NOTAS

[1] Referência ao livro *A Lógica do Cisne Negro*, cujo autor é Nassim Nicholas Taleb.

[2] Link disponível em:
<https://www.facebook.com/watch/?v=584466412141011>

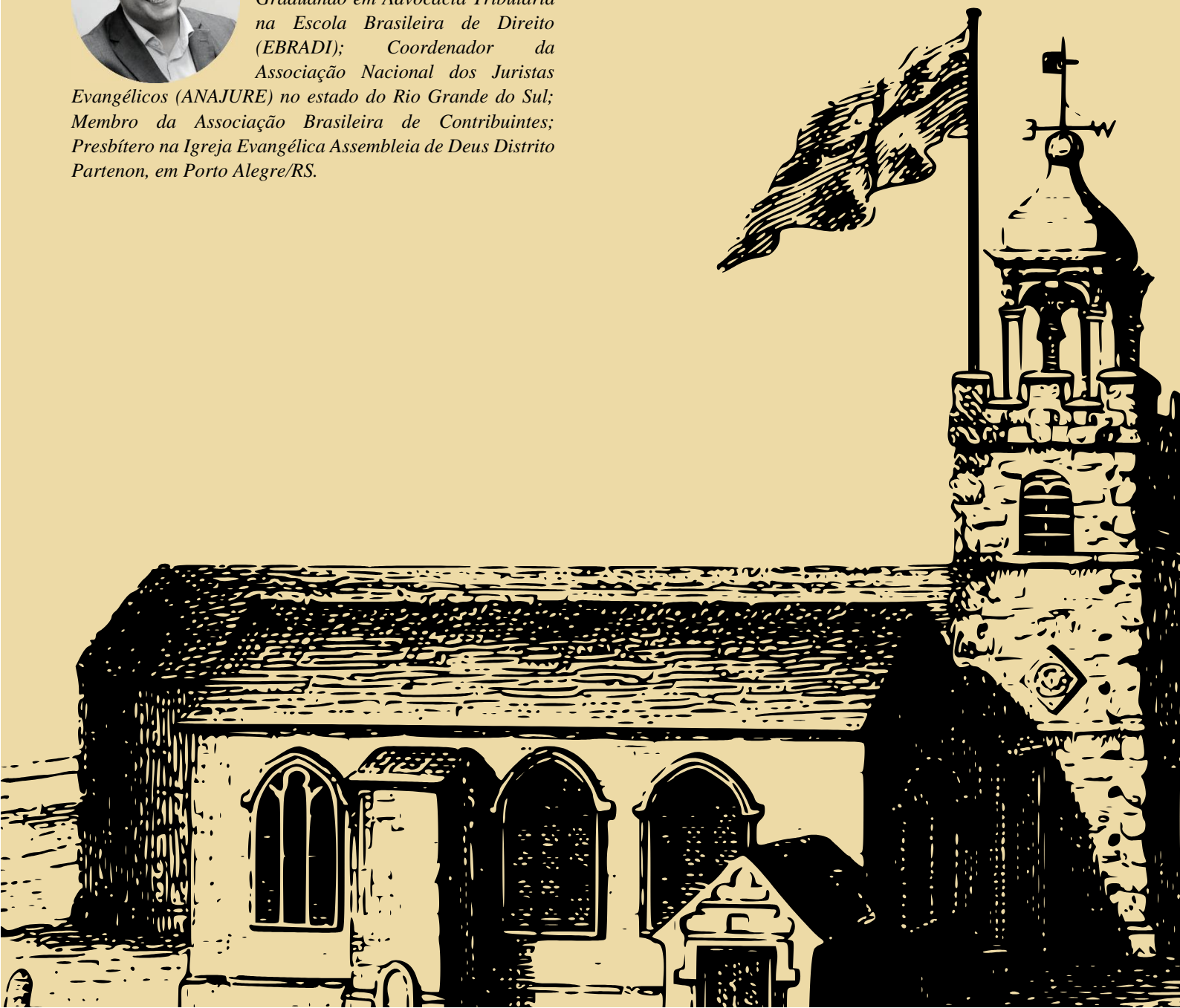
[3] Link disponível em:
https://drive.google.com/file/d/1BOCMWGVgZDgKCh-VGYItvyL9u2f5l_q/view

[4] Referência ao livro *Crisis and Leviathan: critical episodes in the growth of American Government*. Nesse livro, Robert Higgs demonstra, através da história americana, como o governo tende a crescer sua atuação em tempos de crise, suprimindo paulatinamente as liberdades fundamentais.



Isaac Henrique da Silva Mello é contador (CRC/RS 80.766) e advogado (OAB/RS 102.496); Pós-Graduando em Advocacia Tributária na Escola Brasileira de Direito (EBRADI); Coordenador da

Evangélicos (ANAJURE) no estado do Rio Grande do Sul; Membro da Associação Brasileira de Contribuintes; Presbítero na Igreja Evangélica Assembleia de Deus Distrito Partenon, em Porto Alegre/RS.



Feminina ou feminista?

A MANIFESTAÇÃO DA FEMINILIDADE BÍBLICA



“Como a água está para o peixe, o feminismo está para o mundo em que vivemos! Ele está em toda parte ao nosso redor.” [1]

Eu sou uma jovem de 28 anos, que cresceu em uma sociedade moldada pelo pensamento feminista. Se, aos 22 anos de idade, alguém tivesse me perguntado o que é feminismo, eu certamente não saberia responder, pois, embora ele já fosse predominante naquela época, eu nunca tinha ouvido esse termo. Hoje, é basicamente impossível uma mulher jovem ou adolescente nunca ter ouvido falar desse movimento. Mas, como mulheres cristãs, precisamos ter maturidade para refletir à luz da Bíblia sobre tudo o que vemos, lemos e ouvimos, tendo o cuidado de não abraçarmos movimentos e ideologias que surgem só porque são populares, ou parecem atrativos.

Se você fizer uma rápida pesquisa sobre o que é o feminismo, encontrará basicamente a seguinte definição: “o feminismo é um movimento que defende a igualdade de direitos entre mulheres e homens”. Esta é uma definição bem geral e, a princípio, não parece contrariar aquilo que cremos enquanto cristãs, pois a Bíblia nos mostra que, em determinados aspectos, homens e mulheres são iguais (Gênesis 1:26-27). Mas, a Bíblia não para por aí, ela diz que, se por um lado,

homens e mulheres são iguais, por outro, eles são diferentes porque Deus deu a eles propósitos diferentes (Gênesis 2:18; Gênesis 3:20). Vamos falar melhor sobre isso mais adiante.

À primeira vista, o feminismo parece propor uma igualdade entre homens e mulheres, contudo, a realidade é que sua proposta central é desconstruir qualquer ideia de feminilidade. Segundo prega o feminismo, ao longo da história, o conceito de feminilidade tem sido usado para oprimir e impor às mulheres uma condição de inferioridade. Muitas vezes, o feminismo acusa a Bíblia de promover a opressão contra a mulher por meio de ensinamentos como a submissão, o casamento, entre outros. Para que não sejamos enganadas, precisamos ter bem claro em nossas mentes no que o feminismo se opõe à Bíblia.

O papel da mulher

O feminismo afirma que o casamento, a família e os papéis sociais, desempenhados por homem e mulher, foram impostos pelo machismo. Mas, como cristãs, nós não cremos assim, pelo contrário, cremos que estes papéis foram idealizados por Deus desde a criação do mundo.

“Disse mais o Senhor: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”

(Gênesis 2:18). Tudo o que Deus havia feito era bom, mas Deus disse que não era bom que Adão estivesse sozinho no jardim. Ele precisava de alguém, uma companheira que o auxiliasse, por isso Deus designou a mulher para ser sua auxiliadora.

Em nossa cultura, o termo *auxiliar* remete a algo inferior, com menos valor, contudo, não é assim que Deus vê. Ser auxiliador é algo tão valioso que o próprio Deus em diversas passagens bíblicas se designa como o auxiliador do seu povo [1]. Deus não criou a mulher para exercer um papel menos importante, mas um papel por meio do qual ela pudesse refletir sua glória.

Igualdade x diferenças

Deus criou a mulher para ser uma auxiliadora idônea. Isto significa “alguém correspondente, igual”. Homens e mulheres são iguais porque possuem a mesma essência, compartilham da mesma raça e carregam a imagem e semelhança de Deus. Por outro lado, ao criar Eva, Deus também criou o casamento, a família e designou os papéis que cada um deles deveria cumprir. Nesse sentido, homens e mulheres são diferentes, pois possuem diferentes papéis. Ao homem, Deus deu o papel de liderar, cuidando e protegendo, enquanto à mulher Deus deu o papel de auxiliá-lo nessa missão.



*Como mulheres cristãs,
precisamos ter
maturidade para
refletirmos, à luz da
Bíblia, sobre tudo o que
vemos, lemos e ouvimos,
tendo o cuidado de não
abraçarmos movimentos
e ideologias que surgem
só porque são populares,
ou parecem
atrativos.*

Independência, já!

O feminismo prega que a mulher deve ser independente e considera o casamento um retrocesso, porque, ao se casar, a mulher se torna dependente do homem. Porém, a Bíblia diz que “No Senhor [...] nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher” (1 Coríntios 11:11). Deus dotou o homem e a mulher com dons diferentes para que, juntos, pudessem cumprir a missão de crescer, multiplicar e cultivar a terra. Deus não nos criou para sermos independentes uns dos outros, mas complementares, para juntos construirmos uma sociedade mais saudável para todos.



Meu corpo, minhas regras

O feminismo tem uma máxima que diz “*Meu corpo, minhas regras*”. Com isso, defende que a mulher tem total autonomia sobre o seu corpo. Ela pode fazer o que bem entender com ele e não deve nenhuma satisfação a ninguém quanto a isso. Mas, a Bíblia mostra uma visão totalmente diferente sobre isso: “*Acaso, não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? [...] glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.*” (1 Coríntios 6:19,20). Para Deus, o nosso corpo não nos pertence, pertence a Ele, e, por isso, é Ele quem estabelece as regras que devemos seguir. Ao declarar “meu corpo, minhas regras” as mulheres negam a autoridade de Deus sobre suas vidas.

Submissão

É muito comum ouvir feministas dizendo que a Bíblia é um livro machista porque fala de submissão. Aliás, a submissão é uma palavra que as feministas não gostam de ouvir, nem de longe! A Bíblia, por outro lado, não vê a submissão como algo ruim, muito pelo contrário! A submissão é uma das expressões mais lindas do amor que temos por Deus, pois Jesus, sendo Deus se submeteu ao Pai em todas as coisas e foi obediente até a morte e morte de cruz (Filipenses 2:8; 1 Coríntios 15:28). Ele é o maior exemplo de submissão que a Bíblia nos dá e devemos nos espelhar em sua atitude de humildade. Exercer a submissão de modo nenhum torna a mulher inferior, muito pelo contrário, ao fazermos isso nos tornamos mais parecidas com Jesus. A submissão não é um castigo, mas um privilégio de Deus para nós!

Machismo e opressão

Nesse ponto, é importante ressaltar que não há como negar que a opressão e o machismo contra a mulher existem - reconhecer isso não faz da mulher uma feminista. O ideal bíblico sempre foi uma liderança amorosa e humilde por parte do homem e uma submissão alegre e gentil por parte da mulher. Porém, esse ideal foi subvertido quando o pecado entrou no mundo. O pecado produziu um desequilíbrio no ambiente e nas relações harmoniosas criadas por Deus. O machismo e a opressão contra as mulheres são resultados desse desequilíbrio.

Como cristãs, devemos nos posicionar contra os abusos, a discriminação, as injustiças; não somente contra a mulher, mas contra todos, pois diante de Deus, homens e mulheres são dignos de cuidado e respeito. Onde

houver erros eles devem ser combatidos, e onde houver injustiças elas devem ser denunciadas.

A submissão não significa sujeição cega a tudo e a todos, não significa sujeição a maus tratos, desrespeito ou qualquer tipo de violência. Pois, a mulher, assim como o homem, é *Imago Dei*, isto é, portadora da imagem de Deus, o que atribui-lhe senso de dignidade e valor, e esse senso precisa ser preservado.

Além disso, é preciso ressaltar que, conquanto o casamento e a maternidade sejam aspectos importantes da feminilidade, é preciso ter em mente que a feminilidade não se restringe a eles. Caso contrário, teríamos que afirmar que somente as mulheres casadas e as que têm filhos exercem a feminilidade. Nesse caso, o que seria das solteiras, das que tem vocação para o celibato, das mulheres estéreis, viúvas e outras mulheres que, por algum impedimento físico, não podem se casar ou ter filhos?

Em seu cerne, a feminilidade bíblica é cultivada através do relacionamento com a Palavra de Deus – na verdade, este é o cerne. Quanto mais nos dedicamos em conhecer a Deus por meio de Sua Palavra, mais nos tornamos quem Ele nos projetou para ser; e à medida em que nos tornamos quem Ele nos projetou para ser, nossa feminilidade vai sendo lapidada.

Portanto, a ausência de casamento e filhos não deve levar uma mulher a crer que ela é menos (bíblicamente) feminina. Independentemente do seu estado civil, em primeira instância, o que torna uma mulher mais feminina é sua submissão à Palavra de Deus. E é perfeitamente possível que mulheres solteiras, viúvas e estéreis exerçam a feminilidade bíblica de forma tão eficaz – embora em diferentes aspectos – quanto aquelas que desfrutaram da companhia de seus maridos e filhos. Contudo, sim, à luz das Escrituras, casamento e filhos são dons desejáveis que não podem e não devem ser menosprezados, pelo contrário.

Feminina ou feminista?

Não há como abraçar 100% a Bíblia e 100 % o feminismo, pois, eles caminham em direções totalmente opostas. O feminismo é uma ideologia, uma lente por meio da qual homens, mulheres e, até mesmo, toda uma sociedade, passa a enxergar o mundo, o que o torna um caminho muito perigoso. Sabemos que, enquanto cristãs, nossas lentes devem ser as Escrituras e não ideologias e filosofias humanas.

O discurso feminista exige uma igualdade total entre homens e mulheres, anula os papéis designados por Deus para homens e mulheres e relativiza o casamento

e a família – que é o núcleo que Deus estabeleceu para a construção da sociedade.

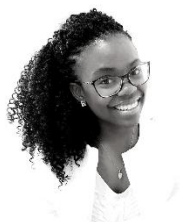
Deus nos criou para sermos um tipo de mulher muito diferente daquele que o feminismo diz que devemos ser, por isso, não podemos deixar que essa ideologia dite a nossa conduta. Como disse Elisabeth Elliot:

“O fato de ser mulher, não me torna um tipo diferente de cristão. Mas, o fato de ser cristã, me faz um tipo diferente de mulher.”

Devemos ser um tipo diferente de mulher, e para isso a nossa conduta deve estar pautada nas Escrituras.

“E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da nossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”, (Romanos 12:2). Por meio de uma mente renovada, Deus nos capacita para que não sejamos levadas pela “onda” do feminismo!

No Amor de Cristo,



Prisca Lessa, 28 anos, formada em Teologia, atua na área de ensino e aconselhamento e tem se dedicado ao ministério de mulheres. Escreve no blog *Teologia para Mulheres*. Membro da Igreja Presbiteriana do Brasil.

NOTAS

[1] do livro *Feminilidade Radical*, da autora Carolyn McCulley.

[2] Veja Dt 33:29; Sl 33:20; 70:5; 115:9-11.



A IGREJA e o ESTADO

*a identidade profética do
cristianismo frente ao poder
político*

Frédéric Bastiat (2010) estabelece a origem primeira da ordem social em Deus: Ele é o autor da vida. Pode parecer ao leitor cristão algo bastante óbvio, mas Bastiat (2010), em seu combate ao Iluminismo Francês, que Himmelfarb (2011) terá como o império ideológico da Razão, está realizando uma inversão completa do espírito revolucionário: a sociedade humana não é produto direto de um contrato social e não nasce das reflexões abstratas dos *philosophes*, não sendo determinada de cima pra baixo, mas começa num substrato anterior a toda a sociedade e a toda a teoria. A partir da vida humana, limitada por sua própria natureza, emergem as demandas básicas por sobrevivência, nutrição e desenvolvimento individual. Nessas limitações está inserido um apelo por crescimento: o corpo luta para se manter e fortalecer e a mente tem sede de conhecimentos úteis e daqueles dotados de significado. Para estes últimos, precisar voltar-se sempre à própria origem, que é o Criador, e através dEle dar sentido ao mundo e a si mesma.

Algo de Bastiat (2010) se assemelha ao conceito de Mandato Cultural, estabelecido em Gênesis 2:15 (*“E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar.”* [ACF]), e definido por Guilherme de Carvalho como “a ordem divina para que o homem explore de forma criativa e responsável os recursos da criação e recubra a natureza criada com uma ‘segunda natureza’ [...], agindo como mordomo e vice-rei cósmico.” (2009, p. 67-68), pois nosso autor insere no conceito de vida a divina ordem de “preservá-la, de desenvolvê-la e de aperfeiçoá-la” (BASTIAT, 2010, p. 12), e isso significa que somos chamados a cuidar da Criação, que é a base material para nosso desenvolvimento vital e espiritual: a vida humana será identificada com o corpo individual, a ser nutrido e protegido; o apelo ao desenvolvimento das faculdades mentais e a sua concretização na realidade demandarão certo nível de liberdade de ação; e, enfim, para a realização das finalidades anteriores, o indivíduo terá que dispor de propriedade, geralmente compartilhada com outras pessoas engajadas com ele em alguns desses propósitos. As pessoas, as suas liberdades e as suas propriedades, no conjunto da vida comum, com suas demandas e necessidades individuais e compartilhadas, se organizarão ao redor do que se chama de Lei, que impõe os limites necessários para que cada indivíduo,

grupo familiar e comunidade consigam bem progredir pelo correto manejo das necessidades humanas frente à Criação.

É no contexto imediatamente pós-Queda que Deus estabelece os rudimentos da vida em sociedade: no seio da família de Adão encontramos de pronto a esfera religiosa e ritual e a esfera produtiva, ambas reforçando aspectos da individualidade e da propriedade, pois Caim tem inveja da oferta de seu irmão, Abel, e do tipo de aceitação que este teve perante o Criador por meio do sacrifício das primícias de seu rebanho. É, pois, do primeiro homicídio, em Gênesis 4, que Deus verbaliza a primeira lei a proibir esse tipo de violência contra a vida, e é para proteger-se do anseio vingativo de seus familiares que Caim se escondeu atrás do “recinto murado” (Gênesis 4:17: “cidade”, do hebraico “*ir*”, que é uma área protegida por muros). Isso sugere que a primeira cidade nasce e se governa a partir do imperativo da proteção contra criminosos homicidas e ladrões. A sociedade humana, enfim, se encontra ordenada de maneira rudimentar



nesse cenário: há uma centralidade do culto religioso, que se paganiza na descendência de Caim, e temos as garantias da individualidade e da propriedade, sustentadas pela validação da defesa da vida e, portanto, de suas bases materiais.

O que podemos observar, até o capítulo 5 de Gênesis, é que, conquanto a cidade pareça ter sido concebida como um tipo de mecanismo de regulação da violência, conforme já demonstrado por Maurício Righi (2017), o desenvolvimento do poder citadino, que é o poder político formal, palaciano, com sua própria corte sacerdotal, é proporcional ao decréscimo do poder que Paolo Prodi (2017) chamará de carismático: não vemos tendo espaço nas cidades caínicas a manifestação direta de Deus, contrariamente ao contexto pastoril de Abel e de seu irmão, Sete. Gênesis 4, ao destacar a rejeição do Senhor para com a oferta de Caim, o homicida, estabelece um princípio que percorrerá toda a posterior história de Israel: Deus não está submetido ao mais poderoso, por isso também Ele não quer entrar pelas muralhas de Caim. Há, aqui, o germen do que será a divisão entre o poder burocrático-institucional e aquele de origem carismática.

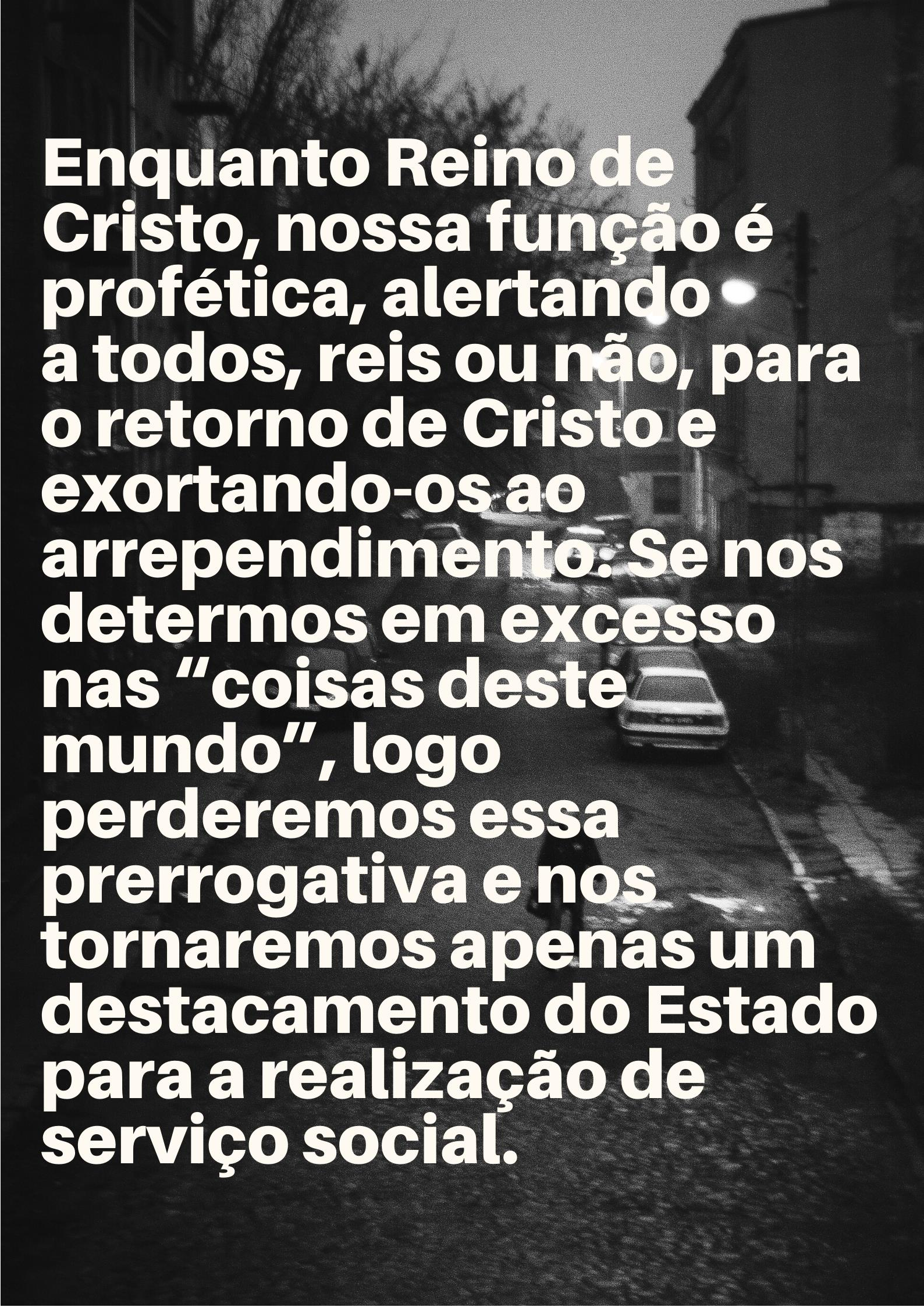
Da entrega da Lei ao Povo de Israel no Sinai, um evento emblemático se sucede. Em Números 11:25-29, os anciãos e Moisés estão reunidos dentro da Tenda, representação incipiente do que será o complexo Templo-Palácio na Jerusalém de Davi, onde, sob a unção mosaica, os líderes do povo profetizam durante um tempo e, cessando, descobrem que dois anciãos que não estavam na Tenda, Eldade e Medade, seguem profetizando no meio do acampamento, entre as pessoas comuns. Procuram censurá-los, mas Moisés os defende: *“Quem dera que todo o povo do Senhor fosse profeta, e que o Senhor pusesse o seu espírito sobre ele!”* (ACF). Para Prodi (2017), aqui está sinalizada uma emergência do poder carismático, do Deus Vivo que pode agir onde bem entender e independentemente do poder do Templo e do Palácio. Soma-se a isso o conceito de Aliança, estabelecido na ocasião imediatamente anterior da entrega da Lei: a ideia hebraica de Aliança coloca a origem da Lei no Criador, no Transcendente, separando-a do Estado e sob o domínio de um Deus Vivo, pessoalmente comprometido com a obediência de Seus estatutos, estando sob Seu juízo os sacerdotes, os reis e os homens comuns, igualmente. Quando Bastiat (2010) compreendeu as raízes transcendentais da Lei, ele estava acessando uma tradição que começou no Sinai.

Nos demais povos do Oriente Médio e no Egito, contudo, o rei era uma manifestação da divindade, tomando para si o arbítrio máximo sobre questões religiosas e políticas. Isso significa que não havia nenhum poder fora do Palácio e de seu Templo e nada que pudesse frear as ações do monarca. Em Israel, com a Lei destacada do Estado e posta no Deus Transcendente, o rei se fazia um ministro da Lei, e não a sua fonte, Lei essa que se manifestava de modo independente no Templo. Lembro que nenhum líder político de Israel foi aprovado quando tentou apropriar para si funções sacerdotais. Porém, o complexo Templo-Palácio representa o poder que chamamos de burocrático-institucional, estabelecendo o Estado de Israel dentro desse binômio. A verdadeira divisão de poderes israelita acontece entre o Estado e o poder carismático dos Profetas. Os Profetas, reconhecendo que Deus é um Deus Vivo e que Sua Lei está acima do Estado, vinham de fora da instituição burocrática, do povo comum, e falavam em nome do Senhor inclusive contra os reis, apontando suas transgressões e, com base nos valores eternos da Aliança, estabelecendo juízos. Também criticavam o sistema sacerdotal,

quando este se desvirtuava, além de exortarem o próprio povo a uma mudança de conduta, se Deus lhes conduzisse para tal. Noutros termos: tendo em vista os perenes estatutos do Sinai e em perspectiva as antigas promessas de bênção à nação, os Profetas não se rendiam à política do momento, aos interesses imediatos dos reis. Mantinham Israel sempre a se lembrar de sua identidade, do que aliançaram com Deus e do que os aguardava, alimentando a esperança.

Como diz Prodi (2017), e bem podemos saber pelo Novo Testamento, a Igreja é uma Nação de Profetas, e é da Igreja que o sistema hebraico de divisão entre poder burocrático-institucional e poder carismático entra no Ocidente via Império Romano como a conhecida divisão Estado e Igreja. Assegurando, ao afirmar que *“Jesus Cristo é o Senhor”* (Filipenses 2:11 [ACF]), sua própria soberania enquanto Reino de Deus, a Igreja se negou a adorar a César, pagando preço de sangue, mas podendo manter a sua identidade profética: anunciar o Evangelho de Salvação na expectativa da Volta de Jesus. Independente, pôde mostrar a todos que o imperador não era divino, tomou para si os bebês que os romanos abandonavam nas colinas para serem comidos por lobos, deu espaço humanizador para os escravos dos patrícios de Roma e deu a algumas mulheres a posição honrada de diaconizas. Assim, junto da proclamação da Boa Nova, tentou viver os valores do Reino, transformando toda a estrutura do Ocidente de baixo pra cima.

O resto da história conhecemos. A posterior disputa entre Estado e Igreja levou tanto o Estado, como



Enquanto Reino de Cristo, nossa função é profética, alertando a todos, reis ou não, para o retorno de Cristo e exortando-os ao arrependimento. Se nos determos em excesso nas "coisas deste mundo", logo perderemos essa prerrogativa e nos tornaremos apenas um destacamento do Estado para a realização de serviço social.

com Constantino, a absorver a Igreja, como a Igreja, com Gregório VII, a absorver o Estado. Prodi (2017) evidencia que o poder carismático, profético, não sobrevive quando tomado por inteiro pelo poder burocrático-institucional, pois ele não pode existir num contexto em que se procura regular e limitar a ação do Deus Vivo. Quando isso acontece, via de regra a Igreja se torna um braço do Estado, ou ela mesma se transforma no Estado, deixando de ser Igreja ao perder sua potência profética em nome dos assuntos deste mundo e deste século. O anúncio do Evangelho de Cristo sai do centro e tudo passa a reduzir-se a ações político-sociais. Sem a divisão dos poderes Estado-Igreja, com o monopólio burocrático-institucional, não sobra nenhum refúgio fora do Estado e a liberdade de expressão, de “fala profética”, fica sem garantias.

Na atual situação política de nosso país, podemos cair na sedução que representa uma liderança alegada cristã no centro do poder burocrático-



no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado/RS. Casado com Gabrielle.

Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari – Univates. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela Univates, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve

institucional e acabarmos cedendo para o Estado muito mais do que deveríamos. Enquanto Reino de Cristo, nossa função é profética, alertando a todos, reis ou não, para o retorno de Cristo e exortando-os ao arrependimento. Se nos determos em excesso nas “coisas deste mundo”, logo perderemos essa prerrogativa e nos tornaremos apenas um destacamento do Estado para a realização de serviço social.

NOTAS

BASTIAT, Frédéric. A Lei. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

DE CARVALHO, Guilherme V. R. O Senhorio de Cristo e a Missão da Igreja na Cultura: A ideia de Soberania e sua aplicação. In.: Ramos, L.; CAMARGO, M.; AMORIM, R. (Orgs.). Fé Cristã e Cultura Contemporânea, Cosmovisão cristã, igreja local e transformação integral. Viçosa, MG: Ultimato, 2009. p. 58-95

HIMMELFARB, Gertrude. Os Caminhos para a Modernidade, Os iluminismos britânico, francês e americano. São Paulo: É Realizações, 2011.

PRODI, Paolo. Profecia, Utopia, Democracia. In: CACCIARI, Massimo; PRODI, Paolo. Ocidente sem Utopias. Belo Horizonte: Âyiné, 2017. p. 21-78

RIGHI, Maurício. Pré-História e História, As instituições e as ideias em seus fundamentos religiosos. São Paulo: É Realizações, 2017.



A TEMPO E FORA DE TEMPO

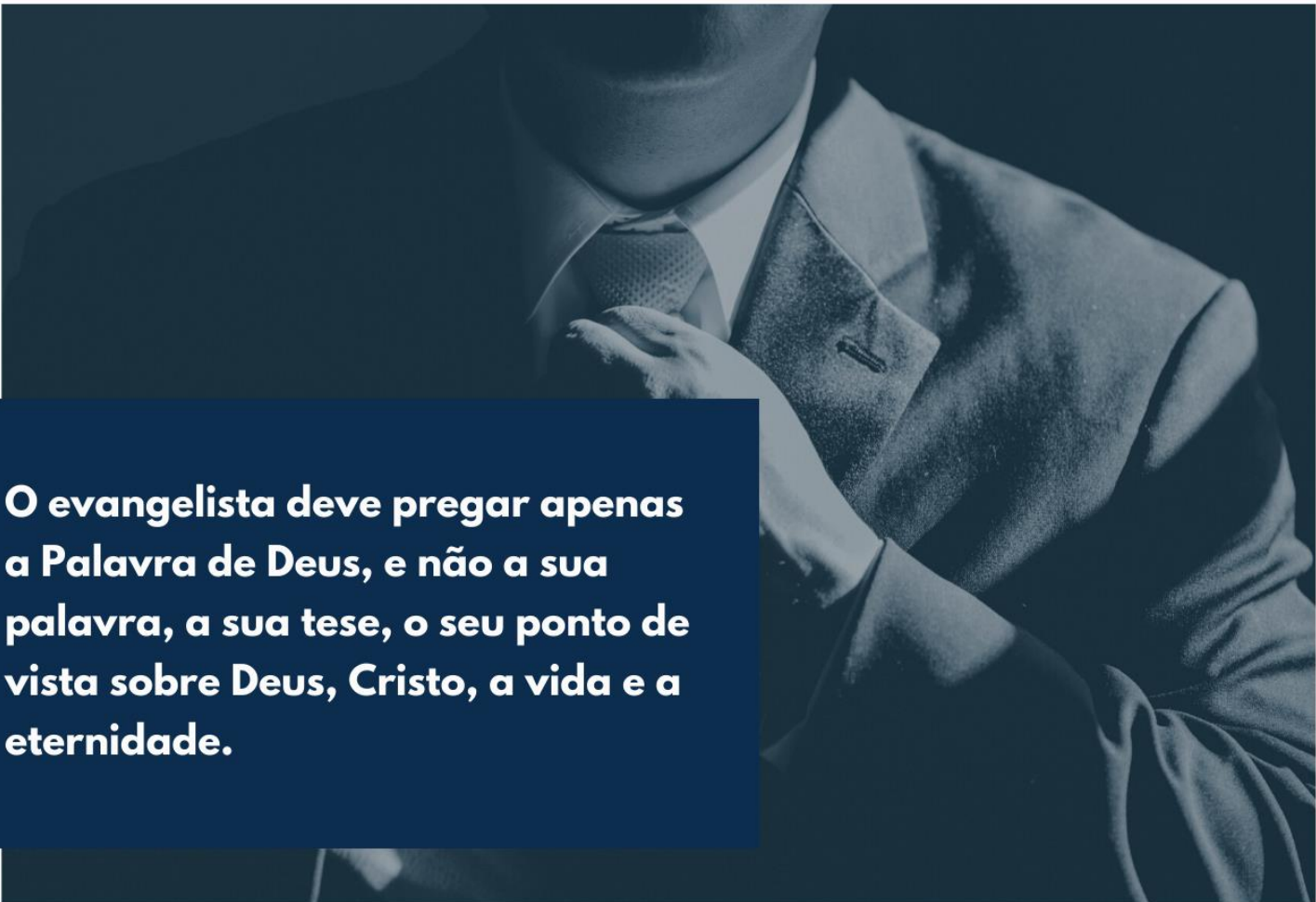
“Prega a palavra, insta a tempo e fora de tempo, admoesta, repreende, exorta, com toda longanimidade e ensino. Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo grande desejo de ouvir coisas agradáveis, ajuntarão para si mestres segundo os seus próprios desejos, e não só desviarão os ouvidos da verdade, mas se voltarão às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério.” (2 Timóteo 4:2-5)

O tempo é uma variável que decorre de movimento, portanto, o homem não pode controlá-lo. Há, basicamente, três categorias de tempo: o tempo cronológico, o tempo como um momento exato de um evento, e o tempo psicológico. Como substantivo masculino, é a duração relativa das coisas que criam no homem a noção de passado, presente e futuro, sendo, portanto, um período contínuo no qual os fatos se sucedem. O homem está relativizado ao tempo nesta dimensão da sua existência, e disto, não tem controle, ou como escapar. Esta é uma das razões porque o conceito de “livre-arbítrio” não encontra fundamentação. Deus, contrariamente, não está relativizado ao tempo, tendo perfeito controle sobre ele.

Na passagem acima, o apóstolo Paulo está instruindo o seu discípulo na fé, Timóteo, acerca dos princípios e práticas do ministério. É dito a Timóteo, primeiramente, que ele pregue a palavra, sendo esta a tarefa precípua de

um evangelista. Há muitos pregadores que estão substituindo o anúncio do evangelho pelos manuais de auto-ajuda, por programação neurolinguística, por sessões de regressão hipnótica, por sessões de espiritismo, por superstições e misticismos, por ocultismo, por engodo de prosperidade, curas, sinais, e maravilhas. Estas coisas não servem para conduzir o homem à Cristo. No máximo, levam incrédulos para dentro das igrejas, e neste caso, elas se tornam cada vez mais agências do inferno. A cada dia, as igrejas institucionais mais se assemelham a empresas, agremiações, sociedades limitadas, bancos, supermercados, e escolas especializadas na formação de desajustados. Isto, porque o indivíduo que, ouvindo as Escrituras, e, não podendo crer que nasceu de Deus, entra em profundo conflito de consciência. Não é atoa que pesquisas indicaram que 80% dos que buscam ajuda psiquiátrica são crentes. Viver em contradição é muito perigoso!

Por todas estas razões é que o evangelista deve pregar apenas a Palavra de Deus, e não a sua palavra, a sua tese, o seu ponto de vista sobre Deus, Cristo, a vida e a eternidade. Doutrinas não salvam, mas quando oriundas da Palavra, são para os que já são salvos. Há, na verdade, uma inversão do processo pelos religiosos: doutrinam incrédulos, e evangelizam os crentes. Os pregadores estão mais preocupados em trazer conforto material aos seus ouvintes; porém, o que lhes causa desconforto é exatamente a incredulidade, a saber o

A photograph of a man in a dark suit and tie, adjusting his tie with his hands. The image is in a dark, monochromatic style, possibly blue or black and white. The man's face is not visible, only his torso and hands are shown. The background is dark and out of focus.

O evangelista deve pregar apenas a Palavra de Deus, e não a sua palavra, a sua tese, o seu ponto de vista sobre Deus, Cristo, a vida e a eternidade.

pecado. Primeiro, é necessário pregar-lhes a palavra da verdade, para que creiam e tenham as escamas dos olhos retiradas, e sejam convertidos. Depois deve-se instar a tempo e fora de tempo, para o seu progresso espiritual.

Na sequência, o apóstolo Paulo ordena a Timóteo: *“insta a tempo e fora de tempo”*. “Instar” é um verbo que possui regência múltipla, portanto, pode significar: pedir com instância, com insistência; solicitar reiteradamente; insistir. Estas significações não se referem à pregação do Evangelho, mas ao ensino doutrinário aos que já creem. É necessário o amadurecimento no conhecimento de Deus após o novo nascimento. É imperioso que haja muita insistência, porque o ranço das práticas e dos hábitos pecaminosos são fortemente arraigados na natureza humana. É nestas circunstâncias que penetram na Igreja os lobos, os mercenários, os falsos profetas cujas práticas confundem e desviam do caminho de Cristo a muitos. É necessário admoestar, repreender, e exortar, porém, com longanimidade e ensino. A ausência destes processos não permite aos evangelizados que amadureçam e ganhem a revelação da vida de Cristo. O resultado desta falha é trágico para as igrejas, pois se tornam verdadeiras sucursais do gnosticismo, do ateísmo, do misticismo e da incredulidade.

Por estas falhas no ministério é que já estamos no tempo em que os próprios crentes não suportam a sã doutrina, e acabam por tê-la por herética, e tomam a mentira por verdade, e a verdade por mentira. Desejam ouvir apenas o que lhes agrada e, para tanto, procuram contratar pregadores que lhes sejam aceitáveis, que possuam

títulos, fama, sucesso material e inteligência emocional. O resultado disto tudo é o desvio da verdade, a saber, de Cristo. Voltam às fábulas, ou seja, às lendas e experiências sobrenaturais, como forma de sublimar suas mentes cauterizadas pelo príncipe deste mundo, o qual cega-lhes o entendimento. Neste sentido, se tornam mais incrédulos do que os incrédulos que não estão em suas igrejas. Inventam doutrinas e teologias para encobrir a ausência de Cristo, tornando-se cada vez mais cínicos espiritualmente.

Então, a primeira sentença é: *“prega a palavra”*, porque é desta ação que se manifestam os eleitos de Deus. Uma vez tocados pela Graça por meio da fé, deve-se instar em todas as ocasiões para que cresçam no conhecimento de Cristo, e manifestem a Sua vida, levando o Seu morrer diário. A cruz não é apenas um símbolo, é um caminho a ser trilhado ao longo do deserto da vida, até que seja dia perfeito e o eleito de Deus seja, não só à imagem, mas também à semelhança do Filho de Deus.



Alisson Bruno é um pensador cristão, escritor e blogueiro. É presbítero na Igreja Assembleia de Deus - Nova Serrana/MG. Formando em Capelania cristã pela UCEBRAS, Bacharel em Teologia pelo Instituto Metodista Izabela Hendrix e médio pelo Seminário Batista Livre. Atua e também é idealizador de vários projetos teológicos nas mídias sociais. Casado com Juliana Avelino e pai de Benício Lucas.



SOU PASTOR, QUERO SER POLÍTICO. E AGORA?

Se voltarmos os olhos para algumas décadas atrás (talvez um século seja suficiente), notaremos o quão separada do mundo a Igreja já esteve. Devido ao crescimento, no entendimento evangélico, do abismo existente entre o que é sagrado e o que é secular, e por causa de uma má interpretação deste assunto, a Igreja (ou boa parte dela) separou-se do mundo, encerrou-se dentro das quatro paredes de seus prédios, e passou a tão somente aguardar o iminente retorno do Rei Jesus. Não influenciada pelos grandes teólogos e filósofos cristãos que, em sua maioria, incentivavam a tomada da cultura e a glorificação de Deus, através dos cristãos, na ação em todas as esferas da sociedade, a Igreja não parou para pensar que Jesus Cristo poderia demorar um pouco mais (do que se imaginava) para voltar.

O resultado disso foi que, aquele cenário que já vinha sendo montado há duzentos ou trezentos anos, finalmente se concretizou: o cristianismo perdeu de vez o seu lugar no mundo para filosofias e ciências totalmente contrárias ao próprio. A cultura, a arte, a economia, a política, enfim, todas as esferas da sociedade passaram a se pautar não mais em princípios cristãos, o que acontecera durante, no mínimo, mil e setecentos anos de cristianismo, mas, desde então, calcaram seus pés sobre o ateísmo e sobre a ciência e sua filosofia materialista. Acanhado em seu banco de igreja, o cristianismo se retirou do mundo, defendendo a ideia de que Deus quer as almas do mundo, mas não o mundo em si.

Fundamentados em um antiintelectualismo barato, os cristãos passaram a defender que Deus, em Seu plano redentor, deseja redimir tão somente os homens, e não a Criação como um todo, como nos ensina Paulo, em

Romanos 8:19-22. Contrariando a oração do Mestre, não foram retirados, antes, se retiraram do mundo, na expectativa do cumprimento da promessa da Segunda Vinda. Jesus, antes disso, porém, intercedeu de maneira esclarecedora: *“Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal.”*, (João 17:15). Uma vez que, para a continuação da obra do Pai, necessário era que os cristãos estivessem *no* mundo, Jesus jamais orou para que o Pai os retirasse *do* mundo.

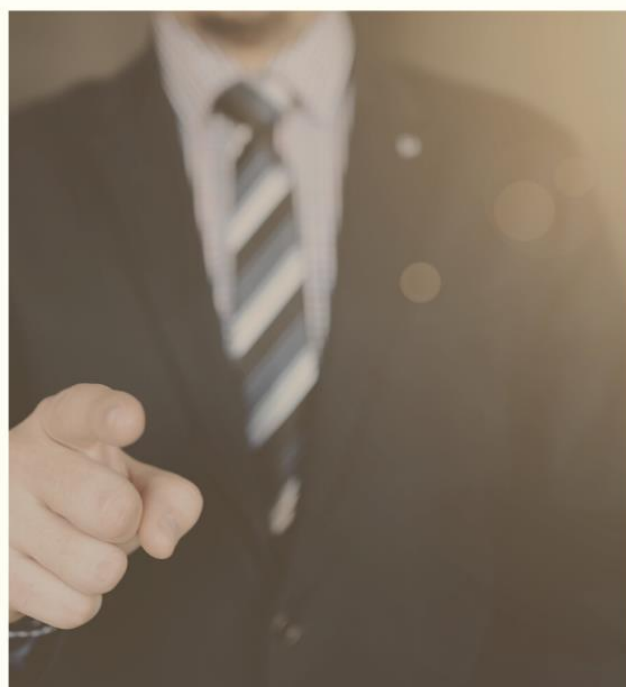
Entretanto, de forma contrária, os cristãos dos séculos 19 e 20, e de hoje, retiraram-se do mundo, mesmo Deus não os tendo tirado de lá. É fato que, uma vez em Cristo, não somos do mundo (João 17:16), antes como homens justos e retos, que estão em processo de santificação, somos odiados pelo mundo (João 17:14). É claro que Jesus não rogou por todo o mundo, mas por aqueles do mundo que foram dados a Ele pelo Pai (João



17:9). No entanto, nas Palavras de Jesus, nós ainda *estamos* no mundo (João 17:11), e há um propósito nisso. Não estamos no mundo como estávamos anteriormente, quando ainda não havíamos sido salvos, mas, estamos nele a fim de cumprirmos uma missão para a qual fomos comissionados (Marcos 16:15). Entre as muitas coisas às quais abandonamos ao retirarmo-nos da sociedade no que tange às esferas que a compõem, está a política. Nisso, vale pontuar que nós a abandonamos (a política) de duas maneiras principais: a) abominando a esfera política e condenando àqueles que se aventuram em seu seio ou b) adentrando a esta esfera não como políticos cristãos, bem preparados para exercer nosso papel de uma maneira que glorifique a Deus na sociedade, mas, tão somente, utilizando-a como um meio para alcançar, para cristãos e igrejas, facilidades que não seriam conquistados de outra maneira.

Nesta mesma edição da Revista Fé Cristã, se você voltar algumas páginas, encontrará o artigo *“Ministério pastoral e magistratura: qual é mais importante no plano de Deus?”*, do Rev. William Steigenberger. Nele, o reverendo, com maestria, faz distinção entre os dois ofícios, o de pastor e o de magistrado (que se refere, também, ao político), mostrando o quão ligados eles estão com o plano de Deus e o quanto Deus é representado nessas esferas. Aquele artigo é suficiente para o que pretende. Contudo, faz-se necessário outro artigo, para que tratemos de uma questão ainda mais específica: cristãos que foram chamados para o pastorado devem se envolver com política? Pastores, líderes, pregadores, cantores, devem “tirar licença” de seus ministérios na esfera eclesiástica, para se aventurarem no mundo político? Ou dividirem-se entre eles?

É claro que, como afirma o Rev. William, “a Igreja tem como função orientar e ensinar as perspectivas divinas sobre a magistratura aos vocacionados para tal ofício. Assim, a Igreja tem um importante papel no ensino sobre a magistratura civil e no despertar da sua vocação. Quando a Igreja falha nesse aspecto, o governo civil é assumido por pessoas que não têm interesse em zelar pelo bem, pelo justo e proteger os valores fundamentais de uma sociedade”. Todavia, atente-se



aqui para o termo “vocacionados”. A questão é: e quando o indivíduo fora chamado e vocacionado para o pastorado, para pregar o Evangelho, para dedicar-se à causa do Senhor, e tem, também, facilidade com o assunto e interesse por fazer política, o que fazer? Trataremos disso a partir de agora.

Os dons vistos como vocações

Em Israel, ainda, em meio à atividade profética, o Rei Davi esclareceu que a distribuição dos dons divinos se faria a todos os homens, indistintamente, na pessoa de Cristo: *“Tu subiste ao alto, levaste cativo o cativo, recebeste dons para os homens, e até para os rebeldes, para que o Senhor Deus habitasse entre eles.”* (Salmos 68:18). Paulo parafraseou-lhe: *“Subindo ao alto, levou cativo o cativo, e deu dons aos homens.”* (Efésios 4:8). Tiago arremata: *“Toda a boa dádiva e todo dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação.”* (Tiago 1:17).

Esses “dons” incluem todas as atividades humanas imagináveis e possíveis. São eles, não apenas os dons espirituais, que seriam derramados depois, quando do

derramamento do Espírito Santo, nem tão somente os ministérios eclesiásticos ou ofícios ordinários, mas, também, sem sombra de dúvidas, aquelas inclinações e disposições naturais que conhecemos por vocações e que encontramos em toda pessoa humana. Com qual propósito, no entanto, Deus concede esses dons aos homens através de Cristo? Para que Ele possa habitar entre os homens e ser glorificado neles! A este gracioso lidar de Deus, mesmo com os seus inimigos, chamamos de Graça Comum. Nele, está incluído o ofício da magistratura. Se, por um lado, o ímpio não pode glorificar a Deus de forma direta (Salmos 50.16,19), de forma indireta, ele nada pode fazer, senão glorificar a Deus. O fato é que, por Sua Graça, nosso Deus deu dons e talentos até mesmo aos descrentes, e nisso Ele habitou entre e nos homens, e glorificou a Si mesmo.

É claro que, aqui, não estamos falando do terrível e majestoso tabernacular de Cristo entre os homens que aconteceu no evento da Encarnação, mas de Deus manifestando Seus atributos invisíveis nas coisas criadas, mostrando a Si mesmo na complexa composição da espécie humana, e por meio da vitória de Cristo, comunicando, desde o começo do mundo, aos homens salvos e não salvos, os Seus preciosos dons.

Por qual propósito Deus desejou soberanamente habitar entre os homens? E por qual propósito Deus desejou fazê-lo por meio de dons? Por amor! (João 3:16) O mesmo sacrifício, portanto, que garante a salvação eterna aos que creem, garante dons a todos os homens desde o princípio. Do mesmo modo que Cristo se dirigiu aos discípulos dizendo *“Eis que estou convosco todos os dias”*, (Mateus 28:20), o Pai, amorosamente, habita entre os homens nos dons e atributos comunicáveis concedidos por Ele a eles. O ponto de contato do homem salvo com Deus é pela fé e pelo Espírito, o mesmo Espírito que distribui dons espirituais aos quais o mundo não pode receber. Por outro lado, o contato de Deus com os homens ímpios se dá por meio dos dons e de Seus atributos comunicáveis concedidos a eles e neles impregnados. Indubitavelmente, há diferentes dons e vocações, de maneira que, como preanunciado logo acima, não podemos nos deixar levar pela

suposição de que não haverá distinção entre o que serve a Deus e o que não serve (Malaquias 3:18).

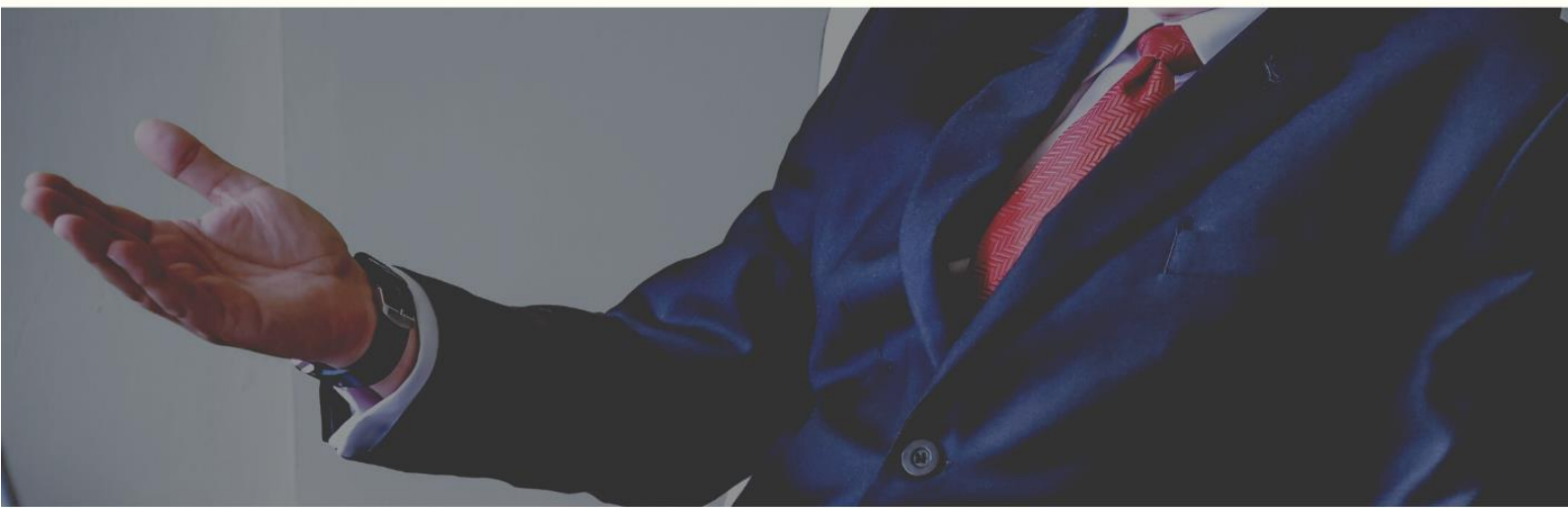
Conhecemos, pela Bíblia, que Cristo é o nosso grande exemplo de Rei e de Sacerdote, Ele é nosso exemplo de Pastor e (por que não?) de político (em seu ofício de Rei). Tanto espiritual e doutrinariamente, quanto administrativa e socialmente, devemos olhar para Jesus. O mesmo Jesus que não perdeu tempo e nem cedeu a nenhuma objeção na escolha de Seus auxiliares e discípulos (Mateus 10:5), concedendo dons à eles, capacitando-os para cumprirem seus ministérios (Marcos 16:17-18), morreu para que dons fossem distribuídos a todos os homens a fim de que eles, com capacidade, desempenhassem as mais diversas atividades, ao longo da história e ao redor do mundo, de maneira que Deus fosse glorificado nisso. Os dons como vocações, presentes em qualquer pessoa, portanto, são instrumentos do propósito divino.

A glória de Deus no exercício das vocações

Assim, a glória de Deus pode ser vista no exercício honesto e justo, dedicado e prazeroso, de toda e qualquer atividade existente no mundo, desde que, é claro, não sejam atividades que, ainda que consideradas no mundo moderno como profissionais, são pecado aos olhos de Deus e à luz de Sua Palavra.

Sempre que o ser humano desenvolver e exercer honesta e justamente uma tarefa, quer considere-se vocacionado para isto, quer não, Deus será glorificado. Este é o resultado temporal do interesse divino de habitar entre os homens por meio dos dons e atributos que concedeu a eles.

Aqui, estão incluídos, obviamente, os cristãos, os salvos. Deus é glorificado sempre que estes desempenham suas funções justa e piedosamente, não obstante se isso ocorre dentro da igreja e na esfera eclesiástica ou não. Se todos os trabalhadores, em suas profissões, por mais simples que elas possam parecer, podem glorificar a Deus, quando exercidas com esmero, honestidade e justiça, aqui estão incluídos os crentes, e aqui está incluído o ofício de magistrado, de político. O



cristão pode ser um político, e glorificar a Deus com isso.

O dualismo que ensina que somente aquilo que é feito no âmbito da esfera eclesiástica é que tem valor espiritual e glorifica a Deus não é amparado pela Bíblia. Com a Palavra de Deus, aprendemos que tanto o pastor como o político podem agradar a Deus e glorificá-lo ao exercerem as suas funções.

Um sapateiro convertido perguntou a Lutero o que deveria fazer para servir bem a Deus. Ele talvez esperasse o conselho de fechar o seu negócio e tornar-se pregador do Evangelho. Lutero respondeu: “Faça um bom sapato e venda-o por um preço justo”. Ele serviria a Deus sendo um profissional competente e honesto (Michael Horton – O Cristão e a Cultura).

Algo que muitas vezes é mal entendido entre nós cristãos é a separação entre atividades religiosas e as demais, como se as primeiras fossem relacionadas a Deus e as demais fossem apenas para nós mesmos. Portanto, tende-se a valorizar as atividades consideradas “espirituais” e a negligenciar atividades não eclesiásticas como estudo, trabalho e outras responsabilidades que não estão diretamente relacionadas à nossa fé. Porém, a Bíblia não mostra essa separação, mas quando diz “*buscai primeiro o Reino de Deus*” (Mateus 6.33), se refere a não andarmos ansiosos com o dia de amanhã, mas nos contentarmos em servir a Deus e confiar no sustento que vem dele. O Reino de Deus não se resume à oração, leitura bíblica, evangelismo e práticas religiosas apenas, mas envolve tudo o que fazemos, falamos e pensamos. Tudo deve estar debaixo do senhorio de Cristo.

Para o sapateiro, servir a Deus só seria possível se ele dedicasse todo o seu tempo a pregar o Evangelho. Não imaginava que poderia servir a Deus fazendo sapatos. Afinal, o que sapatos têm a ver com o Reino de Deus? Não seria mais proveitoso se dedicar ao estudo bíblico, ao ensino ou à pregação, atividades de maior valor? A visão do sapateiro parte de uma compreensão limitada da soberania de Deus, que estaria alheio a qualquer atividade ou produção humana em que seu nome não estivesse escrito claramente. A Igreja quando abandonou as demais esferas da sociedade, demonizando a política, cometeu o mesmo erro. A resposta de Lutero mostra uma visão diferente, em que tudo aquilo que é bom e justo é visto como expressão do caráter de Deus. Isso mostra que podemos servir a Deus em nosso dia-a-dia, mesmo nas coisas mais simples, e que podemos enxergar o agir de Deus em diversas situações. Ele é a fonte de toda beleza e virtude.

Lutero instruiu o sapateiro a fazer bons sapatos e vendê-los por um preço justo. Da mesma forma, podemos usar isso como referência para o que fazemos: devemos nos dedicar a fazer algo de boa qualidade, e sermos honestos em nossas ações. A base para conhecermos o que é “bom” ou “justo” está na própria Bíblia, que nos mostra o padrão moral que Deus estabelece para nós, e é expressada de forma perfeita no exemplo de Jesus. Ele deve ser o ponto de partida e o objetivo de tudo o que fazemos. É nele que deve estar a nossa principal motivação e fonte de satisfação. Se nos concentrarmos não em nossos interesses próprios e em nosso bem-estar, mas focarmos em glorificar a Deus com nossas atitudes, poderemos ter sempre satisfação nele, inclusive em nosso envolvimento com política. Quem sabe, sua vocação não é ser um deputado, um senador ou mesmo um presidente da República? Cada dia se torna uma nova oportunidade de servir a Deus, há sempre algo novo mesmo em meio à rotina comum de dias enfadonhos.

A vocação política e o ministério pastoral

De Gênesis a Malaquias, o pastorado e a magistratura tinham pesos semelhantes, de maneira que Deus e o povo os consideravam de igual importância. O sacerdote representava a Deus no templo; o magistrado representava a Deus no palácio. O sacerdote trazia aos homens Deus em Seu poder. O rei trazia aos homens Deus em Sua vontade. Juntos, eles legislavam e conduziam o povo nas guerras, nas disputas, no comportamento, na prática diária e no culto. Assim, todo o sistema mosaico, além de apontar para Cristo como Profeta, aponta para o Messias como Sacerdote e como Rei - Cristo, o Sumo-Sacerdote; Cristo, o Pastor das ovelhas – de maneira que o profícuo propósito da Lei de Deus era justamente o de levar o conhecimento de Deus e fazê-Lo conhecido, a fim de que os povos e nações fossem influenciados a olhar para Deus, acabando por serem convertidos (Isaías 55:1-9). Israel, no entanto, falhou neste quesito.

Se, da perspectiva da glória de Deus, toda vocação e dom, quando exercidos sob certas condições, cumprem o propósito divino, de outra perspectiva, há diferença de valor entre a vocação política e o ministério pastoral. O político pode exercer sua vocação para a glória de Deus, mas trabalhará tão somente para o ambiente temporal, limitando-se ao exercício dessa vida. Pouco lhe aproveitará o exercício de sua profissão, pois, ao expirar.

Como nos ensina o tópico anterior, todos os profissionais vocacionados devem ser exortados,

alertados, avisados e instruídos pelos evangelistas e pastores a exercerem suas atividades de forma que Deus seja glorificado (1 Coríntios 10:31). No entanto, Deus é muito mais glorificado através do exercício justo e piedoso do ministério pastoral, do que através do exercício justo e piedoso da vocação política. É claro que isso não quer dizer que alguém que não foi vocacionado para o pastorado nunca alcançará a mesma glorificação a Deus em sua vida profissional que está disponível ao pastor, mas que, o homem que encontra-se certo de que foi chamado ao pastorado, ao episcopado, à obra de Deus, e que distrai-se com a política deve saber em que deve depositar suas energias e forças, e não é na política.

Paulo, escrevendo a Timóteo, instrui: *“Ninguém que milita se embarça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra.”* (2 Timóteo 2:4). Muitos interpretam esta passagem como uma instrução de Paulo a que não nos embarcemos com as coisas desta vida, antes, militemos dignamente, conforme nosso chamado e alistamento nas fileiras do Senhor, entretanto, por mais que a aplicação acima não esteja errada, é certo que Paulo estava instruindo a Timóteo sobre a importância de ele exercer o pastorado e o ministério que Deus lhe confiou sem desviar-se para este ou aquele lado.

Logo após o Pentecostes e as primeiras conversões, a Igreja Primitiva crescia, e os apóstolos, responsáveis pelo ensino e pregação da Palavra, se viram às voltas com o problema de “servir às mesas”. Para esse serviço, elegeram diáconos, *“homens de boa reputação e cheios [...] de sabedoria, aos quais constituamos sobre este negócio”* (Atos 6:2-4). Naqueles dias, crescendo o número de crentes, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano. Elas precisavam ser servidas. Havia, portanto, algum demérito no ato de “servir às mesas” daquelas mulheres? De maneira nenhuma. Mas, o que se vê são os apóstolos permanecendo fieis ao chamado e vocação concedidos por Deus, sem permitirem-se envolvimento com qualquer outra atividade eclesiástica, quanto menos social. De igual modo, os diáconos exerceram sua diaconia com esmero e honestidade, fazendo tudo para a glória de Deus. A questão, para os apóstolos, é que *“não é razoável que nós deixemos a Palavra de Deus e sirvamos às mesas”* (Atos 6:2).

Servir às mesas glorifica a Deus. Servir às mesas é necessário. Existe essa demanda, deve haver alguém para servir às mesas de quem precisa, e Deus vocacionou pessoas para isso. Mas, não é razoável que

quem foi chamado para a Palavra de Deus, abandone tal ofício para abraçar outra vocação que pensa ter recebido – mesmo que seja algo que possa ser exercido dentro dos limites da Igreja. *“Nós perseveraremos na oração e no ministério da Palavra”* (Atos 6:4), foi a conclusão. Veja que coisa esplêndida acontece a seguir: *“E este parecer contentou a toda a multidão”*, (Atos 6:5). Uma vez atendido com pessoas vocacionadas para o auxílio social, e suprido com a Palavra por homens totalmente dedicadas à ela, o povo ficou contente. O fato é que quando pastores limitam-se a serem pastores e agentes sociais, como os políticos, limitam-se a serem agentes sociais, nós temos pastores e agentes sociais. Entretanto, quando temos uma troca de funções, uma confusão de funções, não temos “nem um, nem outro”.

Paulo, em Corinto, foi taxativo: “Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar”, (1 Coríntios 1:17). Ou seja, não admitiu fazer nada além do que lhe era mister, a fim de honrar e cumprir, como servo fiel, o seu chamado e vocação concedidos por Deus.

Conclusão

O exercício da magistratura, na promulgação de leis justas e imparciais, garante à nação e suas instituições a paz, a segurança e a confiança necessárias para o progresso e o crescimento cultural da sociedade como um todo. Jamais uma nação que tenha políticos corruptos andarà em paz, sem que seu povo sofra revezes em consequência desses erros, e sem que aconteça a tentativa de outra nação ou sistema político de exercerem alguma forma de influência nesse sistema político enfraquecido pelo crime e pela conivência com a corrupção.

Nesta situação, o sistema eclesiástico nada poderá fazer, como influenciar para bem os magistrados, o que é papel da Igreja, como deixou claro o Rev. William, pois estará colhendo o fruto de seu desleixo e acomodação ministerial, bem como de sua confusão ao deixar que homens errados ascendam à política sem serem vocacionados para isso.

O exercício do ministério pastoral pode ser valorizado pela fidelidade do pastor. Tal qual os apóstolos, em Jerusalém, e Paulo, aos coríntios, o pastor deve considerar o resultado eterno de suas escolhas, quando escolher seus auxiliares, que devem ser tão vocacionados para o ministério quanto ele próprio. Com visão divina, deve apontar possíveis candidatos à magistratura. Suas escolhas terão reflexos em toda a sociedade. Um bom pastor pode ser um péssimo político, por causa de sua falta de vocação e da retirada da bênção do Senhor de sobre a vida de um homem que

abandonou seu chamado. “Escolhas acertadas, resultados eternos; escolhas erradas, resultados limitados”.

Também nesta edição da Revista Fé Cristã, no artigo “*A Igreja e o Estado*”, o irmão Natanael Castoldi apontou para a verdade de que “enquanto Reino de Cristo, nossa função é profética, alertando a todos, reis ou não, para o retorno de Cristo e exortando-os ao arrependimento. Se nos determos em excesso nas “coisas deste mundo”, logo perderemos essa prerrogativa e nos tornaremos apenas um destacamento do Estado para a realização de serviço social.”

O exercício ministerial do pastor deve ser pautado pela observância dos preceitos bíblicos (Apocalipse 2 e 3); seus resultados serão eternos no Reino de Deus e na sociedade. O contrário será a rejeição divina. Numa cosmovisão abrangente, o ministério pastoral, flutuando entre sociedade e igreja e entre igreja e Estado, enquanto terreno é tão importante quanto o exercício da magistratura - sendo que ambos são benéficos, exercem influência, são necessários e trabalham em favor e para as pessoas de todos os segmentos sociais, sem distinção. Certamente, pelos seus dons, glorificam a Deus cada qual à sua maneira e conforme seu chamado, uma vez que ambos existem para serem representantes de Deus na terra, a quem foi conferido autoridade. Porém, no plano da história da redenção, o ministério pastoral deve ter primazia, pelo fato de ter seus valores e seus frutos considerados e conduzidos para a esfera eterna.

Alguém pode dizer que as profissões honestas e o ministério da autoridade constituída (que é o caso do político) também tem um lado eterno e/ou espiritual. Alguém pode dizer que, de certa maneira, “*tudo é sagrado*”, já que temos que fazer tudo para a glória de Deus, até mesmo comer e beber. E isso é bem verdade.

No entanto, enquanto o político, que exerce um ofício não eclesástico, deve honrar a Deus no exercício de sua vocação, o que, em um caso extremamente feliz, proporcionará a manifestação do que será uma sociedade redimida, como no Reino futuro de Cristo, o pastor e o obreiro, estão trabalhando, labutando, para que os homens possam entrar nesse Reino futuro, sendo salvos de uma eternidade de condenação. Portanto, sem o trabalho do ministro do Senhor, o trabalho do profissional comum ou político é inútil, visto que apenas aponta para o que será a realidade futura, mas não mostra o caminho nem proporciona que as pessoas alcancem esta realidade.

“Meu filho, se Deus o chamou para o ministério, não se rebaixe ao ponto de ser rei em qualquer país.” - C. H. Spurgeon

“*Quão formosos os pés dos que anunciam o Evangelho da paz; dos que trazem alegres as boas novas*”. (Romanos 10:15)

“... *me é imposta essa obrigação; e aí de mim, se não anunciar o Evangelho!*” (1 Coríntios 9:16)



Ilton da Motta é graduando em Sociologia, pela Unipe, em Sapiranga/RS. Estudioso de teologia há mais de 30 anos, é professor de Escola Bíblica Dominical e Presbítero na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em Sapiranga/RS. Escritor, pregador e músico. Casado com Nina Rosa, é pai de Marcos, Marília, Isabel e Raquel.



Fé cristã

Polarização política

Quem não se lembra do muro que foi instalado na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, por ocasião da votação do impeachment de Dilma Rousseff? Aquela cerca com 80 metros de extensão, que separava os manifestantes pró e contra o impedimento da então presidente, é um símbolo emblemático da polarização política que nosso país vive, hoje. Aquele muro de aço dizia, em outras palavras: “Na impossibilidade de vocês dialogarem bem, dadas as suas discordâncias, melhor é ficarem afastados. Se eu não estiver aqui, vocês falharão em sua comunicação, na forma e no conteúdo, e acabarão apelando para a violência a fim de lidar com as suas divergências”.

O psicanalista Christian Dunker, autor da obra *Mal-estar, sofrimento e sintoma: Uma psicopatologia do Brasil entre muros*, defende que aquele muro é um dos sintomas de uma forma de vida alimentada pela hiperindividualização e pelo encolhimento do espaço público. Ele alega que a exclusão da possibilidade de diálogo na polarização ideológica e política entre os brasileiros de esquerda e os de direita aconteceu de tal forma que o antagonismo político agora gera medo, ódio e ressentimento social. Fato é que aquele muro de aço denunciou o adoecimento da capacidade argumentativa e, consequentemente, de convivência de grande parte dos brasileiros. Entre eles, os cristãos.

Deixamos de ser exclusivamente “brasileiros” e assumimos novas categorizações, desonestamente reducionistas, como “petralha”, “coxinha”, “golpista”, “mortadela”, “fascista” e “esquerdopata”. Após um longo inverno despolitizado, o brasileiro voltou a ter a ideologia política como parte de sua identidade. Logo, de sua individualidade. Mas, infelizmente, essa determinação da individualidade cobrou seu preço, dada a profunda dificuldade de diálogo em meio à sociabilidade.

A internet produziu fenômenos diversos, como as manifestações públicas convocadas por organizações de poder de articulação impensável na era pré-redes sociais. A pressão popular, intensificada pela mobilização via internet, viabilizou a prisão de um ex-presidente da república, condenado por corrupção e lavagem de dinheiro — algo impensável até muito

poucos anos atrás. De repente, postagens compartilhadas *ad nauseam* no Twitter e no Facebook lançaram personagens inexpressivos ao Olimpo da vida política nacional e reduziram fenômenos das urnas a personagens inexpressivos. A era da pós-verdade recebeu anabolizantes ideológicos por meio das redes sociais e passou a determinar nossa estrutura identitária, surda e incapaz de pensar fora de pacotes ideológicos pré-fabricados.

O tsunami ideológico provocado pelo terremoto internético foi avassalador e, em sua sanha polarizadora,



destruiu amizades, soterrou a capacidade argumentativa de muitos e enfiou a população brasileira num atoleiro de bolhas ideológicas reducionistas e furiosas em sua forma de (não) dialogar. Fomos emparedados entre paredes à prova de som, esbravejando, acéfalos, que quem discorda de nós deve morrer na ponta do fuzil.

Em meio a esse cenário, o mundo da teologia protestante no Brasil caminhou no passo da polarização político-ideológica e mimetizou assustadoramente seu *modus operandi*. No espírito deste tempo, os cristãos — soterrados por sites, postagens em redes sociais, memes, patotas e preleções segmentadas, blogs e vlogs de todo tipo de DNA doutrinário — iniciaram um processo massivo de afastamento dos divergentes, investindo nas muralhas e dinamitando as pontes. Em pouco tempo, o ambiente de diálogo teológico foi completamente dominado por conteúdo destinado a dividir para conquistar, ops!, digo, fazer apologética.

Nos últimos anos, passou a ser raro o dia em que entramos na internet para checar a timeline sem ver calvinistas brigando com arminianos, e vice-versa; cessacionistas brigando com continuístas ou pentecostais, e vice-versa; pedobatistas brigando com credobatistas, e vice-versa; adeptos da missão integral brigando com quem repudia a missão integral, e vice-versa; progressistas brigando com conservadores, e vice-versa; amilenistas brigando com pré-milenistas, e vice-versa...

Divergências teológicas sempre houve na história da Igreja, mas, com o advento da internet, ganharam proporções planetárias e lançaram multidões de cristãos em “guerras santas” contra seus irmãos em Cristo que pensam de modo discordante. A impressão que dá é que gostamos e nos orgulhamos de dividir a Igreja de Cristo,

valorizando mais o que temos de diferente do que o que temos em comum. Tornou-se a tônica argumentar *à la* “creia em tudo o que creio ou seu lugar é na ponta do fuzil”.

Devemos refletir seriamente sobre isso, se queremos contribuir efetivamente para o vigor da Igreja de Cristo, visto que Ele mesmo nos alertou: “*Todo reino dividido internamente está condenado à ruína*” (Mateus 12:25, NVT). Fato é que passamos a viver em ambientes polarizados, seja no âmbito político-ideológico, seja no teológico. Abraçamos um lado e ericamos os pelos contra todos os outros. Especialmente no que se refere a diálogos sobre a fé, o que se vê nos ambientes real e virtual é que a polarização se tornou tão grave que tem levado muitos cristãos a um comportamento um tanto esquizofrênico: a fim de defender a sã doutrina pregada pelo Príncipe da Paz, usam de agressividade. A fim de defender a mensagem do manso Cordeiro, usam de cólera. A fim de defender a boa-nova do amor e da graça, usam ódio e ofensas.

Parece que o comportamento humano não consegue acompanhar a velocidade da evolução tecnológica. Criam-se com rapidez vertiginosa novos ambientes de diálogo on-line, mas não temos tempo de refletir sobre as maneiras corretas de nos posicionarmos neles. Saímos, então, destrambelhados, afoitos, derrubando pelo caminho os ensinamentos bíblicos. Muitos temos a quixotesca impressão de que podemos pregar e nos



comportar nessas arenas de maneira que, em um púlpito, por exemplo, levaria os presbíteros a levar água com açúcar para o pregador — ou, até, a expulsá-lo de lá.

Muitos de nós ainda não aprendemos a dialogar sobre Cristo de modo cristão. Jesus derrubou as mesas dos cambistas e, por isso, acreditamos que podemos vestir a capa da ira divina e explodir em confrontos estúpidos e ofensivos. Não podemos. Não somos Cristo. A ira humana alimentada e inflada é constantemente repreendida na Escritura, denunciada como um meio equivocado de procedimento. Mas, desculpados pela falácia de que “Deus muda o caráter, mas não o temperamento”, muitos continuamos sendo tão agressivos, coléricos, iracundos e, francamente, estúpidos após a conversão quanto antes dela. Afinal, “sou crente, mas não sou banana”, “sou profeta”, “sou ungido”, “sou eleito”, “estou agindo em nome de Jesus” ou “para defender a sã doutrina vale tudo”, então está tudo certo. Não, não está.

Se você abraçou a polarização como estilo de vida e se tornou um gladiador dos coliseus dialógicos, alguém que, em vez de ensinar e explicar o evangelho em sua riqueza, confiando na ação transformadora de Deus — que sobrenaturalmente pegará a mensagem e fará dela vida eterna para quem ouve —, opta por proclamar o conteúdo bíblico mediante falta de amabilidade, respeito, paciência e mansidão, deixo minha amorosa sugestão: ore ao Senhor e peça que Ele renove a sua mente. Rogue que Ele transforme sua forma de pensar e seu coração, para que você enxergue onde tem errado e se arrependa de seus maus caminhos. Peça a Deus que o ajude a parar de usar as armas do maligno para combater o bom combate de Cristo, pois isso é insano.

É o seu caso? Então, meu irmão, minha irmã, está em tempo: arrependa-se de seus pecados! Mude seu procedimento e passe a agir alicerçado nas virtudes do fruto do Espírito, tratando todos com respeito e amando seus irmãos em Cristo (1 Pedro 2:17). Assim que você se arrepender de seus erros de conteúdo e forma na transmissão da mensagem cristã, estará, enfim, preparado para dialogar com quem se opõe, não a fim de exaltar seu ego, suas capacidades intelectuais, sua cultura teológica e suas habilidades argumentativas, mas, sim, de modo a fazer o que em tudo devemos todos nós fazer (1 Coríntios 10:31): glorificar o Único que é digno de todo louvor, toda honra e toda glória, de hoje até a eternidade.

Para concluir, gostaria de deixar 15 sugestões muito importantes em tempos de polarização política no Brasil:

1. Oremos sem cessar.

2. Não devolvamos mal com mal.

3. Cuidemos para que toda palavra que sair de nossa boca seja temperada e só promova a edificação.

4. Não vivamos brigando.

5. Amemos nossos inimigos.

6. Sejam um, como Cristo e o Pai são um.

7. Intercedamos pelos nossos governantes, para que tenhamos paz.

8. Exerçamos o domínio próprio.

9. Sejam bem-aventurados pacificadores.

10. Sejam humildes em nossas opiniões.

11. Tenhamos fome e sede de justiça.

12. Instruamos com mansidão e paciência aqueles que se opõem.

13. Não nos apressemos para falar.

14. Façamos ao outro o que gostaríamos que ele fizesse a nós.

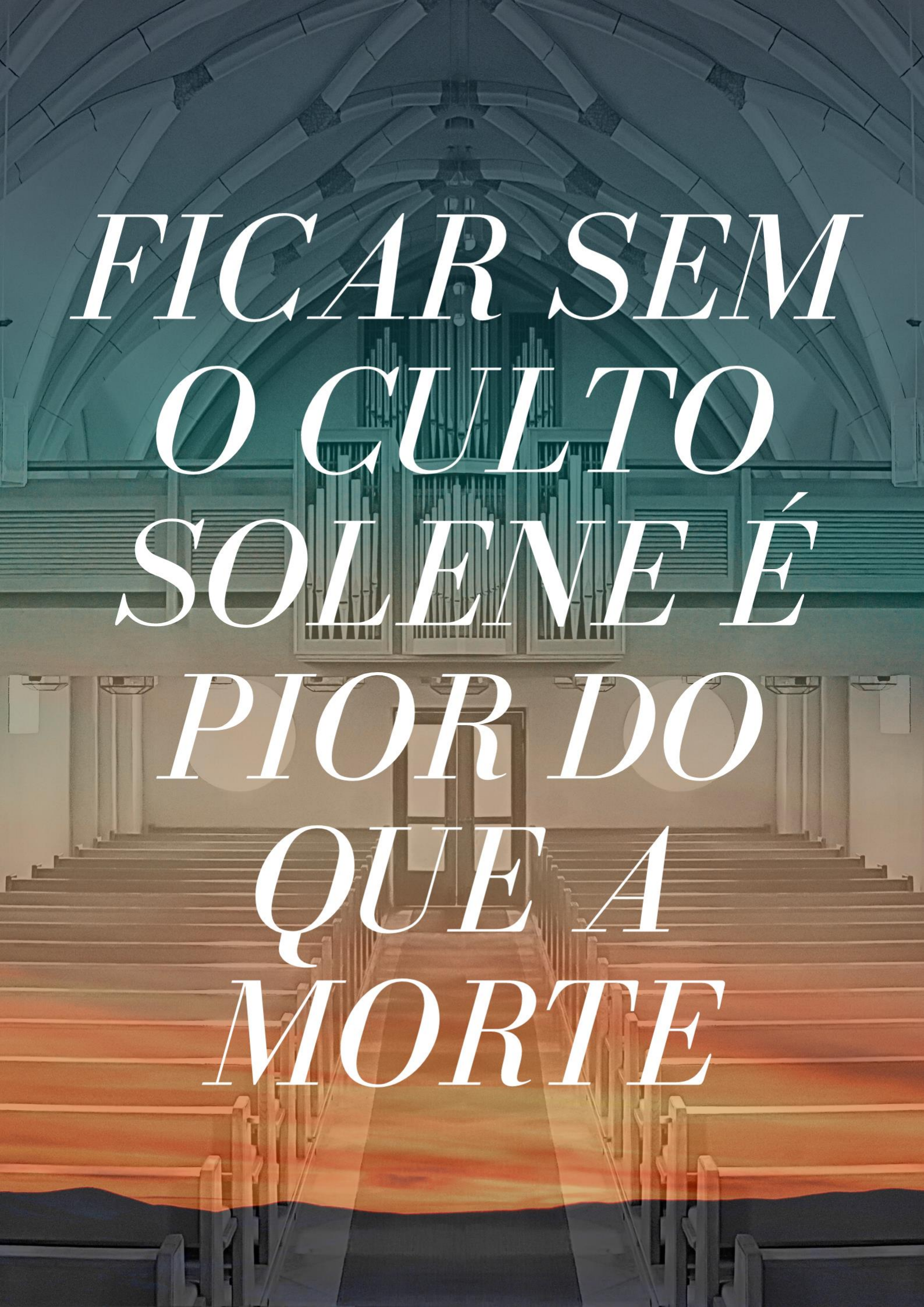
15. Saiba que o Reino de Cristo não é deste mundo.

E, em se tratando de polarização, não poderia deixar de indicar um livro extraordinário e fundamental sobre o assunto: *Um clamor por unidade e paz na igreja*, de John Bunyan, o mesmo autor de *O peregrino*. Escrito a partir de um sermão que ele ministrou no século 17, é uma mensagem absolutamente impactante e vital para o cristão do século 21, especialmente no que se refere à questão da polarização, seja ela teológica, seja ela política. Todo cristão deveria ler, a começar por você: <https://amzn.to/3bMNNIP>.



Cristão.

Maurício Zágari é bacharel em Teologia, pela FTSA - Faculdade Teológica Sul Americana. Estudou na PUC-RJ e é pós-graduado em Comunicação Empresarial, pela Faculdade UNIBF. Frequentou Colégio de São Bento. Editora Mundo



*FICAR SEM
O CULTO
SOLENE É
PIOR DO
QUE A
MORTE*

“Os caminhos de Sião estão de luto, porque não há quem venha à reunião solene; todas as suas portas estão desoladas; os seus sacerdotes gemem; as suas virgens estão tristes, e ela mesma se acha em amargura.” Lamentações 1:4

Espero que você não entenda pelo título que crentes devam ir para o culto solene mesmo que isso signifique a morte deles. Espero que você entenda que as milhares de mortes pelo mundo devido ao Corona Vírus e as consequências futuras devastadoras devem realmente nos entristecer e até mesmo nos fazer tremer. Porém, o intuito do texto é demonstrar que o pior resultado desta pandemia é o fato de igrejas pelo mundo estarem experimentando alguns domingos sem o culto solene, afinal ficar sem o culto solene é pior do que a morte.

Espero estar errado, mas tenho a impressão de que pessoas estão achando que cultos on-line parecem ser suficientes para substituir o ajuntamento dos santos respondendo à santa convocação. Parece que líderes e leigos consideram que a questão dos cultos on-line é uma mera solução logística para a impossibilidade de se congregarem em um mesmo local de culto, o que na verdade significa a presença especial de Deus no meio do seu povo. Espero que nós, pelo menos, compreendamos que culto on-line não é culto solene e que isso não é apenas uma questão de nomenclatura.

Durante os próximos domingos nós ficaremos IMPEDIDOS DE ESTAR NA PRESENÇA ESPECIAL DE JAVÉ EM CULTO SOLENE de acordo com a providência de Deus. Isso deveria amassar nossos pulmões, nos tirar o ar e nos prostrar com a boca no pó. Não há dúvidas de que Deus esteja pesando sua mão sobre a humanidade devido aos muitos pecados cometidos, mas será que compreendemos o peso dessa mão, especialmente nós crentes? Será que Deus não está apenas nos concedendo aquilo que nós temos desejado domingo após domingo, ou seja, não estar em sua presença santíssima em culto solene? Será que não temos tratado o culto como uma simples formalidade a ponto de podermos substituí-lo por *“live streaming”*?

Houve um momento na história da redenção em que Javé retirou o culto solene de seu povo, quando o povo foi levado para o cativeiro babilônico. Nas Lamentações de Jeremias, nessa poesia hebraica fúnebre, o profeta diz no capítulo 2, versículos 5 e 6: *“Tornou-se o Senhor como inimigo, devorando Israel; devorou todos os seus palácios, destruiu as suas fortalezas e multiplicou na filha de Judá o pranto e a lamentação. Demoliu com violência o seu tabernáculo, como se fosse uma horta; destruiu o lugar da sua congregação; o SENHOR, em Sião, pôs em esquecimento as festas e o sábado e, na indignação da sua ira, rejeitou com desprezo o rei e o sacerdote.”* Javé estava furioso com a igreja!

Não tenho tempo para explicar isso agora, por isso parto do pressuposto de que você entenda que o culto no templo na Antiga Aliança agora se tornou a assembleia pública dos santos em culto solene, que não “se restringe ou se faz mais aceitável a um certo lugar em que se ofereça” e “que não deve ser descuidada nem voluntariamente negligenciada ou esquecida, quando Deus, por meio de sua Palavra ou por sua providência proporcione ocasião.” (Confissão de Fé de Westminster, XXI, seção VI) A pergunta é: “Por que Deus não está proporcionando ocasião para O cultuarmos solenemente no meio desta catástrofe sanitária?”

Se você é presbítero de uma igreja, você já teve que pastorear um membro que falta aos cultos por razões ilegítimas? Você já teve que lembrar uma ovelha que quando ela está de férias em uma outra localidade isso não significa férias do culto solene? (Você já teve que lembrar um ministro do Evangelho disso também?) Você já teve que ouvir algum insulto, porque você não foi à festa de aniversário de alguém da sua igreja, que não podia realizá-la noutro dia? Os exemplos são inúmeros de como o povo de Deus não deseja estar com Ele em culto solene especialmente no Dia do Senhor.

Vejamos alguns textos da Palavra que nos admoestam nesse sentido (a lista não é exaustiva, obviamente):

Salmo 84:10 – *“Pois um dia nos teus átrios vale mais que mil; prefiro estar à porta da casa do meu Deus, a permanecer nas tendas da perversidade.”* Será que o desejo do salmista tem sido o desejo do nosso coração? Nunca foi uma questão de formalidade, mas sempre de prioridade.

Salmo 87:1,2 – *“Fundada por ele sobre os montes santos, o SENHOR ama as portas de Sião mais do que as habitações todas de Jacó.”* Enquanto no Salmo anterior vemos o desejo do salmista, aqui vemos o desejo do próprio Deus por seu culto solene. O contraste entre as “portas de Sião” e as “habitações de Jacó” representam uma diferença entre culto solene e outras atividades devocionais, o culto doméstico, por exemplo. Não discutimos a importância do culto doméstico para nossas vidas (aliás consigo prever uma revalorização desta prática nestes dias de quarentena), mas o Salmo nos deixa claro que para Javé não há momento mais sublime do que estar com seu povo em ajuntamento solene. Não deveríamos imitá-lo nesse sentido também?

Salmo 137:1-4 – *“Às margens dos rios da Babilônia, nós nos assentávamos e chorávamos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros que lá havia, pendurávamos as nossas harpas, pois aqueles que nos levaram cativos nos pediam canções, e os nossos opressores, que fôssemos alegres, dizendo: Entoai-nos algum dos cânticos de Sião. Como, porém, haveríamos de entoar*

o canto do SENHOR em terra estranha?” Era impossível para o povo de Deus cultuá-lo solenemente fora de Jerusalém, longe do seu Santo Templo. Nós não estamos em terra estranha e mesmo assim estamos impedidos de estar na presença especial de Deus em nossas próprias igrejas, nos locais de culto. Se isso fazia o povo da Aliança chorar naqueles dias, quanto mais não deveríamos nós chorar, o povo da Nova Aliança? Você já chorou por causa dos idosos que estão falecendo na Itália? E por causa do próximo domingo no qual não poderemos responder à santa convocação de Deus?

O título do capítulo XXI da Confissão de Fé de Westminster citado acima é: “Do Culto Religioso e do Dia de Descanso”. É impossível tratarmos da importância do culto sem considerarmos o Dia do Senhor, principalmente no contexto do profeta Jeremias. O profeta escreve em seu poema sombrio: *“Jerusalém pecou gravemente; por isso se tornou repugnante; todos os que a honravam a desprezam, porque lhe viram a nudez; ela também geme e se retira envergonhada.”*

Sem dúvida, a lista de pecados de Sião contemplava toda a lei de Deus, mas geralmente, nos profetas, a ênfase do pecado recai sobre a violação dos sábados do Senhor. Em Isaías 56:2 lemos: *“Bem-aventurado o homem que faz isto, e o filho do homem que nisto se firma, que se guarda de profanar o sábado e guarda a sua mão de cometer algum mal.”* Já em Ezequiel 20:12,13 lemos: *“Também lhes dei os meus sábados, para servirem de sinal entre mim e eles, para que soubessem eu sou o SENHOR que os santifica. Mas a casa de Israel se rebelou contra mim no deserto, não andando nos meus estatutos e rejeitando os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles; e profanaram grandemente os meus sábados. Então eu disse que derramaria sobre eles o meu furor no deserto, para os consumir.”* Estes dois textos são bem claros, porém não tão detalhados quanto a profecia do próprio Jeremias, capítulo 17, versículos 19 a 27. Matthew Henry comenta a respeito dessa passagem:

Eles devem descansar de seus empregos seculares no dia do Descanso, não devem fazer trabalho servil. Eles não devem carregar cargas para dentro de cidade nem para fora, para dentro de suas casas ou para fora; cargas de milho dos maridos não devem ser carregadas para dentro, nem adubo carregado para fora; nem cargas de mercadores ou suas mercadorias devem ser importadas ou exportadas. Cavalos, carros, ou carroças de carga não devem ser vistos no dia

do Descanso, nem nas ruas nem nas estradas; os porteiros não devem fazer comércio neste dia, nem devem os servos ser obrigados a apanhar mantimentos ou combustível. É um dia de descanso, e não deve ser transformado em dia de trabalho, a não ser em caso de necessidade.[1]

Matthew Henry também fala acerca das bênçãos mencionadas no texto detalhadamente:

Que eles se prontifiquem a santificar o Descanso e a não realizar nenhum trabalho nele; então:

1) A corte florescerá. Reis em sucessão, ou os muitos ramos da família real ao mesmo tempo, todos como grandes reis, com os outros príncipes que se sentam nos tronos de julgamento, os tronos da casa de Davi (Sl. 122:5), passarão com grande pompa pelas portas de Jerusalém, alguns em carruagens e alguns em cavalos, acompanhados por um grande número dos homens de Judá. A honra do governo é a alegria do reino; e o suporte da religião contribuiria grandemente para ambos.

2) A cidade florescerá. Que a face da religião esteja levantada em Jerusalém, pela santificação do Descanso, para que Jerusalém faça jus ao nome, a Cidade Santa, e então ela permanecerá para sempre e será para sempre habitada... tudo aquilo que apoia a religião tende a estabelecer os interesses civis da terra.

3) O país florescerá: As cidades de Judá e a terra de Benjamim serão restauradas com um vasto número de habitantes, e estes terão tudo em abundância e viverão em paz, e isso será visto pela quantidade e pelo valor de suas ofertas, que eles apresentarão a Deus. Nisso um país pode ser julgado: O que ele faz para a honra de Deus? Aqueles que negligenciam a religião são países pobres ou estão a caminho de se tornarem pobres.

4) A igreja florescerá: holocaustos, sacrifícios, ofertas de manjares e incenso serão levados à casa do Senhor, para a manutenção do serviço da casa e dos servos que nela servem. Os estatutos de Deus serão conscientemente observados; nenhum sacrifício ou incenso serão oferecidos a ídolos, nem a parte de Deus, mas tudo será conforme a vontade de Deus... Então quando a religião florescer no meio deles o

povo também florescerá. Este é o efeito da santificação do dia do Descanso; quando este ramo da religião é exaltado outros aspectos da religião serão exaltados; porém, quando ele é esquecido, a devoção também é esquecida e perdida em superstição e profanação... os rios da religião permanecem fundos ou rasos na mesma proporção em que o dia do Descanso é guardado ou negligenciado. [2]

Por outro lado, se todas essas bênçãos não fossem suficientes para convencer Israel da importância do quarto mandamento, então Deus os ensinaria por um modo negativo, ou seja, por meio de maldição: *“Mas, se não me ouvirdes, e, por isso, não santificardes o dia de sábado, e carregardes alguma carga, quando entrardes pelas portas de Jerusalém no dia de sábado, então acenderei fogo nas suas portas, o qual consumirá os palácios de Jerusalém e não se apagará.”* (Jeremias 17:27). Aqui temos a predição de Jeremias em relação ao cativeiro babilônico. Podemos ver que a maldição é inversamente proporcional às bênçãos, ou seja, usando as mesmas expressões que Matthew Henry utilizou para falar das bênçãos, caso Israel não santificasse o dia do sábado, a corte não floresceria, a cidade não floresceria, o país não floresceria e a igreja não floresceria. Hoje, nós como igreja, apresentamos os mesmos sintomas de Israel e experimentamos punições semelhantes. Não é irônico que nos próximos Dias do Senhor nós, de fato, veremos comércios fechados, trabalhos desnecessários não sendo realizados, recreações ilícitas nesse dia não acontecendo e a humanidade, não apenas a igreja, aprendendo a “descansar” forçadamente. Os domingos parecerão um sonho exceto que a igreja não estará vibrando com seus cultos solenes!

Em Jeremias 29:10, aprendemos quanto tempo o povo de Deus passou em cativeiro: *“Assim diz o SENHOR: Logo que se cumprirem para a Babilônia setenta anos, atentarei para vós outros e cumprirei para convosco a minha boa palavra, tornando a trazer-vos para este lugar.”* Por que setenta anos? Seria esse um número aleatório?

Temos a resposta em 2 Crônicas 36:21, *“para que se cumprisse a palavra do SENHOR, por boca de Jeremias, até que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram.”* E principalmente na Torá, em Levítico 26:34,35,43 – *“Então, a terra folgará nos seus sábados, todos os dias da sua assolação, e vós estareis na terra de vossos inimigos; nesse tempo, a terra descansará e folgará nos seus sábados. Todos os dias da assolação descansará, porque não descansou*

nos vossos sábados quando habitáveis nela..., mas a terra na sua assolação, deixada por eles, folgará os seus sábados; e tomarão eles por bem o castigo da sua iniquidade, visto que rejeitaram os meus juízos e a sua alma se aborreceu dos meus estatutos.”

Os setenta anos de cativeiro foram equivalentes aos sábados não guardados por Israel! Você consegue imaginar Deus fazendo o mesmo conosco? Usando a mesma proporção? Você tem noção de como a igreja tem aborrecido os estatutos de Javé especialmente o quarto mandamento? Espero que o Corona Vírus e suas terríveis consequências não durem nem setenta dias. Repito, foram setenta anos sem que o povo cultuasse a Deus adequadamente no seu santo templo. Será que isso não é pior do que a morte? Viver sem poder cultuar a Deus na beleza de sua santidade em culto solene? Agora podemos entender um pouco melhor porque os discípulos pensaram que seria o fim do mundo quando Jesus profetizou que o templo seria destruído em 70 d.C. Como é que o mundo pode continuar sem que Deus manifeste a sua presença especial nos ajuntamentos santos?

Não sei qual é a sua posição escatológica, mas posso lhe garantir que você não deve se desesperar diante desse quadro de grandioso juízo de Deus, se você estiver em Cristo. Bem no centro da tenebrosa poesia das lágrimas do profeta chorão nós lemos: *“Quero trazer à memória o que me pode dar esperança. As misericórdias do SENHOR são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade. A minha porção é o SENHOR, diz a minha alma; portanto, esperarei nele. Bom é o SENHOR para os que esperam nele, para a alma que o busca. Bom é aguardar a salvação do SENHOR, e isso, em silêncio.”* A salvação do SENHOR é o próprio Senhor Jesus Cristo e é por isso, e somente por isso que você não deve se desesperar, mesmo enquanto Deus nos pune violentamente.

Não sei o que será de cada um de nós durante a pandemia. Deus que puniu o povo com o cativeiro prometeu que eles voltariam e eles reconstruíram o templo.

Aqueles que estão em Cristo e não sobreviverem ao Corona já estarão diante do Senhor da Glória cultuando-O sem defeito. Nesse caso morrer é melhor do que ficar sem cultuar solenemente a Deus. Já aqueles que estão em Cristo e que sobreviverão ao vírus, terão a oportunidade de cultuar como nunca cultuaram antes. O seu principal prazer será estar no culto solene a Deus. Não haverá outra atividade mais importante do que essa.

O principal planejamento de suas férias será onde cultuar. Guardarão o Dia do Senhor como nunca guardaram antes. De fato, terão deleite nesse dia e não trabalharão e nem farão outros trabalhos desnecessariamente. Preferirão a morte do que ficar mais um domingo sequer sem a presença especial de Javé no ajuntamento solene. Cantarão sinceramente o Salmo 63, especialmente seus primeiros versículos: *“Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água. Assim eu te contemplo no santuário, para ver a tua força e a tua glória. Porque a tua graça é melhor do que a vida; os meus lábios te louvam.”* Se a graça de Deus é melhor do que a vida, então ficar sem sua graça no culto solene é pior do que a morte! Ó Deus, nos livre do Corona Vírus para que possamos, o mais rapidamente possível, te louvar com nossos lábios novamente em ajuntamento solene. Amém.

*artigo escrito no final do mês de Março de 2020, quando as igrejas começaram a fechar suas portas, devido à quarentena decretada pelas autoridades em virtude da pandemia do coronavírus.



Rodrigo Brotto, casado com Alessandra Brotto há 17 anos, pai de Sofia, Tito e Giana. Pastor da Igreja Presbiteriana Litorânea, em João Pessoa/PB, uma congregação da Igreja Presbiteriana do Alto Branco, localizada em Campina Grande/PB.



GABRIEL FERREIRA

DESIGNER GRÁFICO | FREELANCER

Olá, sou Gabriel Ferreira, designer freelancer e criador da capa.
Inspiro-me no melhor designer e criador de todo universo, nosso Deus.

Te convido para conferir minhas redes sociais e acompanhar um
pouco mais do meu trabalho.



/gfdesigner



@gsfdesigner